

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
HÉLIO RICHE BANDEIRA

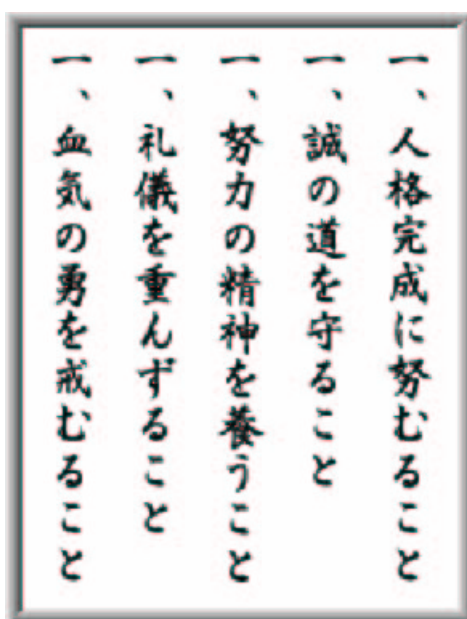
PERCEPÇÕES DE ALUNOS DE
KARATE
SOBRE AGRESSIVIDADE / VIOLÊNCIA:
APLICAÇÕES EDUCACIONAIS
NO ENSINO DE
ARTES MARCIAIS

Porto Alegre, janeiro de 2006

Dissertação de Mestrado em Educação,
Orientador: Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus
Prof^a. Dr^a. Leda Lísia Franciosi Portal
Prof. Dr. Francisco Xavier de Vargas Neto



Dojokun (lema do karate):

- *Esforçar para a formação do caráter.*
- *Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão.*
 - *Criar o espírito de esforço.*
 - *Respeito acima de tudo.*
- *Conter o espírito de agressão.*



FEDERATION MONDIALE DE KARATE-FMK
WORLD KARATE FEDERATION-WKF
Filiada ao Comitê Olímpico Internacional

A Federação Mundial de Karate, internacionalmente conhecida como **FMK** Federation Mondiale de Karate / **WKF** World Karate Federation, é a única organização de karate reconhecida pelo **IOC** / Comitê Olímpico Internacional. Representa 173 países, dos cinco continentes, somando mais de 10 milhões de federados. A cada dois anos, organiza os Campeonatos Mundiais das classes **Junior e Senior**. Seu atual Presidente é Antonio Espinós Ortueta, e a sede em Madri/Espanha.

Historia: O Karate foi introduzido na Europa por volta de 1950, por Professores Japoneses, principalmente da **NKK** / Nihon Karate Kiokay Associação Japonesa de Karate. Em 1961, o karate francês desvinculou-se da Federação Francesa de Judô, e foi nomeado Jacques Delcourt seu Presidente. Dois anos depois, havia seis federações européias, Itália, Grã Bretanha, Bélgica, Alemanha, Suíça e Espanha, e o primeiro evento internacional ocorreu entre França, Grã Bretanha e Bélgica. Em dezembro de 1963, seis federações reuniram-se em Paris, no 1º Congresso Europeu de Karate, para melhorar a difusão e organização dos torneios. Acreditando impossível a unificação dos diferentes estilos, decidiram unificar a arbitragem. Em 1965, foi criada a **EKU** / *União Européia de Karate*, com Jacques Delcourt de Presidente. No ano seguinte, em Paris, aconteceu o primeiro Campeonato Europeu, com aproximadamente 300 competidores; transmitido ao vivo, pela televisão, foi criticado como violento, devido à grande quantidade de feridos. No Conselho da *União Européia de Karate*, as opiniões divergiam sobre a causa de tantas lesões, do excesso de violações das regras à falta de condicionamento físico e de habilidade em defesa, desencadeando o 1º curso de árbitros, em Roma, decidindo aplicar, como base, as regras de arbitragem da JKA.

Em 1970, Jacques Delcourt criou, na Europa, a **IKU** / International Karate Union, pretendendo organizar o karate mundial. Contudo, o Japão é berço da modalidade, e Ryoichi Sasakawa, Presidente da **FAJKO** / Federation of All Japan Karatedo Organization, viajou à França, onde a IKU foi dissolvida, e constituída nova organização conjugando as federações européia e japonesa, com nome de **WUKO** / World Union Karate Organizations, a *União Mundial de Organizações de Karate*.

Assim, há quarenta anos, o karate recebia um tratamento de desporto mundial, com uma federação internacional, e regras unificadas para competições reconhecidas pelo **IOC** / Comitê Olímpico Internacional. A seguir, passou a participar de todos Jogos Continentais.

Contudo, o **IOC** / Comitê Olímpico Internacional condicionou o ingresso, nos Jogos Olímpicos mundiais, à unificação da modalidade, exigindo a unificação com a **ITKF** / International Tradicional Karate Federation, criada a partir de uma organização de estilo, e de menor representatividade que a Wuko. Contudo, o pretexto de que as regras reduzindo o contato, para competições mais seguras, desvirtuariam a “tradição”, preocupava o Comitê Olímpico, que, para insistia que ocorresse a unificação. Houve

reiteradas rodadas de negociações, sem qualquer resultado. A ITKF simulava negociar, mas não queria unificar. Pretendia continuar auferindo receitas e controlando seus filiados. Se, naquele momento, mostrasse sua real intenção, o Comitê Olímpico desistiria da unificação, filiar a WUKO, e o Karate ingressaria nos Jogos Olímpicos o que, obviamente, esvaziaria as organizações fora do movimento olímpico.

Foram quase duas décadas, até que o IOC nomeou, para arbitrar a fusão, um membro do Comitê Olímpico Japonês, o qual, rapidamente, detectou as reais intenções da ITKF e, em 1990, determinou que a WUKO se transformasse na WKF. Comprovando as conclusões do árbitro, a ITKF realiza suas competições usando similares regras para reduzir o contato, exatamente o que, alegaram duas décadas, desvirtuaria a “tradição”. Quando superada a aporia – e escancarada a dissimulação da ITKF e seu interesse em manter a divisão - o ingresso do karate nos Jogos Olímpicos mundiais era impossível devido ao gigantismo: O limite, de dez mil atletas, havia sido atingido, e, para ingressar um novo esporte, é necessário a saída de outro. Em 2010, o Sport Accord Combat Games desencadeia uma nova perspectiva: As artes marciais são a segunda atividade física mais praticada no planeta, projetando o sucesso dos Jogos Olímpicos Marciais.

W K F: A principal missão da WKF é difundir o karate como esporte através de organização de campeonatos mundiais e da promoção da sua prática junto aos países membros. A efetividade do seu desenvolvimento está avaliada pelos inúmeros países filiados e pela grande quantidade de praticantes, convertendo o karate em um dos esportes mais difundidos no mundo.

Estrutura: Federações em cada um dos cinco continentes estão representadas na WKF: Federação Asiática (AKF); Federação Européia (EKF); Federação de Oceania (OKF); Federação Panamericana (PKF); Federação Africana (UAKF); Federação Mediterrânea (UMKF). As cinco cores, que compõem o logotipo da WKF, simbolizam a universalidade do Karate. Inspirado nos anéis olímpicos, criados em 1913, os **cinco círculos** representam os **continentes entrelaçados** pelo esporte: África (**preto**); Ásia (**amarelo**); Oceânia (**azul**); América (**vermelho**¹) e Europa (**verde**²). A WKF é uma das organizações desportivas internacionais de maior desenvolvimento nos últimos anos.

Campeonatos Mundiais: Os campeonatos mundiais de karate são realizados desde o ano de 1970 e, atualmente, reúnem cem (100) países a cada edição, atraindo a máxima atenção dos aficionados desse esporte, chegando a 30.000 espectadores durante os quatro dias de competição, com audiências milionárias, através da cobertura dos meios de comunicação.

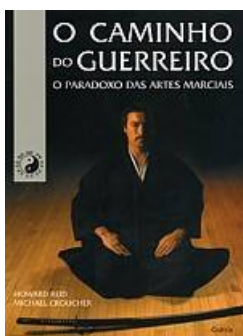
Em 18 de Março de 1999, o IOC/COI em sua 109ª sessão (Seul), reconheceu a WKF, definitivamente, como representante mundial do esporte karate. Todas as federações esportivas filiadas à WKF estão reconhecidas, em seus países, pelos respectivos Comitê Olímpico Nacional e autoridades desportivas.

¹ O **vermelho** é associado a América devido aos seus antigos habitantes, de pele-vermelha.

² O **Verde** representa as florestas da Europa que, há milênios, motivaram a migração humana.

Apresentação:

Não obstante ser excelente arquiteto, o Prof. Helio cultiva, há três décadas, sua vocação para o ensino de uma arte paradoxal, Apesar de prepararem para o combate, as artes marciais fomentam o caráter pacifista: Aprender a arte de lutar molda a paz e tranqüilidade. No livro “Samurai, o Lendário Mundo dos Guerreiros”, Stephen Turnbull, Doutor em História, graduado pela Universidade de Cambridge, intitula a conclusão de “O Paraireitdoxo da Tranqüilidade”.



Howard Reid e Michael Croucher, principais repórteres da BBC, visitaram Índia, China, Japão, e Filipinas, produzindo documentários sobre os grandes mestres das artes marciais: *Aikido, Bojutsu, Eskrima, Hsing-I, Kalaripayit, Karate, Kendo, Kung-Fu, Marma Adi, Naginata-Dô, Pa-Kua, Shorinji Kempo, T'ai-Chi*. Depois, descreveram sua perplexidade ante o fato de que a prática de habilidades mortais conduzem à iluminação espiritual: “O Caminho do Guerreiro, O Paradoxo das Artes Marciais.”

A preparação para a luta propicia a paz interior e os mais exímios lutadores do mundo, os virtuosos, são pacifistas, éticos, disciplinados, tranqüilos, e dotados de extraordinário grau de percepção. Nesta monografia, com a qual conquistou o merecido grau de Mestre em Educação, o Prof. Hélio consolida essas percepções, adequando-as à realidade brasileira, demonstrando a enorme contribuição das artes marciais para a educação. Honra-nos atender seu pedido, de consolidar a formatação, e divulgar o trabalho, em nosso espaço de Direito Desportivo, especialmente enquanto se realizam os *I Jogos Marciais*.

Professor Luiz Roberto Nunes Padilla, Direito Desportivo, UFRGS

<http://www.padilla.adv.br/desportivo/artesmarciais/>

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Claus Dieter Stobäus pelo conhecimento, carinho e confiança que me dedicou como orientador e como um ser humano extraordinário.

Ao Programa de Mestrado em Educação da PUC, em especial, ao seu coordenador Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera, pela carinhosa acolhida e pela oportunidade de concretizar este sonho.

À Prof^ª. Dr^ª. Leda Lísia Franciosi Portal por me levar a refletir da necessidade da construção de um ser humano mais espiritualizado e “humano”.

Aos professores do Curso do Mestrado pelos conhecimentos e reflexões que me auxiliaram na construção desta caminhada.

Aos meus colegas de mestrado pelo carinho que me dedicaram tornando esta construção mais tranquila e prazerosa.

Ao Colégio Militar de Porto Alegre, em especial ao Cel Araújo, pela confiança e apoio recebido que viabilizou a realização do curso de Mestrado em Educação.

Aos acadêmicos de Educação Física Gretel Diefenthaler e Alexandre Andrade pela ajuda que me deram no desenvolvimento de minhas funções no Colégio Militar.

Aos meus professores, colegas e alunos do karate por me permitirem descobrir a riqueza da essência desta arte marcial.

À minha esposa e amigos por me aturarem e me compreenderem.

Em especial, à minha filha Dafne, significado maior de minha vida, que soube suportar e compreender a falta de atenção e tempo que, muitas vezes, deixei de dedicar a ela para poder vencer esta difícil caminhada. Ela representou, nos momentos mais cruciais, a fonte de força e carinho para não esmorecer nunca, conforme retrato nesta singela passagem: Certa vez, enquanto eu fazia algumas tarefas do mestrado no computador, minha filha brincava próxima de mim. Já cansado e estressado de tanto trabalhar comentei: *O papai está muito cansado*. Ela, que nesta passagem tinha apenas três anos de idade, prontamente parou de brincar, foi buscar um banquinho e colocou-o atrás de mim. Subiu nele e sem falar nada começou a fazer-me uma massagem nas costas.

SUMÁRIO:

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE SIGLAS

TERMOS DO KARATE

INTRODUÇÃO

1 JUSTIFICANDO A TRAJETÓRIA DA ESCOLHA DO PROBLEMA

2 CONTEXTUALIZANDO O TEMA TEORICAMENTE

2.1 O karate: uma arte marcial espiritual embasada na cultura oriental

2.2 Agressividade e violência

3 PROCEDENDO A METODOLOGIA

3.1 Objetivos

3.2 Área temática

3.3 Questões norteadoras

3.4 Participantes do estudo

3.5 Local da pesquisa: o Colégio Militar de Porto Alegre

3.6 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

3.7 Análise dos dados

4 VISUALIZANDO AS PERCEPÇÕES DOS KARATECAS

4.1 Percepções sobre agressividade/violência no contexto geral

4.2 Percepções sobre agressividade/violência no karate

4.3 A motivação para praticar o karate

4.4 Influências do karate sobre agressividade/violência

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICES

RESUMO:

Esta pesquisa tem por finalidade conhecer, compreender e analisar as percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência no ensino das artes marciais, no intuito de buscar caminhos para a construção de um ser humano mais consciente e menos violento.

A investigação é de cunho qualitativo e está caracterizada como um estudo de caso. O principal instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada, a qual foi aplicada a doze

adolescentes, na faixa etária entre 14 e 18 anos, de sexo masculino ou feminino, frequentadores das aulas de karate no Colégio Militar de Porto Alegre. Também foi adotada, como forma auxiliar na coleta de dados, observações do cotidiano das aulas de karate, realizadas pelo próprio pesquisador.

Os dados foram estudados utilizando-se Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2004).

A partir das percepções dos karatecas, embasadas no referencial teórico, emergiram as seguintes categorias: percepções sobre agressividade/violência no contexto geral; percepções sobre agressividade/violência no karate; motivações para praticar o karate; e influências do karate sobre agressividade/violência.

Analisados e interpretados os resultados, conclui-se que o ensino do karate pode ser um precioso instrumento no auxílio da Educação para Saúde e Educação para a Paz.

Na Educação para a Saúde pelo desenvolvimento do condicionamento físico em geral e por funcionar como uma espécie de válvula de escape psicológica, no alívio de tensões e estresses causadores de diversas enfermidades.

Na Educação para a Paz principalmente pelo controle da agressividade e pela procura de uma maior espiritualidade que levam seus praticantes a tomarem atitudes não violentas perante a resolução de conflitos. Esta visão leva também o praticante a um desenvolvimento mais integral e harmônico, levando em conta não somente o aspecto físico, mas também o mental, o emocional e o espiritual.

Palavras-chave: agressividade; violência; artes marciais; karate; espiritualidade;

Educação para a Paz; Educação para a Saúde.

ABSTRACT:

This research has the aim of knowing, understanding and analyzing karate students awareness of aggressiveness/violence on the learning of martial arts with the idea of finding ways of building a more conscious and less violent human being.

The investigation has a qualitative character after a case study. The main instrument of data collecting was a semi-structured interview applied to twelve adolescents, 14 to 18 years old, male or female, which take karate classes at CMPA. Everyday observation during karate classes taught by the researcher was also used as data.

The data was studied using Content Analysis, according to Bardin (2004).

Starting from the awareness of the karate fighters, using the theoretical reference, the following categories emerged: awareness of aggressiveness/violence in the general context;

awareness of aggressiveness/violence of karate; motivation for the practice of karate; and the karate influences on aggressiveness/violence.

After the analysis and interpretation of results we come to the conclusion that the learning of karate can be a precious helping instrument on the Education for Health and Education for Peace.

Education for Health because of the development of general physical conditioning and for working as a kind of psychological escape in the relief of tensions and stress that can lead to illnesses.

Education for Peace mainly because of the aggressiveness control and search for a higher spirituality which conduct the practitioners to take a non-violent attitude when dealing with conflict resolution. This view also takes the practitioner to a more harmonic and complete development not physical, but also mental, emotional and spiritual.

Key words: aggressiveness; violence; martial arts; karate; spirituality; Education for Peace; Education for Health.

LISTA DE SIGLAS

CBK: Confederação Brasileira de Karate

CMPA: Colégio Militar de Porto Alegre

CMRJ: Colégio Militar do Rio de Janeiro

COI: Comitê Olímpico Internacional

DEP: Departamento de Ensino e Pesquisa

DEPA: Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial

EPPA: Escola Preparatória de Porto Alegre

FGK: Federação Gaúcha de Karate

ONU: Organização das Nações Unidas

PLADIS: Planos de Disciplinas

PLAEST: Planos de Área de Estudo

PUC: Pontifícia Universidade Católica

SEF: Seção de Educação Física

SEL: Sociedade Esportiva Literária

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO: sigla em inglês da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

TERMOS DO KARATE

Budô: caminho marcial.

Do: caminho.

Dojô: sala de treinamento.

Goju-ryu: escola da força e flexibilidade, um dos estilos do karate.

Gueksai-dai-it: primeiro kata do goju-ryu.

Gueksai-dai-ni: segundo kata do goju-ryu.

Kara: vazio.

Karate-do: caminho das mãos vazias.

Kata: forma.

Ki: espírito.

Kiai: o grito do espírito.

Kihon: fundamentos, treino de base.

Kumite: luta, combate.

Kururunfa: décimo primeiro kata do goju-ryu.

Saifa: quarto kata do goju-ryu.

Sanchin: terceiro kata do goju-ryu.

Sanseru: sétimo kata do goju-ryu.

Seienchen: quinto kata do goju-ryu.

Seipai: oitavo kata do goju-ryu.

Seisan: décimo kata do goju-ryu.

Shisochen: nono kata do goju-ryu.

Suparimpei: décimo segundo kata do goju-ryu.

Tatame: piso que recobre o dojô.

Te: mãos.

Teisho: sexto kata do goju-ryu.

Waza: técnica.

Zen: para frente, meditação.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual apresenta um ritmo agitado e uma crescente onda de violência, deixando as pessoas mais inseguras e estressadas. Colaborando com este clima, se desenvolve cada vez mais uma visão competitiva e materialista de vida, tornando o **ter** mais importante do que o **ser**.

Os meios de comunicação diariamente exploram a violência nas suas mais variadas formas, sejam elas no plano mundial como as guerras e as ações terroristas, ou no plano local como a violência do trânsito, a questão das drogas e a insegurança pública.

O meio escolar, como um setor integrante da sociedade, também apresenta a problemática da violência sob forma de agressões físicas, vandalismo, desavença entre grupos organizados, acertos de conta fora da escola, intimidações, relações conflituosas entre alunos e educadores, tráfico de drogas, abuso e exploração sexual.

Diante desta realidade caótica temos, em contrapartida, uma crescente onda de manifestações em favor da paz e da não violência. Movimentos e organizações são criados para conscientizar, problematizar e combater a violência. Começa a aparecer um consenso popular na busca da paz, não só pela passividade ou fuga da violência, mas pela necessidade de haver ações e mobilizações em atividades que busquem uma cultura de paz. Essa conscientização sobre a paz também atingiu o nível global como bem expressa a proclamação, por parte da Assembleia Geral das Nações Unidas, do Ano 2000 como *Ano Internacional por uma Cultura de Paz*³ e da Década 2001-2010, como a *Década Internacional para uma Cultura de Paz e Não Violência para as Crianças do Mundo*.⁴

Como podemos perceber violência e paz estão cada vez mais no convívio de nosso dia-a-dia. Portanto cabe a todos os segmentos de formação da sociedade, mas principalmente à educação, conscientizar e direcionar caminhos para a superação da violência e de promoção de culturas de paz. Neste sentido é fundamental encontrarmos caminhos que nos direcionem na construção de um mundo mais justo e menos violento.

Os esportes em geral são uma boa válvula de escape não destrutiva das tensões, e dentre eles, encontramos as artes marciais, as quais determinam um equilíbrio psicofísico e preparam uma diminuição paralela da agressividade, ou quando menos, uma canalização controlada e positiva, eliminando os estados de ansiedade e angústia típicos do homem moderno. O treinamento das artes

³ Através da resolução 52/125, de 20 de novembro de 1997.

⁴ Através da resolução 53/25, de 10 de novembro de 1998.

marciais também favorece a coordenação psicofísica, potencia a melhora dos sistemas de autoconhecimento do sujeito e sua capacidade de percepção, iniciativa e improvisação.

O karate, que é uma das artes marciais mais difundidas da atualidade, põe a prova o caráter, a personalidade, a alma e o organismo de quem o pratica fazendo com que uma luta interna exista com o praticante levando-o a desafiar e vencer a si mesmo.

O karate, embora sendo visto por uma grande parcela de pessoas que não vivenciam seus ensinamentos, como um desporto violento voltado para por seus conhecimentos na transformação de seus praticantes em hábeis lutadores de rua, é, na verdade, de acordo com seus preceitos filosóficos, um desporto que busca para encontrar a sua verdadeira finalidade sistemas de treino espiritual sob formas de Educação Física no prisma da defesa pessoal e/ou atividades físico-esportivas para cidadãos através do uso integrado das energias física e mental, conduzindo a uma harmonia social em busca da paz.

Devemos lembrar também que no karate existe a parte da competição esportiva, principalmente quando ensinado a jovens e adolescentes. A competição é um elemento muito importante para o desenvolvimento e divulgação do esporte e de seus praticantes, contudo ela deve ter o cuidado de não fugir dos fundamentos espirituais e filosóficos que embasam o karate. Infelizmente, hoje em dia, alguns instrutores têm-se voltado demasiadamente para o karate como um desporto de competição que tem por meta, prioritariamente, a conquista de títulos e medalhas. A competição deve ser vista apenas como uma fração do karate e, se mal orientada, pode conduzir a uma maior agressividade/violência, porém, se bem orientada, mesmo aumentando um pouco a agressividade e ansiedade do karateca, faz com que estas sejam canalizadas em outras atividades ou até fases do treinamento de forma positiva.

O presente estudo busca conhecer, compreender e analisar as alterações de comportamento dos praticantes de karate através de suas percepções sobre agressividade/violência contribuindo para futuras buscas na área da Educação, Psicologia e Educação Física.

A pesquisa está inserida na linha de pesquisa Desenvolvimento da Pessoa, Saúde e Educação e procura relacionar a importância da disciplina de karate no sistema escolar como uma forma de melhorar o controle sobre a agressividade/violência dos alunos. Desta forma o karate pode tornar-se uma opção estratégica para o combate da violência, que, na atualidade, se transformou num complexo problema causador de inquietude social.

Nesta perspectiva, o Relatório de Pesquisa está estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo é composto pela justificativa e o enunciado do problema.

No segundo capítulo, é apresentada uma contextualização teórica, composta por conhecimentos relevantes sobre os temas que constituem a base para o desenvolvimento da pesquisa. Este capítulo é dividido em duas partes principais: a primeira trata do karate, como uma arte marcial espiritual embasada na cultura do extremo oriente, e a segunda discorre sobre as conceituações e relacionamentos da agressividade e violência no meio escolar e nos esportes.

A metodologia é apresentada no capítulo três, caracterizando-se o estudo, a investigação e os procedimentos metodológicos.

As dimensões emergentes das análises das percepções dos entrevistados juntamente com uma

discussão teórica são apresentadas no capítulo quatro.

No capítulo cinco são expostas as considerações finais e no capítulo seis as referências bibliográficas adotadas no estudo.

1 JUSTIFICANDO A TRAJETÓRIA DA ESCOLHA DO PROBLEMA

Desde os tempos mais remotos, o homem está à procura de uma harmonia entre o corpo, a mente e o espírito. Nesta busca incessante, o karate surgiu para mim como um meio para encontrar a solução deste conflito.

Iniciei meu treinamento nesta arte marcial no ano de 1973, visando, como a maioria dos jovens, tornar-me um hábil lutador e ter uma boa aparência física. Mas com o decorrer dos anos de treinamento percebi que outros aspectos mais importantes, decorrentes da busca da essência dos princípios filosóficos do karate, começaram a influenciar de uma forma mais determinante na minha formação de caráter e comportamento, como, principalmente, a melhora do meu controle nas mais diversas situações na vida social e escolar. O karate, através de seus treinamentos, diminuía a minha ansiedade e estresse fazendo sempre refletir sobre qualquer situação, tornava-me mais confiante para enfrentar os desafios e direcionava-me para atitudes não agressivas perante os conflitos naturais de todo adolescente.

Depois de decorridos dez anos de meu ingresso no karate, comecei a ministrar aulas deste desporto em academias e colégios. Nesta época estava quase terminando o curso de Arquitetura, e as aulas de karate funcionavam também como um “bico” para auxiliar no meu sustento. Porém, conforme lecionava, percebia que me faltavam subsídios para melhor elaboração e desenvolvimento das aulas, pois todos os meus ensinamentos eram transmitidos na forma do senso comum, exatamente como eu aprendera com meus professores de artes marciais.

Percebendo esta deficiência, logo após terminar o curso de Arquitetura, ingressei no curso de Educação Física da UFRGS, onde compreendi o quanto a minha formação era incompleta para ministrar aulas de karate, pois possuía um conhecimento muito superficial de importantes disciplinas como didática, psicologia, anatomia, fisiologia, entre outras, que são fundamentais para a construção dos ensinamentos respeitando as características individuais de cada um.

No ano de 1992, três anos após terminar o curso de Educação Física, ingressei no Colégio Militar de Porto Alegre como professor desta disciplina, onde permaneço até o presente momento. Nesta época, também, comecei a direcionar as minhas atividades profissionais mais para o ensino do que para a arquitetura, principalmente, porque comecei a refletir que, para mim, era importante ajudar a construir casas e prédios, mas era muito mais importante e significativo ajudar a construir pessoas.

Dando prosseguimento na busca de novos conhecimentos para tornar-me um melhor educador, fiz o curso de especialização de Ciências do Esporte da UFRGS, no qual, na disciplina de Psicologia do Esporte, apresentei um estudo sobre a agressividade e a violência no karate. Este estudo era composto por questionários aplicados a praticantes com mais de quatro anos de karate, iniciantes e não praticantes, e tendo como resultados, que foram apresentados através de gráficos comparativos, a constatação de que o karate diminuía a agressividade e a ansiedade, principalmente porque aumentava a auto-estima e o autocontrole.

No embasamento teórico deste trabalho observei que a ação agressiva dependia de características

pessoais, sociais e culturais, não podendo desta forma padronizar tal atitude, e que de acordo com os diversos autores podíamos observar que havia posições contrárias que abordavam a agressividade e o efeito do exercício sobre a mesma.

Partindo destas teorias e de minha experiência como professor de educação física, é que me direcionei em aprofundar mais este tema no curso de mestrado, demonstrando sua importância na realização de um ser humano mais bem preparado para enfrentar o nosso mundo atual, o qual possa utilizar-se dos ensinamentos do karate para conseguir, além do aprimoramento físico, qualidades espirituais que lhe permitam ter um melhor controle psicológico, saúde e convívio social.

Durante o transcorrer do mestrado participei, também, do curso de Educação para a Paz, o qual, além de me fornecer preciosos subsídios para minha pesquisa, fez-me perceber de como o ensino do karate pode ser um instrumento valioso para o auxílio da construção de culturas de paz.

Portanto, o ensino do karate, para encontrar a sua verdadeira finalidade, deve ser sempre baseado nos sistemas de treino espiritual, sob formas de educação física no prisma da defesa pessoal e/ou atividades físico esportivas para cidadãos, através do uso integrado das energias física e mental, conduzindo-as à harmonia social em busca da paz.

O presente trabalho tem como objetivo conhecer, compreender e analisar as possíveis alterações de comportamento dos praticantes de karate, através de suas percepções sobre agressividade/violência, contribuindo para futuras buscas na área da Educação e outras afins, além de fomentar a preocupação da falta de pesquisa nas artes marciais, onde encontramos os ensinamentos simplesmente sendo transmitidos, na sua grande maioria, através do senso comum, de um instrutor para outro, sem maiores questionamentos e indagações de seus porquês.

ENUNCIADO DO PROBLEMA

O problema que deu origem à pesquisa foi:

Quais as percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência no ensino das artes marciais?

2 CONTEXTUALIZANDO O TEMA TEORICAMENTE

2.1 O KARATE: UMA ARTE MARCIAL ESPIRITUAL EMBASADA NA CULTURA ORIENTAL

O presente capítulo visa a compreensão da espiritualidade da cultura oriental e de como o karate, que tendo sua origem nessa cultura, pode ser um excelente meio de transformação do homem ocidental em um ser mais espiritualizado e que conviva em harmonia com a natureza e o com as energias do universo.

2.1.1 A CULTURA E A EDUCAÇÃO NO EXTREMO ORIENTE

A cultura e a educação no extremo oriente, mais especificamente dos países berços das artes marciais, baseadas no zen-budismo, ou seja, na doutrina filosófica alicerçada na espiritualidade, meditação e concentração, como é o caso do Japão, Coréia e China, apresentam aspectos bastante distintos dos conhecidos pelos povos ocidentais. O conhecimento destas diferenças, a compreensão da visão educacional do oriente e a importância de uma simbiose de ambas é fundamental para a construção de um mundo melhor. Isto é para mim de vital importância, porque como professor de

educação física e em particular como professor de karate, busco uma educação integral de meus alunos e em especial uma formação baseada no caráter e na não violência, para que estes possam ser cidadãos conscientes e cultivadores de um mundo de paz e harmonia.

Entendemos aqui por cultura, segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 15), *“a modificação do ambiente feita pelo homem e compreende todos os bens materiais assim como espirituais da sua invenção”*. A cultura nos leva a entender que em cada lugar o homem cria maneiras peculiares de adaptar a natureza a si mesmo, bem como ele se adapta à própria natureza. Os mesmos autores também destacam que o desporto é cultura, assim como o praticar o desporto significa desenvolver cultura.

As diferenças culturais entre o ocidente e o oriente são por todos bastante conhecidas. Barbier (*apud* BERTRAND, 2002) as coloca através de duas metáforas, a da pedra e a da água, que nos falam sobre a ocidentalização e a orientalização do mundo.

A metáfora da pedra ou da ocidentalização do mundo nos mostra que a pedra foi o primeiro instrumento da vontade do homem de transformar o mundo, de dominá-lo, pois ela foi, ao mesmo tempo, a primeira arma e a primeira ferramenta do homem. A pedra é dura e estável, mas tem horror aos extremos, às provocações, às mudanças bruscas e incompreensíveis. Com o tempo, ela se transforma em grão de areia e seu universo em um deserto. O paradigma subjacente à metáfora da pedra, ou da ocidentalização do mundo, é de acordo com Barbier (*apud* BERTRAND, 2002, p. 140), *“o da fragmentação, da trituração separando tudo o que existe”*.

A metáfora da água ou da orientalização do mundo nos mostra que a água é uma substância radicalmente ligada e unificada, pois nenhuma onda do mar existe separada do conjunto do oceano. Ela é uma substância de bem estar, indispensável a toda forma de vida, como também uma substância receptiva que acolhe outros elementos. Parece ser dócil e fraca, mas é capaz de todos os desvios diante de um obstáculo, e, às vezes, é tempestiva quando queremos canalizá-la ou domá-la. O paradigma subjacente à metáfora da água é, segundo Barbier (*apud* BERTRAND, 2002, p. 141), o da capilaridade, pois:

Ela supõe uma visão do mundo formada de redes interativas onde cada elemento somente pode ser compreendido através de sua inserção dentro de uma totalidade dinâmica, um campo de relações e uma tomada de consciência de uma outra ordem diferente da consciência de.

Esta visão de um mundo mais espiritualizado foi desenvolvida há milênios não somente pelos povos do oriente, mas, também, pelos povos da África e pelos povos ameríndios. No ocidente, atualmente, já se começa a procurar por uma cultura mais espiritualizada, mas essa ainda se encontra reduzida praticamente ao meio acadêmico, enquanto no oriente ela está difundida em todos os meios, inclusive no popular. Portanto de acordo com Barbier (*apud* BERTRAND, 2002, p. 142) *“devemos substituir a eficácia ocidental a qualquer preço pelo sentido simbólico e a solidariedade comunitária em escala planetária”*.

Gadotti (2002, p. 21) ao escrever sobre o pensamento pedagógico oriental nos mostra o aspecto espiritualista e não agressivo da educação nestes países quando relata que *“o oriente afirmou principalmente os valores da tradição, da não-violência, da meditação”*. Valores estes ligados, sobretudo, à religião, que entre as quais se destacam o taoísmo, o budismo e o hinduísmo.

O karate está mais baseado na religião budista, embora também receba grande influência dos princípios do taoísmo, do confucionismo e do hinduísmo. Segundo Gadotti (2002) a doutrina

pedagógica mais antiga no oriente é o taoísmo (tao = razão universal), cujos princípios recomendam uma vida tranqüila, pacífica, sossegada e quieta. Baseado no taoísmo, Confúcio (551-479 a.C.) criou um sistema moral que exaltava a tradição e o culto aos mortos.

A educação hinduísta, conforme o autor, também tendia para a contemplação e para a exaltação do espírito e repúdio do corpo.

O poder da não violência nestas culturas pode ser bem demonstrado, em Gadotti (2002, p. 24-25), no texto do escritor Lao-Tsé, que viveu por volta do século VI a.C., em Tão Te King, o livro que revela Deus:

*Revela a experiência que o mundo
Não pode ser plasmado à força.
O mundo é uma entidade espiritual,
Que se plasma por suas próprias leis.
Decretar ordem por violência
É criar desordem.
Querer consolidar o mundo à força
É destruí-lo,
Porquanto, cada membro
Tem sua função peculiar:
Uns devem avançar,
Outros devem parar.
Uns devem clamar,
Outros devem calar.
Uns são fortes em si mesmos,
Outros devem ser escorados.
Uns vencem na luta da vida,
Outros sucumbem.
Por isto, ao sábio não interessa a força,
Não se arvora em dominador,
Não se usa de violência.*

Diante desta perspectiva, desejo apresentar mais algumas contribuições de educadores asiáticos que apontam com muita coerência algumas características educativas do extremo oriente, nas quais podemos ver a força do lado espiritual e moral nos sistemas educacionais daqueles povos, e assim melhor compreender os motivos que podem levar o ensino das artes marciais orientais a um melhor controle sobre a agressividade/violência de seus praticantes.

O educador chinês Zhou Nanzhano (*apud* DELORS, 2003), no relato **Interações Entre Educação e Cultura, na Ótica do Desenvolvimento Econômico e Humano, uma Perspectiva Asiática**, nos traz uma reflexão, do ponto de vista asiático, sobre as interações entre educação e cultura na ótica do desenvolvimento. Evoca os efeitos tanto positivos como negativos das tradições culturais, chamando a atenção para a dupla necessidade de preservar estas tradições e de renová-las. À luz da crescente globalização que se faz sentir em todos os níveis examina com brevidade um certo número de valores universais que seria bom cultivar, por meio da educação e da mútua fecundação das culturas orientais e ocidentais. O autor aponta desta forma como características das culturas asiáticas propícias ao desenvolvimento da educação e da economia os seguintes fatores:

1. O apreço profundo pelo valor da educação das culturas asiáticas. Segundo Nanzano (*apud* DELORS, 2003, p. 258), “Confúcio pensava que é possível aperfeiçoar o ser humano e que a educação, principalmente pelos esforços da pessoa para se formar, pela reflexão interior, mas também pela imitação de modelos exteriores, pode levá-la ao caminho certo”.

Confúcio também realçava a capacidade da educação para melhorar a sociedade e ensinar a cidadania. O seu ideal político consistia em governar o Estado pelo exercício das virtudes morais, cujo desenvolvimento competia à educação.

2. As elevadas expectativas a que os jovens devem responder. Há no oriente altos padrões de escolaridade e de alfabetização, nos quais uma das principais maneiras de ascensão social é através da educação. A atitude desses jovens com relação à educação, de acordo com Morita (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002, p. 98), evidencia “*um alto nível de confiança e expectativa, e resulta que a educação exerça um efeito positivo sobre a moralidade e a ética, o que, por sua vez, desenvolve a tendência a tentar resolver os problemas interpessoais de forma razoável e lícita*”.

3. A primazia do grupo sobre o indivíduo é outro fator retratado por Nanzano (*apud* DELORS, 2003, p. 259) quando comenta que: “*no decurso dos séculos, os intelectuais chineses permaneceram fiéis ao ideal ético que prescrevia: suportar os males do mundo antes de qualquer outra pessoa e gozar os prazeres da vida só depois de todos os outros o fazerem*”. Esta atitude comunitária do povo asiático testemunha o fator determinante de produtividade econômica e de coesão social.

4. A importância dada à dimensão espiritual do desenvolvimento, mais do que a dimensão material. No oriente enfatizam-se as conexões humanas entre as pessoas, suas relações com todo o tipo de vida, opondo-se ao materialismo da cultura ocidental moderna. A dimensão espiritual, segundo Schaefer (2003, p. 19), permite “*a harmonia entre o que se pensa, sente e faz, e este equilíbrio é um passo significativo na reconstrução do agir como pessoa e profissional*”.

5. Todas as correntes filosóficas, sejam os preceitos de Confúcio, seja a elevação pessoal pregada pelo taoísmo, ou a ambição da escola idealista de preservar o racional desembaraçando-se dos desejos mundanos, têm em comum corresponderem no essencial, a uma moral humanista, que considera o ser humano do ponto de vista ético e político e para a qual o indivíduo só pode realizar-se nas relações com a coletividade. Ainda, atualmente, nos seus esforços de modernização, muitos países asiáticos têm como duplo objetivo do desenvolvimento nacional, a construção de uma civilização ao mesmo tempo espiritual e material e contam com a contribuição ativa da educação para o conseguirem.

6. A legitimação da autoridade. A autoridade exercida pelos pais, no lar, e pelo professor, na escola, é uma das razões da rigorosa disciplina revelada pela maior parte dos alunos asiáticos. O respeito pela autoridade é particularmente propício a um saudável crescimento econômico, quando o governo cria um ambiente político favorável à livre iniciativa e à livre concorrência. A ordem pública nas comunidades locais, conforme Morita (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002, p. 99), “*é mantida de fato por meio de sistemas que funcionam em estreita colaboração com a comunidade local, visando à prevenção da criminalidade*”.

Nanzano (*apud* DELORS, 2003) aponta como aspectos negativos das tradições culturais asiáticas que constituem obstáculos ao desenvolvimento da educação e da economia a pouca atenção prestada ao indivíduo, a maior atenção dada às relações sociais do que ao domínio da natureza, a discriminação em relação às mulheres e o desprezo do pragmatismo, do utilitarismo e dos negócios. A elite instruída ficava apta a governar devido apenas à sua moralidade superior, sem necessidade de adquirir quaisquer outros conhecimentos ou competências práticas. Tudo o que apresentava valor utilitário era desprezado e o negócio era considerado como uma atividade subalterna.

O educador coreano Myong Won Suhr (*apud* DELORS, 2003), no relato **Abertura de Espírito**

para uma Vida Melhor, nos traz reflexões sobre as razões que devem levar os sistemas educativos mundiais a preocuparem-se com a abertura do espírito das pessoas e a ajudarem-nos a viver em harmonia com os outros e com a natureza como busca os fundamentos educacionais orientais. Sublinha também a importância da compreensão mútua entre oriente e ocidente para a paz mundial.

Suhr (*apud* DELORS, 2003) nos coloca a dificuldade, até a muito pouco tempo, da aceitação dos conhecimentos ocidentais e sua simbiose com os conhecimentos orientais, pois no oriente estava muito difundida a idéia de que a cultura ocidental era materialista, enquanto a cultura oriental era ética ou espiritual e em geral superior, e que por isto devia-se limitar a adquirir os conhecimentos científicos e tecnológicos do ocidente evitando os outros aspectos da cultura. Porém, este postulado geral estava equivocado, pois somente compreendendo a lógica, o pensamento crítico e a curiosidade do ocidente pelo desconhecido, os seus métodos experimentais para descobrir a verdade e a sua maneira objetiva de encarar os problemas é que se pode apreciar sua cultura.

O autor ressalta que a educação espiritualista oriental apesar de conceber o ser humano dotado de uma melhor concepção moral dificultou por outro lado o progresso material. No oriente, os antepassados não quiseram dominar a natureza, por pensarem que era essencial viver em paz e em harmonia com ela. Na medida que consideravam os seres humanos como parte integrante da natureza, nada havia a combater, a dominar ou a conquistar. Estas atitudes vigoraram durante séculos e retardaram, de certo modo, o progresso material, devido ao ritmo muito lento da evolução da natureza, enquanto o ocidente, por seu lado, não hesitava em tornar-se senhor da natureza realizando, assim, mudanças mais rápidas.

Os seres humanos, portanto, e mais especificamente os sistemas de ensino devem cultivar os valores universais, fundando uma ética mundial, e promoverem, pela educação, o enriquecimento recíproco das culturas do ocidente e do oriente. Quando estes forem capazes de aprender um com o outro para proveito mútuo, e quando cada um adotar o que o outro tem de melhor, os valores universais que invocamos provavelmente se imporão, tendo no desenvolvimento centrado no ser humano, a finalidade última da educação e da sociedade.

Desde Confúcio até os pensadores contemporâneos, os orientais sempre apreciaram e perseguiram o ideal de um mundo unido e harmonioso, e de uma sociedade humana coerente, baseada na paz universal.

Finalizando estas idéias devemos lembrar que, na cultura oriental, os esportes de combate recebem o maior apoio e são vistos como artes que educam o ser humano. Esse aspecto educacional é a base das artes marciais, a violência não existe, o que existe é uma luta interna consigo mesmo contra suas fraquezas. Os golpes são o lado de fora, quando o que realmente está se treinando é o que está por dentro. No karate aprende-se parte da filosofia oriental, o zen-budismo, a força interior, o pensamento oriental, tudo inserido no dia-a-dia dos treinamentos.

2.1.2 O KARATE: UMA ARTE MARCIAL ESPIRITUAL

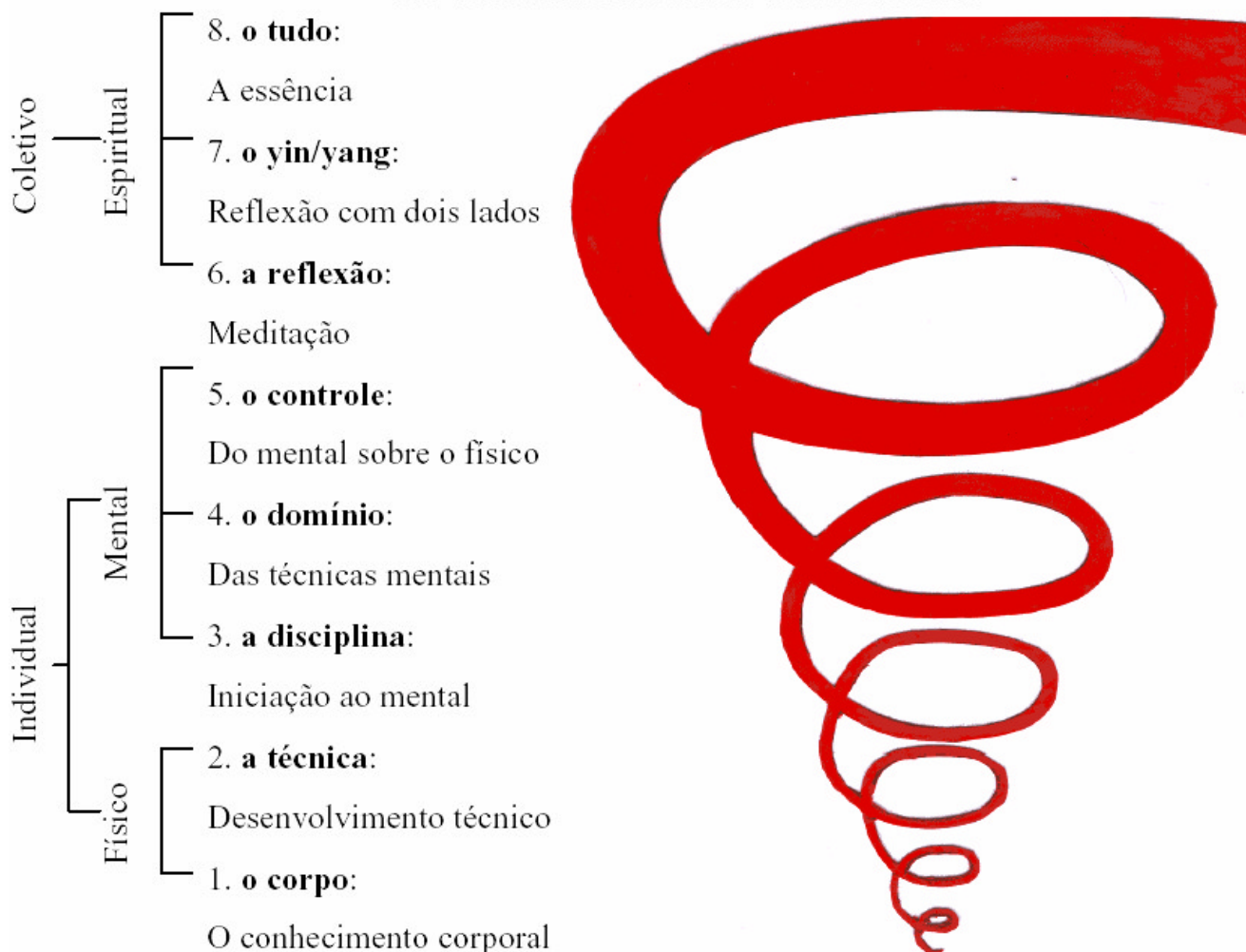
O karate é uma arte marcial, baseada na filosofia oriental, na qual busca-se o aprimoramento físico e mental unido ao espiritual, por meio de movimentos sincrônicos e sistemáticos, previamente elaborados com métodos e técnicas especiais, utilizando golpes com todas as partes do corpo, principalmente mãos e pés, que conduzem ao praticante, gradativamente, certa concentração mental, ordem íntima, vida saudável, e, sobretudo, um bom relacionamento em todas as atividades humanas.

A história do karate perde-se na mais remota antiguidade, surgida no oriente.

Modernamente, na primeira metade deste século, foi sistematizado pelo mestre japonês Gichin Funakoshi e difundido no ocidente após a II Guerra Mundial, através de correntes migratórias japonesas e de intercâmbio cultural. Na década de 50 o karate foi adaptado para competições de *kata* (forma) e *kumite* (luta), sendo os golpes mais perigosos proibidos e o contato físico rigorosamente limitado.

Os praticantes de artes marciais, com o passar do tempo de treinamento passam por diversos estágios de desenvolvimento de sua consciência. Esses estágios que evoluem através do físico, do mental e do espiritual, apresentam características comuns com a espiral de consciência humana elaborada por Ken Wilber, a qual encara o desenvolvimento humano como um processo de oito estágios gerais. Esses estágios, segundo Wilber (2003, p. 19), não são níveis rígidos, mas “ondas fluidas, com muitas sobreposições e entrelaçamentos que resultam numa malha ou espiral dinâmica de desenvolvimento da consciência”. Esta semelhança permitiu-me elaborar uma espiral das artes marciais, no intuito de melhor compreender a força espiritual do karate.

A ESPIRAL DAS ARTES MARCIAIS



A espiral das artes marciais também apresenta oito níveis de desenvolvimento, sendo os primeiros, assim como na espiral da consciência, voltados para o desenvolvimento do eu individual, e os estágios superiores, voltados para o desenvolvimento do eu coletivo. Todos os indivíduos, como bem lembra Wilber (2003), têm esses estágios potencialmente ao seu alcance, embora muito poucos

consigam atingir os níveis superiores.

Os dois primeiros estágios são voltados para o conhecimento do potencial físico do indivíduo, e é onde o iniciante tem seu primeiro contato com a arte marcial. O aspecto físico é a base para os estágios posteriores e por isso deve ser bem conscientizado em todas as suas potencialidades. Embora sendo uma parte importante, a mídia, infelizmente, lhe dá um reconhecimento exagerado, fazendo com que a arte marcial, muitas vezes, seja vista, apenas por essa parcela diminuta de sua totalidade.

1. **O corpo:** neste estágio, o praticante de artes marciais desenvolve, por meio de exercícios de ginástica geral, o seu condicionamento físico, melhorando a resistência, a força, o equilíbrio, a flexibilidade, a velocidade, a potência e a coordenação, e, principalmente, começa a conhecer melhor o seu corpo físico para depois poder dominá-lo.

Segundo Sasaki (1978, p. 8), “*o corpo deve ser forte, rápido, flexível, resistente, rico em reflexos, assimilando todas as modalidades de técnicas. Deve se ter o uso total do corpo, descarregando as agressividades e tensões nervosas acumuladas*”.

2. **A técnica:** essa é a fase em que acontece o desenvolvimento das seqüências de golpes propriamente ditos. Este estágio só é bem sucedido se o anterior foi bem desenvolvido.

A técnica é desenvolvida no karate, principalmente, através do *kihon* (treino de base), do *kata* (treino de formas) e do *kumite* (treino de lutas).

Mosquera e Stobäus (1984, p. 30) nos assinalam que: *A atividade desportiva requer domínio de técnica de execução de exercícios físicos do desporto selecionado. É também para o desportista treinamento especial sistemático, durante o qual assimila e aperfeiçoa determinados hábitos motores, desenvolvendo qualidades necessárias para praticar o desporto que é de seu interesse.*

Na espiral é importante observar que cada estágio sucessivo incorpora o anterior e a ele acrescenta alguma nova capacidade, ou seja, cada novo estágio transcende e inclui em sua estrutura o seu anterior. No processo de nossa evolução, de nossa transformação, integramos os diferentes níveis de consciência pelos quais passamos, conforme relata Wilber (2002, p. 23), ao conceber que “*cada onda da existência é um ingrediente fundamental de todas as ondas subseqüentes e, por isso, cada uma delas deve ser acolhida e abraçada*”.

Esta imagem de que o estágio de cima apóia-se sobre o de baixo mostra que, conforme Leloup (2002, p. 23), “*quanto mais alto quisermos subir para a luz, mais profundamente enraizados na matéria devemos estar, mais profundamente deveremos manter juntos a terra e o céu*”.

Os três estágios seguintes colocam a consciência do praticante de artes marciais a dar mais importância para os aspectos de domínios mentais, fazendo que esses englobem o lado físico e material. Nestas fases ainda predominam as conquistas sobre o eu individual, pois os objetivos a serem alcançados ainda estão na esfera do domínio de si mesmo, ou seja, do domínio de seu corpo e da sua mente.

Conforme Sasaki (1978, p. 7):

A mente deve ser livre, clara, ampla e equilibrada. Não pode se tornar tensa e nem totalmente relaxada, sem se prender a nada, e sim calma, tranqüila; à vontade, não parando por nenhum instante [...]. Sua mente não deve se tornar turva, para que possa captar a imagem correta e conduzir o seu pensamento a uma posição mais nobre.

3. **A disciplina:** neste estágio, a consciência percebe que não basta ter o conhecimento do corpo e o domínio das técnicas se não tiver uma disciplina que coloque sempre o pensamento sobre a ação. Aprende que essa disciplina deve ser uma força que venha de seu interior e não um simples seguir ordens de seus superiores.

4. **O domínio:** nesta fase, mediante técnicas mentais, começamos a dominar as sensações, como cansaço, frio, calor e, principalmente, dor. A mente passa a dominar o corpo.

Os treinamentos como, por exemplo, os *katas* (formas) do karate, visam mais ao desenvolvimento orgânico e interior, do que simplesmente às técnicas de luta.

5. **O controle:** aqui a harmonia do mental com o físico deve atingir sua maturidade. O nosso controle mental sobre o físico proporciona fazermos reflexões antes de agir diante dos mais diversos conflitos. A visão da arte marcial de uma luta contra os outros passa a ter uma conotação de luta consigo mesmo, de autocontrole, de domínio de nosso maior inimigo, que somos nós mesmos.

Os últimos estágios a serem alcançados são os que predominam a visão espiritual sobre a material. Principalmente para os ocidentais, esses estágios são de difícil aceitação e compreensão. O domínio de si mesmo passa para uma dimensão coletiva e busca-se uma harmonia com o mundo. Podemos considerar como estágios de segunda ordem conforme analogia com a espiral da consciência de Wilber (2002, p. 23):

A segunda ordem está plenamente consciente dos estágios interiores de desenvolvimento – mesmo que não possa articulá-los de maneira técnica – ela dá um passo para trás e tem uma visão geral do todo; por isso o pensamento de segunda ordem valoriza o papel necessário que todos os vários memes (estágios) desempenham. A consciência de segunda ordem pensa em termos de toda a espiral da existência e não meramente em termos de qualquer um dos níveis.

6. **A reflexão:** neste estágio, procura-se, principalmente, por meio da meditação, conhecer o nosso eu em conformidade com o nosso mundo; ver o nosso interior e harmonizá-lo em todas as atividades desenvolvidas no nosso cotidiano. A meditação segundo Barbier (*apud* BERTRAND, 2002, p. 151) é “*a prática incessante, surgindo de momento a momento, da atenção, da extrema presença no mundo, aberta para a lucidez e consumada na alegria de ser*”, portanto devemos saber viver e meditar no silêncio das grandes essências sem imagem nem conceito, antes de qualquer ação ou palavra.

7. **O yin/yang:** nesta fase, a reflexão procura sempre atuar com a consciência de que nada é absoluto, tudo tem sempre dois lados que atuam em oposição, não existe uma só verdade, portanto devemos refletir sempre com uma visão não comprometida com nenhum extremo para chegar mais perto de um resultado harmônico. Para os orientais todas as manifestações são geradas pela inter-relação dinâmica dessas duas forças polares.

Ao explicar este princípio, Chug (1999, p. 75) aponta que “*todos os opostos – bem e mal, ter e não ter, ganhar e perder, eu e os outros – dividem a mente. Ao aceitá-los nos afastamos de nossa mente original e sucumbimos a esse dualismo. Contudo, o zen fica no meio, não nesses extremos*”.

O símbolo do yin/yang, representado pelos opostos polares e complementares, é bem conhecido no ocidente. Este diagrama representa, de acordo com Gerhardt (2005, p. 261),

“*duas forças em equilíbrio, e os pontos, a idéia de que toda vez que cada uma das forças atinge o seu ponto extremo, manifesta dentro de si a semente de seu oposto*”.

8. **O tudo:** neste último estágio, o praticante de artes marciais encontra a essência resultante da energia integradora que entrelaça todos os estágios harmonicamente. Trata-se do encontro, conforme Barbier (*apud* BERTRAND, 2002, p. 134), de um ponto de equilíbrio no desequilíbrio de toda a vida em ação:

Equilíbrio entre o corpo e o mental; equilíbrio entre a razão e o imaginário; equilíbrio entre o pensamento e o sensível; equilíbrio entre o espiritual e o material; equilíbrio entre o futuro e o passado no presente recomposto; equilíbrio entre a temporalidade e a instantaneidade; equilíbrio entre o grupo e a pessoa; equilíbrio entre a vida externa e a vida interior; equilíbrio entre seu princípio masculino (yang) e seu princípio feminino (yin).

Portanto, ao se perceber a espiral como um todo, nos guiamos na direção do verdadeiro karate que junta os elementos corporais, os aspectos técnicos, os domínios mentais, unindo-os à parte espiritual. Logo corpo, técnica e espírito são indissolúveis para quem almeja o verdadeiro caminho, conforme relata Tagnin (1973, p. 100), ao afirmar que “*é certo que uma das partes em detrimento de outra não pode levar ao todo; se não fizermos a união sincera destas partes, estaremos roubando de nós mesmos o prazer de conhecermos uma verdadeira arte marcial*”.

A palavra karate para ficar completa tem que ter acrescido a ela o termo *do* (caminho), ficando dessa forma *karate-do*, na qual *do* representa o aporte que o zen-budismo oferece aos praticantes de artes marciais para percorrem esta estrada. Segundo Oliveira Filho (1993, p. 5), “*do é a filosofia que conduz o homem a encontrar sua própria essência, percorrendo tal via conhecida como budo (caminho da iluminação)*”.

O verdadeiro karate deve sempre estar, segundo os preceitos do zen-budismo, na busca do vazio. Este vazio que não pode ser compreendido como uma ausência inconsciente, sem direção, mas, certamente, como um vazio bem conduzido, que tenha por objetivo o equilíbrio e a harmonia com o todo, com o universo.

Conforme Tagnin (1973, p. 103):

O vazio não aparece como algo estéril, mas positivo em si; pois o espírito livre de tudo que o prejudica, está pronto para perceber a mínima percepção. Deste modo pode perceber uma revelação rapidamente e não conseguida em tempo normal.

Tudo então se torna claro. Assim o bem e o mal são distinções sem importância, como o sagrado e profano além de desviarem o espírito. Somente importa o vazio absoluto, e nele, tudo é Um.

Também através deste vazio, podemos encontrar a paz espiritual, conforme relata Silva (1984, p. 6) ao dizer que “*sentirmos-nos ‘vazio’, ou melhor, livres, tanto da cobiça, ambição e ódio. É um engano pensarmos que as artes ensinam a luta, a briga ou maus caminhos. Muito pelo contrário, nela aprendemos o bom caminho, a humildade e o amor à própria vida*”.

O karate, pois, permite descobrir a possibilidade de uma existência mais equilibrada na sua plenitude. Nele o homem pode, conforme Tagnin (1973, p. 111), “*alcançar o domínio, chegar a ser um ser mais completo, não sendo só um ser pensante, mas sim união corpo e espírito*”.

Portanto, toda esta espiritualidade que acompanha o karate, além de outros fatores, leva a acreditar que seu treinamento pode determinar uma diminuição da agressividade ou quando menos uma canalização controlada e positiva, eliminando os estados de ansiedade e angústia típicos do homem moderno numa resposta aos desafios da sociedade atual.

No karate, a calma e a serenidade devem ser conservadas em qualquer momento, conforme relata Tagnin (1973, p. 90-91):

Nossos sentimentos, assim como nossas reações, devem ser por nós dominados. O nervosismo, a ansiedade, e, quem sabe, a excitação e a falta de consciência para o momento certo do ataque faz com que transpareça um estado de ansiedade e nervosismo, podendo assim, antes mesmo da luta, perdermos grande parte de nossas verdadeiras chances. A cólera aumenta a força do indivíduo, mas este perde a coordenação, tornando-se presa fácil para o adversário calmo e confiante.

Também sabemos que a cólera não leva a nada, e quase todos os atos brutais partem de seres encolerizados devido a grandes estados de excitação. Esta arte bem praticada faz com que a calma necessária tome seu lugar, para que a confiança possa nos dar aquele controle indispensável.

O psicólogo Flores (1987) comenta que o karate proporciona ao praticante uma forma socialmente aceita de trabalhar a sua agressividade e isto de forma positiva e produtiva.

Considera que por um lado a agressividade sendo deslocada para o esporte, ela pouco provavelmente será manifestada sob outra forma dentro da comunidade. Por outro, a agressividade da forma como ela é trabalhada no karate também promove a aproximação e a amizade entre os praticantes e o respeito pelo semelhante. Assim, apesar da crença popular,

este impulso tão importante, mas mal aceito pela nocividade humana, estreita os laços e relações entre pessoas e não implica necessariamente morte e destruição.

Para Watanabe (apud SILVA, 1984) é errado ver o karate como uma luta corporal, uma maneira de desenvolver o físico unicamente. Ele deve ser visto, principalmente, pelo aspecto educacional, proporcionando, aos praticantes, uma maior confiança e segurança para enfrentar os problemas do dia-a-dia, além de ser uma terapia, aliviando e canalizando energias, reduzindo a ganância material em prol da formação de estrutura moral e espiritual.

Nos primeiros anos de prática nas artes marciais dá-se mais ênfase às perícias físicas e somente com anos de treinamento é que se alcança o nível mais elevado, em que a técnica física assume menos importância do que a transformação psicológica. Miller (1985) relata que o verdadeiro valor do estudo das artes marciais está naquilo que ela nos ensina a cerca de nós mesmos, e que não temos necessidade do medo, que nossa energia e consciência, nossa capacidade, coragem e compaixão, são muitos maiores do que temos sido levados a acreditar.

Oliveira Filho (1993, p. 7) comenta que *“os ocidentais ainda não entendem as artes marciais orientais e que para a maioria a imagem que se tem é de lutas violentas que só servem para machucar e que foram feitas para valentões”*. Apesar dessas idéias preconcebidas devemos lembrar que, de acordo com o mesmo autor, o caráter educacional está impresso na arte marcial como fim maior; seu objetivo é educar, em primeiro plano, corpemente-espírito num todo, em equilíbrio. Busca-se a formação do caráter do indivíduo, com as boas maneiras, com o senso de justiça e da não agressão.

Não podemos esquecer que no karate existe, também, a parte competitiva, a qual é muito importante para o seu maior desenvolvimento desde que fundamentada no espírito desportivo de competir, no qual é mais importante se superar e vencer a si próprio do que ao adversário. D’Elia (1987, p. 66) acrescenta que *“a competição é sem dúvida o caminho para mantermos o karate como uma modalidade esportiva valorizada e reconhecida”*.

As regras e os golpes de competição de *kumite* (luta) no karate tiveram que mudar e evoluir nos últimos anos para que a parte violenta e as lesões fossem eliminadas. Até 1985, a competição de karate era violenta porque, embora controlados, isto é, com força contida, os golpes eram aplicados no adversário. Mesmo sem força total, eram golpes poderosos e as lesões eram constantes, algumas

bastante graves. O Comitê Olímpico Internacional para aceitar o karate como modalidade olímpica desportiva impôs a necessidade de eliminar o contato, isto é, a transmissão de energia nos golpes. Atualmente, os golpes são demonstrados e recolhidos antes de atingir o adversário. Os árbitros é que devem decidir se a técnica é pontuável ou não para dar o ponto. A falta de controle dos golpes é reprimida, prestigiando-se a segurança e a cortesia acima de tudo. Aquele que eventualmente atinge o adversário sem controle é punido com perda de pontos ou desclassificação.

O texto *Psicologia da Alta Competição*, da enciclopédia *Artes Marciais* (1986), comenta alguns aspectos importantes que caracterizam e influenciam nas competições de artes marciais, como a torcida, a saudação e a agressividade. A torcida provoca reações no competidor, tanto sendo composta por um público hostil ou excessivamente favorável a ele, que pode inibi-lo ou sobrecarregá-lo de responsabilidade excessiva. O gesto ritual da saudação, característica quase exclusiva das artes marciais, é a maneira do karateca expressar seu respeito ante o rival, os professores e os juízes, como também sintetiza a filosofia do autêntico competidor. As saudações podem parecer falsas para aqueles que não estão habituados às artes marciais que primam pela beleza e sobriedade. Para os que ignoram os princípios do zen é bastante estranho que após um cumprimento cordial, parta-se para uma luta.

Segundo Silva (1984, p. 19):

No momento da saudação devemos afastar de nosso espírito todas as emoções, sentimentos e preocupações, mesmo as mais diretas como: Vencer ou Perder. No momento da saudação devemos nos despojar de tudo que nos possa prejudicar e procurar uma sensação de vazio que libertará nossas verdadeiras potencialidades.

Com relação ao uso do potencial de agressividade em competição, o karateca, no momento certo, esquece o risco físico ou o supera, liberando toda a sua capacidade de agressividade coordenada, encaminhada à execução do ponto que lhe dê vitória. É uma forma lógica e positiva de liberar a tensão mantida até este instante. Quem não for capaz de agir assim, em geral imprime à ação um tempo muito lento de execução, seja por atraso motor voluntário ou por falta de iniciativa e espontaneidade. Em outras ocasiões, a causa pode ser um excesso de conservadorismo, uma descoordenação motora ou uma falta de controle, lesiva para o rival, que inclui a ação anti-regulamentar e a conseqüente sansão ou desqualificação de quem a ocasionou.

Finalizando estas idéias, Sasaki (1978, p. 23) nos diz que “*no karate não existe agressão na sua extensão e sim nobreza de espírito, domínio da agressividade, modéstia e perseverança*” e de que todos os fundamentos do karate podem ser sintetizados através dos vinte ensinamentos elaborados por Gichin Funakoshi, o pai do karate moderno:

1. O karate inicia e termina com saudações;
2. No karate não existem golpes de agressão;
3. O karate apóia o caminho da razão;
4. Conheça-se a si próprio, antes de julgar os outros;
5. A princípio lapidar o espírito, depois a técnica;
6. Evitar o descontrole do equilíbrio mental;
7. A falha surge com a acomodação mental e física;
8. O karate não se limita apenas à academia;
9. A essência do karate se descobre no decorrer da vida;
10. Dará frutos quando associado à vida cotidiana;

11. O karate é igual à água quente: se não receber calor constantemente, ela esfria;
12. Não pense em vencer, mas não pense em derrota;
13. Mude a sua posição conforme o tipo de adversário;
14. A luta depende do bom manejo da teoria de yin (negativo) e yang (positivo);
15. Imagine que seus membros são espadas;
16. Para o homem que sai do seu portão, existem milhões de adversários;
17. No princípio, seus movimentos são artificiais, mas com a evolução, tornam-se naturais;
18. A prática de fundamentos deve ser correta. Enquanto em uso torna-se diferente;
19. Domínio do seu corpo na coordenação, na força, na velocidade e elasticidade; e
20. Estudar, criar e aperfeiçoar-se constantemente.

Desta forma, percebemos com maior clareza que o karate, visto por muitos como uma luta violenta, é na verdade uma arte marcial muito mais espiritual do que física, que visa ao desenvolvimento interior do indivíduo, transformando-o num ser mais reflexivo, disciplinado e controlado, e, principalmente, tornando-o um cidadão mais apto a enfrentar as dificuldades e tensões da nossa sociedade atual.

2.2 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA

2.2.1 CONCEITUAÇÕES DE AGRESSIVIDADE E DE VIOLÊNCIA

Os termos agressividade e violência, embora tendo significados bastantes distintos, no senso comum são facilmente confundidos. Comumente vemos agressividade e violência representando o mesmo fenômeno. Para não banalizarmos estas palavras, promovendo assim a distorções sobre o significado das mesmas, se faz necessário um rápido aprofundamento de seus conceitos.

Nesta pesquisa, a qual busca a percepção tanto de agressividade como de violência dos praticantes de artes marciais, adotou-se usar, diversas vezes, os dois termos escritos unidos - agressividade/violência - para não restringir e dar mais liberdade e espontaneidade ao pensamento dos entrevistados.

A agressividade é um atributo natural a todo ser humano e não deve ser entendida como uma via única e determinada que conduza à luta e à destruição. As atitudes agressivas do ser humano apresentam um amplo espectro, que vai desde a destruição (violência) à construção (criatividade). Portanto a agressividade também tem que ser reconhecida pelos seus aspectos positivos. A agressividade, segundo Otta e Bussab (1998, p. 1), *“é responsável/por nossa capacidade de enfrentar situações adversas e também causa de nossas maiores manifestações de violência”*.

Geralmente, agressividade e agressão são entendidas da mesma forma. Fernandez (1992) nos indica a diferença entre elas ao conceber que a agressividade pode ser mediatizada ou simbolizada, sendo quase uma predisposição dirigida para outras esferas, como, por exemplo, a aprendizagem. Já a agressão não é mediatizada, sendo esta uma ação grosseira, um ato violento, que não traz benefício ao indivíduo que a executa, nem para aquele que foi objeto dela.

A agressividade é natural ao homem e segundo Storr (1970) os mecanismos da agressão são instintivos, pois a agressividade é necessária para a preservação da vida e da espécie, bem como para o desenvolvimento amplo do indivíduo. Pressuposto este também defendido por Train (1997, p. 47)

ao relatar que “*se nascêssemos sem agressividade seríamos incapazes de sobreviver durante os primeiros estágios de vida e, posteriormente, não poderíamos progredir em nosso desenvolvimento*”.

O grau de agressividade e os momentos de controle dela dependem das vivências do indivíduo. Alguns indivíduos controlam melhor esta agressividade e a deslocam para outra direção, entretanto, existem outros que estão mais fragilizados e, a qualquer sinal de frustração ou risco, agem agressivamente.

Para Winnicott (1994) a agressão pode ter dois significados, ou seja, pode produzir uma reação à frustração ou ser uma fonte de energia do indivíduo. Uma pessoa pode tender a atos agressivos constantemente e outra dificilmente terá um sintoma de agressividade, pois cada uma está lidando diferentemente com os impulsos agressivos, e cada uma experimenta estes sentimentos de frustração e os sublima de formas variadas.

A agressividade segundo Mora (2004) subjaz no nosso sentido competitivo de sermos melhores do que os demais como pessoas, como sociedades ou como países, nos esportes, nos negócios, na política, na economia e nas religiões. Sem dúvida, essa agressividade subjacente, queiramos ou não, foi o que permitiu a sobrevivência das sociedades e seu progresso até o presente. O mesmo autor salienta, também, da importância de conhecer os mecanismos da emoção que operam no cérebro, para, ao longo da educação do indivíduo, poder melhor controlar e transformar a agressividade contida na natureza humana. A transformação da energia de agressão, no homem civilizado, pode ser canalizada, adequadamente, na direção de uma meta de criação intelectual ou artística, conforme nos aponta Mora (2004, p. 166):

O que são as grandes criações culturais que conhecemos na pintura, na literatura, na música e no próprio pensamento senão o produto de um pensamento ardente de emoção e, de certa maneira, de agressão? Exatamente os mais altos níveis de criação ocorreram em pessoas “anormais” e de alguma maneira caóticas e agressivas em seus padrões de conduta cotidianos, de Van Gogh a Donizetti, Schumann ou Wagner e de Lord Byron a Nietzsche ou Newton. Um criador, um grande artista, que seja sempre feliz e tenha uma vida tranqüila, alegre e sem conflito agressivo com o meio que o cerca, não existe. A criatividade é o processo que realiza um ser humano de talento que não tenha satisfeito muitas de suas necessidades de vida cotidiana e que talvez suas frustrações e agressões tenham encontrado refúgio na criação, seja esta intelectual, científica ou artística.

As teorias da agressão (instintos e impulsos) demonstram que as energias negativas que se acumulam devem ser descarregadas para que possamos manter um equilíbrio. Estas energias são proporcionadas por estímulos externos e, quando descarregadas, servem como instinto de defesa e manutenção do espaço vital.

Otta e Bussab (1998) nos lembram que a agressividade também pode ser redirecionada para dentro, contra a própria pessoa, que pode se torturar de forma masoquista e, tendo no suicídio, a forma extrema de autodestruição.

Os fatores intrínsecos relacionados com a personalidade são os que determinam, na realidade, as diferentes manifestações do comportamento e, também, a compreensão dos problemas psiquiátricos e psicopatológicos em geral. Até o comportamento impulsivo atende a importantes propósitos construtivos na busca dos limites dos controles externos. A ação pode ser um meio normal de abrandamento da tensão e da ansiedade.

As pesquisas em grupos humanos têm provado que, segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 170), “*uma dose de tensão e conflito se fazem necessárias e que o importante não é a harmonia como*

estado total, mas a superação do conflito encaminhando-se para uma forma de integração”.

A violência é o uso desmedido da agressividade, a falta de controle sobre nossos impulsos agressivos. Aguillera (*apud* RIO GRANDE DO SUL, 2003, p. 20) conceitua violência como *“atitudes ou comportamentos que constituem uma violação ou arrebatamento do ser humano, seja de sua integridade física, psíquica ou moral, seja de direitos ou liberdades. Pode provir de pessoas ou instituições e pode realizar-se de maneira ativa ou passiva”*.

Diferente da agressividade, a violência não é um atributo natural do ser humano, mas uma relação construída, um dado cultural. Para Ortega (*apud* DEBARBIEUX, 2003, p. 82) a violência é *“uma produção humana gerada no curso da vida de relações criadas pelas pessoas no âmbito de seus ambientes”*.

A violência não é um fenômeno novo, ela acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Contudo, segundo Gerhardt (2005, p. 93), *“apesar do fato da violência ter sempre estado presente, o mundo não precisa aceitá-la como uma parte inevitável da condição humana”*. Devemos ter presente que, da mesma forma como encontramos a cultura da violência na sociedade, também encontramos diversas pessoas e instituições engajadas na criação de processos voltados à não violência e ao desenvolvimento de culturas de paz.

Debarbieux (2002, p. 82) coloca que *“a violência é tanto uma questão de opressão diária quanto de atos brutais e espetaculares”*, portanto não devemos limitá-la a um único elemento traumático, eruptivo e inesperado. Embora mais visível nos atos brutais, a violência também é motivada pelas desigualdades sociais, pelos preconceitos e por todas as formas de exclusão.

Conforme Ortega (*apud* DEBARBIEUX, 2003, p. 83), *“no fenômeno da violência, há uma constante: algumas pessoas, por si sós, institucionalmente ou em grupos, exercem violência sobre outras, quando impedem ou dificultam que estas tenham livre acesso ao gozo dos direitos humanos”*.

Infelizmente, a violência está tão enraizada na sociedade que, muitas vezes, sequer podemos percebê-la. Existe uma visão de que determinados tipos de agressão são naturais e podem ser admitidos socialmente. Há, também, outras situações em que se percebe a intencionalidade do ato violento, mas não se compreende o seu motivo. Estas características configuram a gratuidade da violência no contexto atual e, segundo Gerhardt (2005, p. 202), *“é justamente esta dificuldade de compreender a origem de muitos atos de violência que gera tanta insegurança, medo e desconfiança nos relacionamentos humanos da atualidade, levando, freqüentemente, às atitudes defensivas, elas próprios, muitas vezes, de caráter violento”*.

A influência da mídia como pólo transmissor da cultura de violência é outro fato inegável. Na atualidade, a violência é matéria prima, o melhor ingrediente do sensacional. A globalidade traz, em tempo real, as mais diversas formas de violência sem a preocupação de sua compreensão, reflexão ou prevenção, apenas suscitando sua banalização. Entretanto, se buscarmos a transformação desta visão sensacionalista, encontraremos nos meios de comunicação um importante aliado para difusão de uma cultura de paz.

Após melhor compreender o significado de agressividade e violência, pode-se concluir que violência e artes marciais não combinam, pois nelas o que se treina é o bom uso da agressividade. Portanto, quanto mais se conhece a verdadeira arte marcial, mais se percebe que estas artes de guerra são, na verdade, artes cultivadoras de uma cultura de paz.

2.2.2 A VIOLÊNCIA NA E DA ESCOLA

A escola que antigamente tinha como características de ser um local seguro e de integração social, vem se transformando, atualmente, num cenário de constantes ocorrências violentas. O conflito emerge em toda situação social em que se compartilham espaços, atividades, normas e sistemas de poder e, a escola, obrigatoriamente, configura-se num destes espaços. Um conflito não é necessariamente, segundo Ortega (2002), um fenômeno de violência, embora, em muitas ocasiões, quando não abordado de forma adequada, pode chegar a deteriorar o clima de convivência pacífica e gerar uma violência multiforme na qual é difícil reconhecer a origem e a natureza do problema.

A percepção de que a escola está violenta é manifestada nos discursos tanto de diretores e professores como de pais e alunos conforme relata Ortega (2002, p. 9):

Os alunos expõem sua insatisfação em relação à infra-estrutura dos prédios, reclamam da falta de vínculo entre o conteúdo das disciplinas e suas necessidades existenciais e profissionais e dizem que não gostam dos seus professores. Os docentes reclamam dos alunos, que classificam como indisciplinados e desinteressados. Cria-se então, um clima de conflito, transformando a escola em um lugar de sofrimento para alunos e professores. Prevalece a falta de diálogo e a convivência se torna difícil, tensa e impera nas relações sociais a lei do silêncio.

Para que não haja este crescente clima de insatisfação a escola deve repensar suas metas. A solução para os problemas de insegurança e de violência não pode ser abordada simplesmente pela instalação de sofisticados sistemas de segurança, mas sim na introdução de fatores organizacionais na própria escola e no sistema educacional. Não devemos sucumbir a mercantilização da violência escolar. Devine (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002) nos aponta que, hoje, a segurança escolar está se transformando num importante produto comercial em razão da alta tecnologia criada em seu nome para o combate da violência escolar. Devemos lembrar que a tecnologia, por si só, não resolve o problema e que equipamentos como aparelhos de detecção de metais, circuitos fechados de televisão, câmeras de vigilância, aparelhos de raios-X para inspecionar mochilas, entre outros, não podem se transformar em soluções isoladas para combater a violência no ambiente escolar.

A escola não pode se limitar a um simples cenário de instrução, ela deve, segundo Ortega (2002, p. 22), “*ser um âmbito de convivência no qual cada vez mais seja preciso entender que seus efeitos não devam limitar-se a saberes concretos, mas que se necessitam também estar atentos para seus efeitos na formação geral da personalidade individual e social de seus protagonistas e agentes*”.

O termo violência no meio escolar deve expressar tanto a violência na escola como a violência da escola. A violência na escola é a que se caracteriza por atos praticados entre alunos(as), entre alunos(as) e professores(as) ou entre outros adultos, tais como: brigas, agressões, indisciplina, intimidação, depredação do patrimônio, tráfico de drogas, roubos, entre outros. A violência da escola é a que resulta da consciência das relações que se estabelecem entre o fato social e a educação, que também pode ser entendida, segundo Guimarães (2003, p. 9), como:

[..] a violência simbólica que consiste na tentativa de impor a interiorização de normas de conduta que não podem ser legitimadas, tendo em vista o processo de reestruturação social, completando-se com exercício de práticas pedagógicas obsoletas e destituídas de interesse, mediatos ou imediatos, para os alunos.

Os fatores confluentes para a violência escolar são os mais diversos e variam de acordo com o contexto político-econômico-social que a comunidade escolar está envolvida e com o tempo de evolução dos diversos paradigmas culturais. Ortega (*apud* DEBARBIEUX, 2003) agrupa esses fatores de acordo com suas relações nos diversos contextos como:

1. Fatores relacionados ao contexto familiar no qual o sujeito é criado e educado, caracterizados como a falta de atenção, falta de afeto, abandono, falta de controle, violência doméstica, pobreza, sub-habitação, indigência, etc.

2. Fatores de relação interpessoais e de grupos de pares, como: idade, sexo, tipos de agrupamentos, instabilidade emocional, falta de capacidades sociais, fenômenos de maus tratos e exclusão social entre iguais e entre outros.

3. Fatores relacionados à escolaridade, nos quais destaca-se a pouca, equivocada ou exagerada disciplina, ausência de diálogo entre professores e alunos e a falta de medidas preventivas. A estes se acrescentam, também, fatores relacionados à atmosfera escolar, como: ausência de igualdade de oportunidades, pouca organização escolar e multiculturalismo.

4. Fatores relativos aos meios de comunicação de massa e à influência que estes exercem sobre a consciência dos cidadãos, num ou noutro sentido, mas em determinadas ocasiões, desviando a atenção para o secundário, embora escandaloso, e produzindo tensão, quando não modelos agressivos.

5. Fatores de contexto social comunitário, como: núcleos populacionais insuficientemente dotados de serviços e de proteção social, populações nas quais medram o crime e as condutas anti-sociais adultas de maneira geral.

6. Políticas que não atendem na medida do necessário às necessidades dos cidadãos e que governam dando as costas ao estado do bem estar do cidadão.

Estudos realizados por Farrington (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002), na Inglaterra, fazem uma classificação semelhante abordando fatores de riscos psicológicos, familiares, sociais e circunstanciais. O autor coloca que dentre os principais fatores psicológicos que levam a prever a violência juvenil estão hiperatividade, impulsividade, controle comportamental deficiente e problemas de atenção, além da baixa inteligência e desempenho escolar deficiente. Nos fatores familiares destaca a supervisão parental deficiente, pais agressivos, incluindo disciplina severa e punitiva, e conflitos entre os pais.

Nos fatores sociais o fato de ter amigos delinquentes e morar em bairros com alto índice de criminalidade, como também de que os rapazes que moram em áreas urbanas apresentam características mais violentas do que os que moram em áreas rurais. E, por fim, os fatores de risco circunstanciais, que contribuem para as diferenças existentes entre os indivíduos, porque dada a mesma oportunidade circunstancial, algumas pessoas apresentam maior tendência a cometer violência que outras.

Conforme Farrington (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002, p. 40):

As teorias também podem ser úteis para a especificação dos conceitos mais gerais subjacentes ao potencial de violência, tais como baixo autocontrole ou vínculos frágeis com a sociedade. Elas também podem ajudar na determinação das maneiras pelas quais uma pessoa potencialmente violenta interage com os fatores circunstanciais, gerando atos violentos.

O fator de risco circunstancial é que faz que diante de uma ocasião para a violência, o fato de uma pessoa vir ou não a praticá-la dependerá dos processos cognitivos, que incluem o exame dos custos e benefícios da violência e das probabilidades e riscos associados, tais como percebidos pela pessoa, e também os repertórios comportamentais acumulados. Neste item é que se destaca a importância de uma educação para a não violência voltada para uma construção de vivências de paz

ser abordada e mobilizada no ambiente escolar para que tornemos nossa sociedade mais justa e menos violenta.

A violência não tem uma origem única e suas causas são múltiplas, complexas, densas, mas não fatais, como bem coloca Debarbieux (2002, p. 75) ao dizer que “*se a violência é construída, então ela pode ser desconstruída*”. Portanto cabe a educação, não só na esfera escolar, mas nos mais diversos setores do nosso cotidiano, trabalhar nessa desconstrução da violência.

A violência escolar deve ser analisada, segundo Debarbieux (2002), macro e microssocialmente, enfatizando suas causas tanto exógenas, que são as relacionadas às falhas familiares, à comunidade, ao sistema econômico, ou às políticas públicas, quanto endógenas, que são as associadas a graus de organização ou de desorganização local, nos quais geralmente os atores são apenas agentes impotentes, manipulados por forças políticas externas.

Nas escolas, embora existam uma série de tipologias de agressões e de intimidações, poderíamos classificá-las, de uma maneira simplista, como físicas ou psicológicas. Embora popularmente a conotação de violência esteja mais voltada para as agressões e intimidações físicas, principalmente por sua transparência e condução pela mídia, devemos ter um cuidado todo especial para com a violência psicológica, pois essa pode ter efeitos tão ou mais nocivos para as vítimas e agressores do que os resultados da violência física.

Segundo Debarbieux (2003, p. 7):

Pequenos grandes atos de violência simbólica e física, como a intimidação de alunos e professores, o desrespeito à diversidade e a força de estereótipos e preconceitos tornam insuportável a vida de muitos dos membros das escolas, cotidianamente, num processo surdo, que não chega a ser captado pela comunicação de massa.

Diversos autores classificam as tipologias de agressões e intimidações de outras diferentes maneiras, como Smith (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002) que relaciona como principais tipos as físicas (bater, chutar, socar ou tomar objetos pessoais), as verbais (insultar ou implicar), as de exclusão social (dizer para alguém: você não pode brincar conosco) e as indiretas (espalhar boatos maldosos ou dizer para alguém não brincar com determinado colega).

A violência praticada nas escolas por jovens e adolescentes também tem que ser observada como uma forma de comunicação, uma linguagem que permite a comunicação com os demais e que permite, também, significar um conjunto diferenciado de estados de espírito contra diversas injustiças, frustrações e insatisfações encontradas por esses alunos, conforme relata Prina (*apud* DEBARBIEUX, 2003, p. 154-155) ao tratar os diferentes “seres” da violência:

A violência é a ‘voz’ quando ela tem origem na impossibilidade ou na incapacidade de determinados alunos de se comunicarem de acordo com as formas aceitas pela instituição escolar. A violência é ‘reação’ quando ela exprime os problemas de frustração ligados ao fracasso escolar e à sensação de incapacidade diante das tarefas impostas. A violência é ‘identidade’ quando ela manifesta, mediante atos e gestos simbólicos, a distância cultural existente, entre o conjunto dos representantes da instituição escolar e determinados indivíduos ou grupos de indivíduos portadores de traços culturais diferentes daqueles presentes na cultura dominante. A violência é ‘protesto’ quando ela tem origem na percepção de um tratamento injusto e ou discriminatório, ao qual o sujeito reage diretamente, atacando as pessoas consideradas responsáveis ou, de forma indireta, atacando os bens materiais que pertencem a elas ou os símbolos da instituição na qual esse tratamento foi aplicado. A violência é ‘conformismo’ quando ela aparece ser uma adaptação à tendência de utilizar formas de violência para regular os conflitos entre os indivíduos e as diferentes categorias que

convivem na instituição.

Desta forma percebemos que, muitas vezes, a violência dos jovens é gerada por mecanismos incrustados no próprio ambiente escolar, como a falta de diálogo entre educadores e educandos, o medo de mudar e de compreender as novas gerações, a falta da motivação de fazer o aluno sentir prazer de aprender, a ineficiente busca de um conhecimento mais voltado para a formação completa do indivíduo, o qual esteja centrado nas aspirações e ideais de seus protagonistas e de sua comunidade mais próxima.

Portanto, para buscarmos uma cultura de paz no ambiente escolar, devemos abordar alguns pontos fundamentais como: a conscientização, o diálogo e a motivação, além da busca maior do aspecto espiritualista conforme já relatado no capítulo anterior ao escrever sobre a cultura e a educação no extremo oriente e o karate como uma arte marcial espiritual.

A conscientização é o fator de instrumentalização de professores e alunos através de conceitos, experiências e vivências que possibilitam direcionar caminhos para a promoção de culturas de paz e a superação da violência, de preconceitos e de esteriótipos. A real conscientização necessita não só de comentários ou manifestações sobre paz, mas sim, de motivações e experiências sobre os mais variados processos de busca por soluções não violentas no ambiente em que estão inseridos os sujeitos.

Conforme Guimarães (2003, p. 263), *“não basta falar de paz para constituir a educação para a paz porque o que ela tem a oferecer é exatamente a possibilidade de uma vivência e experiência de uma comunidade onde a paz articula-se como referência fundamental”*.

Na conscientização devemos, de acordo com Prina (*apud* DEBARBIEUX, 2003), desenvolver nas crianças e nos jovens atitudes de repúdio à violência, de aumento de seu patrimônio de atitudes pró-sociais e de percepção da importância do respeito à legalidade e aos direitos do outro no âmbito da normalidade da vida de relacionamentos. O mesmo autor acrescenta a necessidade do docente de aprender a se conhecer melhor, a construir uma identidade didática, a fim de responder com lucidez à violência escolar, começando por aprender a controlar sua própria violência. Também se faz necessário o educador conhecer as diferentes pedagogias ativas, a fim de melhor preparar os jovens para se posicionarem na turma e na sociedade, desenvolvendo atitudes relacionais com respeito à gestão de conflitos, aos processos de negociação e aos modos de tomada de decisões.

O diálogo no ambiente escolar permite a ampliação da relação professor/aluno além do ensino de uma única matéria, fazendo com que, tanto os alunos quanto os professores, se conheçam e se compreendam melhor. Esses contatos mais estreitos, segundo Blaya (2002), ajudam a desenvolver um senso de fazer parte e de responsabilidade recíproca maiores do que os que são possibilitados pelos papéis fragmentários e passageiros.

O diálogo possibilita, também, que na maioria das situações de conflito busquem-se soluções aceitáveis para todos e que a verbalização tome conta do ato violento, conforme relata Prina (*apud* DEBARBIEUX, 2003, p. 174-175):

Quando as crianças e os adolescentes percebem que estão sendo ouvidos, torna-se mais fácil que a verbalização das condições de mal-estar e das razões do conflito tome o lugar do ato violento. Da mesma forma, torna-se mais simples, para os que são ou se sentem vitimados, expressar seu sofrimento. Quanto aos espectadores, um clima de observação e de escuta pode trazê-los para uma dimensão de compartilhamento educativo, o que talvez faça com que eles

se dêem conta do mal estar ou sofrimento de seus colegas e se proponham, juntamente com eles, a buscar uma solução aceitável para todos.

A motivação é o elo fundamental para podermos cumprir uma das principais tarefas da educação que é o de fazer o aluno interessar-se por aprender, para então posteriormente fazê-lo aprender a aprender. Na educação física esta importância vai além da aquisição de conhecimentos, pois ela é o principal meio no sistema escolar para conscientizar o aluno a ter hábitos que o possibilite a viver com mais saúde, tanto no tocante a prevenção de doenças como na diminuição do estresse e ansiedade, males tão corriqueiros na nossa sociedade atual e causadores de atos de violência.

A insuficiência e a não procura de motivação em sala de aula é um problema, não só para os alunos como também para os professores. O atual contexto escolar mostra muitas vezes os alunos desmotivados para o aprendizado. As escolas e os professores despreocupados em criar novos artifícios para a motivação destes e apenas seguindo as normas burocráticas que o sistema educacional lhes impõe. Poucas são as oportunidades que os alunos têm para poderem transparecer suas aspirações, idéias e vontades. Por isso se deve constantemente mover em direção da aprendizagem, conforme nos aponta Pozo (2002, p. 142) em seu relato no qual mostra que os motivos para aprender devem ser suficientes para superar a inércia de não aprender:

Assim como os objetos em movimento se detêm pela ação de certas forças invisíveis, a inércia de nossa motivação também não costuma ser suficiente para manter em movimento nossa aprendizagem. É necessário que nos deparemos com algumas condições de instrução que impulsionem com novos motivos nossos desejos de aprender.

A compreensão e o uso adequado das técnicas motivadoras resultam em interesse, concentração da atenção e na atividade produtiva e eficiente de uma classe, enquanto a falta de motivação conduz ao aumento de tensão emocional, problemas disciplinares, aborrecimentos, fadiga e aprendizagem pouco eficiente.

Outro aspecto importante a ser abordado em relação à violência escolar é de que tanto a vítima quanto o agressor poderão sofrer graves seqüelas no seu desenvolvimento social e pessoal. Portanto ambos devem ser trabalhados e reeducados no ambiente escolar.

Sgundo Gerhardt (2005, p. 280):

O agressor também é um ser humano, em sofrimento e dificuldade. Ele merece um olhar mais compassivo, não tão acusatório e persecutório como é de rotina, embora ainda fundamentado no valor da justiça. Por outro lado, aplicando-se a perspectiva positiva do conflito, poder-se-ia olhar de um modo diferente também o agressor, pois sendo o conflito um grande desafio intelectual e emocional, ocorre que esse ser humano não está conseguindo superá-lo e exterioriza o seu dilema em atos violentos.

A punição não pode tornar-se o único meio de intervenção utilizada para a socialização de um aluno infrator. Para Royer (*apud* DEBARBIEUX, 2003) isso resultaria em um lamentável fracasso, principalmente quando se trata de jovens oriundos de ambientes conturbados ou menos favorecidos. O autor também aponta que, para que esses alunos possam ser ajustados, a escola deve ser pró-ativa e não apenas reativa, caso se pretenda evitar a reprovação e a evasão escolar desses jovens.

Os agressores podem ter diversas conseqüências como: dificuldade de conviver com outras pessoas, distanciamento e desinteresse dos objetivos escolares, conduta violenta na vida adulta, problemas de adaptação à vida profissional e delinquência. O aluno que agride impunemente o outro

atuando à margem do respeito às normas de convivência, está se socializando com uma consciência de clandestinidade, que poderá afetar gravemente seu desenvolvimento conforme relata Ortega (2002, p. 34-35), ao comentar que:

[..] vai-se convertendo pouco a pouco num jovem que acredita que as normas estão para serem infringidas e que, não cumpri-las, pode chegar a proporcionar um certo prestígio social. Assim vai-se deteriorando seu desenvolvimento moral e aumentando o risco de aproximação à pré-criminalidade, se não forem encontrados em tempo elementos educacionais de correção que redirecionem seu comportamento anti-social.

As vítimas, muitas vezes, poderão sofrer de ansiedade, depressão, timidez exagerada, insegurança, baixa auto-estima e queixas físicas e psicossomáticas e, em alguns casos extremos, elas podem vir a cometer suicídio. Outras, quando se percebem sem recursos para sair desta situação, terminam aprendendo que a única forma de sobreviver é a de converter-se em violentos e desenvolver atitudes de maus tratos para com outros.

Aprender que a vida social funciona como a lei do mais forte pode, segundo Ortega (2002), ser muito perigoso, tanto para os que se colocam no lugar do forte como para os que não sabem como sair do papel de fraco, que a estrutura da relação lhes atribui, especialmente, se isto ocorre quando se está construindo a personalidade social.

Burkhardt (2003) nos aponta que há uma lei do silêncio entre vítimas e agressores, o que dificulta sua intervenção na escola. Por isso, é preciso atenção à forma de relacionamento entre os alunos, no pátio, na sala de aula e nos demais ambientes. A vítima pode ficar constrangida a ponto de não ter mais coragem de participar, ficando em silêncio.

Na busca de uma educação mais ampla do ser humano e da procura de harmonia nos ambientes escolares, Ortega (*apud* DEBARBIEUX, 2003, p. 80) nos lembra da Declaração Universal dos Direitos Humanos que relata:

A educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

Portanto, devemos enfatizar que a prevenção da violência escolar deve ocorrer em meio das tarefas cotidianas de educação, e não apenas em grandes campanhas de conscientização. Devemos ter a convicção de que a escola seja um lugar onde os jovens encontrem a educação para a legalidade, o respeito às regras de convivência e a busca de soluções não violentas para os conflitos. E, na construção destes caminhos, encontramos o ensino das verdadeiras artes marciais como um meio auxiliar de grande valia na formação de culturas de paz.

2.2.3 O ESPORTE: VILÃO OU HERÓI NA RELAÇÃO COM A AGRESSIVIDADE E A VIOLÊNCIA?

O esporte, atualmente, tem alcançado uma importância de tal ordem que deixou de ser um simples instrumento de lazer, para interagir e influenciar nos meios políticos, econômicos e sociais em todos os cantos do mundo. Sua importância é visível, tanto no esporte de formação como no esporte de alto rendimento, como um elemento capaz de auxiliar na sociabilização, criação de modelos, liberação de emoções e tensões, manipulação de opiniões e criação de identidade própria e

de grupo.

O movimento, a atividade física e o esporte são referidos por diversos autores como uma alternativa de mudança, geralmente para uma melhora, da ansiedade, tensão, emocionalidade e agressividade. O levantamento científico da influência do exercício sobre o nível de agressividade tem focalizado seus efeitos tanto para quem pratica como para quem assiste a estes eventos.

Os efeitos da prática do desporto no ser humano propiciam não apenas o desenvolvimento físico, mas também parecem proporcionar um desenvolvimento psicológico melhor. O termo desporto passa, segundo Mosquera e Stobäus (1984), a ser considerado como uma válvula de escape psicológica e a sua participação como um meio de desenvolvimento para canalizar as agressões.

Existem demonstrações, segundo Otta e Bussab (1998, p. 112), de que *“a prática esportiva promove no cérebro a liberação de uma substância natural do nosso corpo chamada beta-endorfina, cuja composição semelhante à do ópio explica por que nos sentimos bem quando praticamos exercícios físicos”*. Desta forma ao fazermos estas atividades ficamos cansados, mas com uma sensação de bem-estar.

O exercício físico também é colocado por Otta e Bussab (1998, p. 112) como um liberador de tensão: *“é como se a energia agressiva fosse sendo acumulada aos poucos dentro de nós e exigisse uma liberação periódica”*. O exercício físico representaria uma válvula de escape não-destrutiva. Os mesmos autores lembram que vários autores consideram que praticar esportes e até mesmo assistir a competições esportivas permitem à pessoa extravasar sua agressividade.

A participação em atividade física e esporte, segundo Cratty (1989), reduz a agressividade, tanto para o praticante como para o observador. Pressuposto também defendido por Brill (*apud* OTTA e BUSSAB, 1998, p. 113) ao comentar que *“através da operação das leis psicológicas da identificação e da catarse, a pessoa se beneficia mental, física e moralmente assistindo/praticando o seu esporte preferido”*.

A principal função do esporte atual para Lorenz (*apud* OTTA e BUSSAB, 1998, p. 112) *“reside na liberação catártica do impulso agressivo; além disso, é claro, tem grande importância para a manutenção da saúde”*.

Na sociedade atual, principalmente em crianças e jovens ansiosos, é tão grande a confusão e a tensão interna que eles perdem o sentido de limite corporal entre sua esfera emocional interna e o mundo real exterior. Segundo Wolfgang (1979), os jogos, o movimento, proporcionam uma experiência para aprender a estabelecer o controle no trato com os demais seres humanos e criar uma crescente consciência de si mesmo. Refere, ainda que o jogo proporciona através do repertório de ações, um melhor conhecimento do corpo do praticante e de sua capacidade frente ao mundo que o rodeia, estimula a coragem para enfrentar proibições sociais (regras, normas), além de uma via de descarga e integração emocional.

Becker Junior (1980) lembra que todo o ser humano tem um instinto de morte, através do qual ele tende a destruir, dirigindo esse instinto para fora (agressividade extra-punitiva) ou para dentro (agressividade intra-punitiva). Se a agressividade for dirigida para dentro poderá levar ao suicídio ou outros tipos de transtornos físicos ou doença mental. Nesta visão para o autor, o esporte, tanto para o praticante como para o observador, é um canalizador de sentimentos hostis para fins úteis (sublimação) e que através do exercício físico há uma drenagem da agressividade. Becker Junior

(1995, p. 27) reforça melhor esta compreensão da influência do esporte sobre a agressividade através de uma pesquisa realizada em alunos entre 14 e 17 anos de escolas gaúchas obtendo o seguinte resultado:

- 1) *Os que praticam educação física ou desporto apresentam um nível de ansiedade menor do que os sedentários.*
 - 2) *Os que praticam educação física ou desporto apresentam um nível maior de agressividade sublimada do que os sedentários.*
 - 3) *Os que praticam educação física ou desporto apresentam um nível de agressividade intrapunitiva menor do que os sedentários.*
 - 4) *Alunos que praticam desportos apresentam um nível de agressividade extrapunitiva maior do que os sedentários.*
- Os que praticam educação física não se diferem dos sedentários neste fator.*

De outro lado, Jakobi (apud BECKER JUNIOR, 1980) não apóia a posição de que o esporte praticado ou presenciado efetua uma drenagem da agressão. Segundo este autor a agressividade não é um reservatório de energia que pode ser esvaziado praticando ou observando ações agressivas.

Por sua vez, Geen e Quanty (1977) dizem que a atividade física e o esporte reduzem mais a excitação fisiológica, pela metabolização da adrenalina, do que fazem um ajuste cognitivo da raiva e da agressão.

Podemos observar, portanto, que há posições contrárias que abordam a agressividade e o efeito do exercício sobre a mesma.

O surgimento de comportamentos agressivos no esporte é relacionado por vários fatores tais como: o local da disputa; a importância da disputa; o nível de rendimento dos competidores; quem está ganhando; o comportamento dos torcedores; as regras esportivas;

entre outros. O comportamento agressivo e violento do indivíduo dependerá do estado emocional de cada competidor em relação à disputa e das expectativas dos torcedores com a vitória, derrota e arbitragem.

Lamentavelmente a história do desporto, em especial o competitivo, encontra-se marcada por atos de violência. O mundo desportivo nos suscita uma intrigante antítese na qual esporte e paixão, paixão e violência, violência e tragédia, convivem lado a lado com o esporte e saúde, esporte e desenvolvimento, esporte e elevação de espírito.

Na história das civilizações o esporte sempre esteve ligado a função de válvula de escape das tensões políticas e sociais. Na Roma Antiga os jogos eram realizados intencionalmente para o público liberar sua agressividade latente. Na atualidade, conforme Mosquera e Stobäus (1984, p. 25), “*os modernos gladiadores contemporâneos são os desportistas profissionais*”, e através deles espera-se que o público encontre emoção, tensão e interesse, canalizando as suas frustrações.

Para diminuir as marcas de violência os esportes para serem reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional devem se regulamentar e perseguirem um objetivo saudável e de aprimoramento corporal, superior às meras violências e golpes lesivos. A regulamentação do esporte deve preservar a segurança dos praticantes, bem como o seu aprimoramento físico e mental, além de possibilitar a uniformização da prática da modalidade ou luta e, com isso, a manutenção do esporte como valor cultural e moral inerente à condição humana.

Do ponto de vista da violência sobre a pessoa Capez (2003, p. 123) classifica o esporte em três

grandes grupos:

a) *jogos com violência direta e necessária: a violência é da essência do esporte, o qual só pode ser praticado com emprego da vis absoluta contra a pessoa (boxe e lutas marciais);*

b) *jogos com violência eventual (futebol, handebol, basquete);*

c) *jogos sem nenhuma violência (golfe, xadrez, damas)*

Classificação esta colocada de uma forma demasiadamente generalizada, pois não diferencia os vários esportes de lutas, colocando como iguais, as verdadeiras artes marciais orientais baseadas em princípios filosóficos de não agressão, e as outras lutas desvinculadas de tais princípios. Nas verdadeiras artes marciais a violência não é a essência do esporte e sim o controle da técnica, e, se fossemos nos basear pelas lesões ocorridas durante os treinamentos ou competições, constataríamos que desportos como futebol, basquete e handebol apresentam geralmente um número maior de lesões do que as artes marciais como o judô e o karate.

As artes marciais com origem nas doutrinas orientais, em vez incitarem a violência, têm, pelo contrário, procurado desenvolver um estilo mais harmonioso e tranqüilo de vida, o que tem levado um crescente número de estudiosos do comportamento humano a se dedicarem ao estudo intensivo de seus princípios e práticas, conforme relata Guerguen Neto (1995, p. 11), ao comentar que:

O pensamento oriental, como o zen budismo, passou a deixar-se conhecer para o pensamento ocidental. Na sua essência, as práticas marciais constituem caminhos sistematizados para a obtenção de um perfeito autocontrole, maturidade e autoatualização do ser. Muitas pessoas ao passarem a utilizar-se dessas práticas resgataram seu equilíbrio, seu entusiasmo e o amor pela vida. O surgimento de valores que nascem no ser humano a partir da integração pessoal obtida pela prática correta de uma arte marcial, mostra uma psicologia prática de quem cultiva um novo estilo de vida.

O desporto pode ainda, segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 112), “ajudar as pessoas a se tornarem emocionalmente mais maduras, inclusive preparando-se fisicamente da melhor maneira a conviver com os outros e ao mesmo tempo estabelecendo uma identidade e filosofia de vida”. A filosofia de vida estaria na generosidade do desempenho e capacidade de desenvolver-se dentro de responsabilidades cívicas e sociais, fatores de vital importância para se estabelecer uma cultura de paz.

Trabalhos de Beaumont (*apud* DEBARBIEUX, 2003) tratam dos benefícios da atividade física para a sociabilização dos jovens com dificuldades de comportamento e da medição entre colegas realizada por jovens que apresentam, eles próprios, dificuldades.

Um outro fator importante na relação do esporte como inibidor da violência reside na possibilidade deste em desenvolver uma auto-estima positiva nos seus praticantes. A autoestima, segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 55), “responde ao tipo de apreço, consideração, amizade e, digamos assim, benevolência, que a pessoa tem para consigo mesma”. A auto-estima positiva desenvolve uma visão o mais realista possível das possibilidades, defeitos e virtudes que a pessoa possui. Já a auto-estima negativa desenvolve uma maneira valorativamente negativa da pessoa se ver e se apreciar, o que resulta como características predominantes uma maior rigidez comportamental, mecanismos de fuga de si mesmo e especialmente desconfiança das outras pessoas. Portanto, quando a auto-estima é favorável, responde a sentimentos de objetividade, flexibilidade e, especialmente, compreensão dos outros, tornando assim as relações mais harmoniosas e os conflitos facilmente resolvidos.

O desenvolvimento de uma auto-estima positiva é fundamental principalmente na adolescência, momento no qual o desporto pode, de acordo com Mosquera e Stobäus (1984, p. 112), *“ajudar a aceitar as mudanças físicas e dar uma nova imagem ao corpo, possibilitando um conhecimento real do mesmo, assim como da dinâmica da estrutura corpórea a respeito da identidade psicológica”*.

Os desportos de alto rendimento e as competições são os elementos esportivos que merecem um maior cuidado quanto as suas repercussões na formação de culturas de violência ou de paz, tanto para os praticantes como para os assistentes. Infelizmente a sociedade atual coloca, geralmente, a competição como uma relação de ganho ou perda, fugindo de seu significado mais nobre, que segundo Mosquera e Stobäus (1984), seria a compreensão, admiração e aceitação do desempenho do adversário. Também nas atividades desportivas, principalmente nas competições, a necessidade de alcançar resultados recordes, evidenciar mestrias desportivas e conseguir vitórias, não deveria ser mais importante do que o desenvolvimento no ser humano de autoconceito e conceito grupal, coragem, lealdade, formação e afirmação da personalidade, além da busca de uma melhor saúde física e psíquica.

As competições esportivas podem ser interpretadas, segundo Otta e Bussab (1998, p.113), como *“lutas ritualizadas, ou seja, lutas simbólicas em que nos envolvemos para ganhar, para defender nossa equipe, para reassegurar nossos laços com o grupo e nossa superioridade”*. Em certo sentido, essas práticas poderiam representar um canal socialmente aceitável de extravasamento da agressividade. Seja como for, precisamos reconhecer que a motivação para a prática esportiva é poderosa, basta ver que milhares de torcedores acompanham a transmissão dos jogos pelo rádio e pela televisão e uma multidão lota regularmente os estádios. O resultado dos jogos está associado à intensa emoção por parte da torcida.

O ponto é que encontramos indícios de redirecionamento da agressividade ao observarmos o comportamento dos torcedores que através do desporto espetáculo conseguem canalizar muitas das repressões e fomentar formas de comportamento que não seriam toleradas em outras manifestações sociais. Neste sentido, de acordo com Mosquera e Stobäus (1984, p. 180), *“o público se movimenta nas competições desportivas dentro de limites de permissividade mais amplos e este movimento é provocado no sentido de identificar momentaneamente e concentrar nos jogos as tensões que socialmente são colocadas como forma de provocar maneiras de comportamento”*.

Na busca de uma situação de competição ideal e da diminuição da violência das torcidas, deveríamos educar o público de maneira que conseguisse absorver com mais facilidade os resultados e que, de forma analítica e crítica, entendesse como espetáculo a técnica e o desempenho e não propriamente o ganho ou a perda em si.

A função de competir só para ganhar representa, tanto para o esportista como para o torcedor, um elemento altamente nocivo. Para Mosquera e Stobäus (1984, p. 183) *“o ganho, em si, leva a desencadear elementos agressivos de prepotência e poder e não cooperação, coesão e reconhecimento do melhor”*.

As grandes catástrofes registradas nos desportos, bem como a agressividade dos jogos, têm uma relação direta com os tipos de ansiedades, frustrações e conflitos desenvolvidos na sociedade moderna. Várias causas podem ser apontadas para a violência das torcidas organizadas nos estádios. Uma delas é a intensa emoção que acompanha uma vitória ou uma derrota, principalmente quando são inesperadas. Outra é a frustração decorrente de uma injustiça percebida, quando os torcedores

acreditam que seu time foi prejudicado por um árbitro incompetente ou corrupto. Mas há também a manifestação de comportamento delinqüente, quando grupos de espectadores, predispostos à violência, utilizam eventos esportivos para dar vazão a ações anti-sociais.

Grande parte dos tumultos acontecidos em desportos de cunho violento se deve ao público fanático. Para Mosquera e Stobäus (1984) parece até contraditório e paradoxal que tipos de personalidade, na vida real tão pacatas, apresentam comportamentos tão agressivos quando desencadeados em um campo de futebol ou em um outro desporto. Este comportamento se expressa através de gestos amplamente fora dos padrões sociais, palavreado grosseiro e, além do mais, comportamento de agressão indiscriminado, seja com quem for, talvez para liberar as repressões.

Otta e Bussab (1998, p. 118) comentam que:

Evidentemente a questão do envolvimento em esportes competitivos não se reduz à rixa entre grupos. Não se trata, ainda, de um exercício puro e simples de liberação de agressividade. É também uma oportunidade de dedicação intensa e de lealdade ao próprio grupo. Correr em defesa e lutar junto. Sentir-se irmanado, partilhar a mesma emoção e o mesmo canto. Ostentar corajosamente sinais de pertencer a um grupo e, se preciso for, enfrentar o inimigo num campo de batalha.

Desta forma, no mundo atual, podemos considerar que o esporte, tanto de formação quanto de alto rendimento, se bem conduzido, serve como canalizador de frustrações e conflitos, seja ao nível pessoal como local ou internacional.

Dvemos, portanto, procurar no esporte a sua verdadeira missão que é, segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 195), “*tornar o homem mais consciente física, intelectual e moralmente da sua própria pessoa. Sendo mais consciente da sua própria pessoa é provável que seja mais responsável para a construção de um mundo melhor*”.

E, diante desta possibilidade da construção de um mundo melhor, principalmente na busca de uma cultura de paz a partir dos princípios de tolerância, solidariedade, compartilhamento em base cotidiana, pluralismo de idéias, diálogo, negociação, mediação, respeito aos direitos humanos e combate às desigualdades e exclusão social, apresentaremos alguns projetos desenvolvidos no Brasil em que se busca através do esporte atingir esses princípios:

Projeto de Capoeira: desenvolvido no Colégio Márcia Meccia, localizado na cidade de Salvador na Bahia, e tendo como metas, segundo Silva (*apud* DEBARBIEUX, 2003): capacitar ao aluno refletir sobre as suas potencialidades corporais e exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada; adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações esportivas, repudiando qualquer tipo de violência. O projeto é desenvolvido através do ensino da capoeira por voluntários e conta com a participação de cerca de 250 alunos.

Projeto Escola Maria Anita: desenvolvido na periferia de Salvador, no bairro de Periperi. Este projeto baseado na manutenção das portas da escola sempre abertas à comunidade possibilitou, segundo Pereira (2004), a eliminação da evasão escolar e colocação de um ponto final nas brigas, quebra-quebra, destruições e pichações que eram freqüentes no estabelecimento. A Maria Anita também foi a única escola do Nordeste a ser convidada para participar do 3º Seminário Internacional de Intercâmbios de Experiências de Educação para a Paz, realizado em Bogotá, na Colômbia.

Antes do projeto, de 1993 a 2001, conforme relata Pereira (2004), pelo menos 300 ex-alunos

tiveram algum tipo de passagem pela polícia e outros 20 foram assassinados. Uma das alternativas para reduzir números tão alarmantes foi o investimento no esporte, integrando o aluno à comunidade escolar. A partir do esporte, foi feita também uma parceria com o vigilante Vivaldo Santos, mais conhecido como mestre Valmir da Capoeira. Dois anos depois de incentivar as atividades esportivas e abrir o seu espaço para a comunidade, a escola não registra sequer um aluno ou ex-aluno envolvido em criminalidade.

Programa Escolas de Paz: desenvolvido pela UNESCO, em parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro na Escola Estadual Guadalajara. O programa possibilitou à comunidade, conforme aponta Ramos (*apud* DEBARBIEUX, 2003), oficinas de dança de salão, artesanato, capoeira, karate, teatro e percussão. A partir dessas atividades aumentou-se o envolvimento dos alunos com a comunidade e da comunidade com a escola, de tal forma que muitos dos alunos que já passaram pelas oficinas regulares, hoje atuam comoicineiros e como coordenadores, auxiliando na organização e no apoio logístico.

Projeto Adote um Campeão: criado pela Federação de Tae-kwon-do do Ceará. O projeto é desenvolvido através de aulas de tae-kwon-do para crianças carentes das favelas e, segundo Almeida (2005, 11), *“contrariando as opiniões preconceituosas sobre o ensino de arte marcial para crianças residentes nas favelas, foi notada a diminuição dos índices de violência e criminalidade juvenil nestes locais após a implantação do projeto”*.

Projeto Bugre Lucena (judô comunitário): desenvolvido pela Escola de Educação Física da UFRGS desde 1991. Este projeto tem por objetivo, segundo matéria do jornal Solidário (2004), abrir as portas para um mundo, antes inacessível, para jovens carentes do Bairro Jardim Botânico de Porto Alegre, e, através da prática da disciplina e do respeito, inerentes à arte marcial do judô, prepará-los para, acima de tudo, serem futuros campeões de cidadania e de dignidade humana.

Participam do projeto cento e cinquenta crianças e adolescentes, entre 9 e 18 anos, e o trabalho é desenvolvido voluntariamente por professores e acadêmicos da Escola de Educação Física.

O judô que é reconhecido como um esporte saudável que não está relacionado à violência, foi o instrumento escolhido pelo projeto para a construção de um ser humano melhor. Ele é, antes de tudo, um esporte de princípios, uma arte, uma filosofia de vida, conforme aponta a professora Carmen Cavalheiro (*apud* SOLIDÁRIO, 2004, p. 7), ao relatar que:

Alguns vêm revoltados e inquietos. Puxamos por eles, lhes damos atenção. Eles mudam, se tornam carinhosos, modificam seu comportamento e personalidade, às vezes, até violenta. Em vez do desleixo e vida regrada pela falta de modelo e exemplo em casa, aqui adquirem disciplina, que a arte marcial exige, e acabam por aplicá-la, organizando-se para a própria vida. Sem disciplina nada se consegue. E a disciplina está muito ligada ao respeito ao outro, ao superior, ao colega. E o fato de terem que estar matriculados em escola como condição párea fazer judô, também contribui para a não evasão escolar.

Projeto Além do Esporte: desenvolvido pela Federação Gaúcha de Karate em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Este projeto atendia, em janeiro de 2004, mais de 7.000 crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos de idade em 20 municípios escolhidos de acordo com os índices de violência.

No projeto os alunos recebem aulas gratuitas de karate em regime de contra-turno escolar, nos quais os professores repassam, além do esporte propriamente dito, noções básicas de saúde, higiene,

direitos e deveres da cidadania, respeito aos mais velhos, qualidade de vida, defesa do meio ambiente e regras de convívio social.

O programa faz uso da prática desportiva do karate como um meio de inserção social e formação do cidadão, diminuindo a violência em áreas consideradas de risco, melhorando a qualidade de vida e ultrapassando as barreiras causadas pelo preconceito e desinformação.



Projeto Karate Piá no Esporte: desenvolvido pela Federação Paranaense de Karatedo Tradicional em parceria com o Governo do Estado do Paraná. O projeto atende crianças entre 7 e 17 anos e, segundo Gaertner (1999), busca desenvolver, através do ensino de karate, os seguintes objetivos: melhoria da noção de limites e diminuição da agressividade; desenvolvimento da noção de esquema corporal; desenvolvimento de valores humanos como amizade, solidariedade, companheirismo, respeito, entre outros; desenvolvimento de um pensamento ecológico e comunitário; aumento da auto-estima e auto-confiança; melhoria da saúde e dos hábitos de higiene; melhoria da socialização e do desempenho escolar.

Diante destes projetos e experiências percebemos a necessidade de uma maior proteção no campo das relações e atitudes, como enfatiza Paz (*apud* DEBARBIEUX, 2003) com o estabelecimento de acordos por meio do diálogo, estratégias de mediação, espaços de sociabilização, implementação de projetos que busquem a solidariedade e o sentimento de pertencimento à escola e mecanismos de valorização dos sujeitos que fazem desse cotidiano.

Finalizando este capítulo percebemos que esporte e agressividade têm um elo em comum, e que o melhor conhecimento da relação de um com o outro pode nos abrir diversas portas para o auxílio da resolução de problemas de nossa sociedade atual, como a violência e o estresse, tornando assim o nosso planeta mais humano e harmonioso em busca da paz e felicidade mundial.

3 PROCEDENDO A METODOLOGIA

A presente investigação é de cunho qualitativo e está caracterizada como um estudo de caso, no qual procura-se conhecer, interpretar e compreender percepções sobre agressividade e violência, com alunos(as) de karate no Colégio Militar de Porto Alegre.

As pesquisas qualitativas ou construtivistas são exploratórias, ou seja, estimulam os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos, atingem motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea. São usadas quando se buscam percepções e entendimentos sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

Na pesquisa qualitativa, não há necessidade de grande número de participantes, uma vez que, nessa modalidade de pesquisa, a opção é pela profundidade em detrimento da amplitude. Nesta pesquisa é possível ao pesquisador interagir com cada participante, perguntando como é para ele(a) aquele fenômeno, como pensa nele, como o sente, bem como pedir esclarecimentos, de modo a ir estabelecendo a construção.

O pesquisador, no paradigma qualitativo, também ocupa papel importante no processo de pesquisa, pois sua bagagem cultural e suas habilidades pessoais orientam enriquecendo ou limitando a produção do conhecimento. A negociação dos resultados deve ser realizada com os participantes, após as entrevistas, pois faz parte da flexibilidade da proposta na construção do conhecimento para se chegar a uma análise coerente com a real percepção dos participantes.

O estudo de caso é um tipo de pesquisa cujo objetivo é analisar com profundidade um determinado objeto de estudo, que pode estar vinculado a uma pessoa, uma sala de aula, uma escola, uma instituição ou uma comunidade, coletando dados em diferentes fontes e/ou utilizando diferentes instrumentos. A metodologia de um estudo de caso pode ser eclética, é uma forma particular de estudo, conforme destacam Lüdke e André e também Merriam (*apud* ENGERS, 2000).

Os propósitos do estudo de caso não são, portanto, os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.

Ao desenvolver um estudo de caso, o pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação, focalizando-as como um todo. Para isto recorre a uma variedade de dados ou de fontes de informação, explicando as diferentes percepções ou posicionamentos. A realidade é observada e descrita sob diferentes perspectivas, não havendo uma única posição que seja tomada como verdadeira. Assim, além das conclusões do próprio investigador, vários elementos são colocados à disposição do leitor para que ele próprio elabore sua opinião acerca do fenômeno, conforme referido por Bogdan e Biklen, Yin, Merriam, Delgado e Gutierrez (*apud* ENGERS, 2000).

3.1 OBJETIVOS

O estudo desenvolvido nesta Dissertação tem por objetivo geral conhecer, compreender e analisar as percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência no ensino das artes marciais.

Embasando-se neste objetivo geral, a pesquisa também apresenta os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer e analisar as percepções de alunos de karate sobre agressividade e violência no

contexto geral;

- Conhecer e analisar as percepções de alunos de karate sobre agressividade e violência nas competições;
- Conhecer e compreender as motivações para a prática do karate; e
- Conhecer e analisar as percepções sobre agressividade/violência e possíveis influências através do ensino de karate.

3.2 ÁREA TEMÁTICA

A partir do enunciado do Problema e destes objetivos definimos como Tema da pesquisa:

Percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência

3.3 QUESTÕES NORTEADORAS

A partir do Tema, temos as seguintes Questões de Pesquisa:

- Que percepções manifestam os karatecas sobre agressividade/violência?;
- Quais motivos levam um indivíduo a procurar a prática do karate?;
- Quais as diferenças e semelhanças de percepção sobre agressividade/violência de karatecas iniciantes e de karatecas com mais de um ano de prática?; e
- Quais as diferenças e semelhanças de percepção sobre agressividade/violência de karatecas competidores e não competidores?

3.4 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Foram considerados participantes do estudo doze adolescentes, na faixa etária entre 14 e 18 anos, de sexo masculino ou feminino, frequentadores das aulas de karate no Colégio Militar de Porto Alegre. A seleção dos entrevistados se deu de forma intencional, sendo composta de competidores e não competidores, mas todos praticantes com mais de um ano de treinamento nesta arte marcial.

A cada participante foi atribuído como identificação fictícia o nome de um *kata* do karate, de tal maneira que, quanto mais adiantado for o *kata*, tanto maior será o tempo de treinamento do karateca entrevistado.

No intuito de melhor esclarecer a ordem da seqüência dos *katas* e suas relações com os entrevistados, no que se refere ao tempo de treinamento no karate, suas faixas, idade, gênero e ordem em que foram entrevistados, foi confeccionado o seguinte quadro:

Nome/Kata Tempo de karate Faixa Idade Sexo Ordem entrevista

Gueksai-dai-it 1 ano e 2 meses amarela 16 masculino 1º

Gueksai-dai-ni 1 ano e 2 meses amarela 17 masculino 8º

Sanchin 1 ano e 3 meses amarela 16 masculino 6º

Saifa 1 ano e 9 meses amarela 16 feminino 4º

Seienchen 1 ano e 9 meses laranja 14 masculino 5º

Teisho 1 ano e 9 meses laranja 16 feminino 11º

Sanseru 1 ano e 9 meses laranja 17 masculino 9º

Seipai 1 ano e 10 meses laranja 14 feminino 7º

Shisochen 2 anos e 3 meses laranja 16 feminino 12º

Seisan 3 ano e 7 meses azul 16 masculino 3º

Kururunfa 5 anos verde 17 feminino 10º

Suparimpei 5 anos roxa 18 masculino 2º

3.5 LOCAL DA PESQUISA: O COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE

A contextualização do local em que a pesquisa é realizada representa uma parte importante para melhor compreensão do desenvolvimento do estudo, ainda mais se esta instituição representa com suas origens, sua história, seus personagens ilustres e seus mitos uma página com relevância histórica no cenário de nossa nação, como é o caso do Colégio Militar de Porto Alegre.

No Colégio Militar, em particular, outro fator importante de ser desmistificado é a sua proposta pedagógica, pois esta pode até trazer consigo o estereótipo de uma escola calcada no paradigma tradicional, em que impera o severo regime militar, no qual o aluno só pode adotar a posição passiva e de obediente aceitação frente ao processo de ensino-aprendizagem.

Todavia, a verdade é bem outra, pois, embora a escola mantenha algumas características militares como a disciplina, a proposta pedagógica atual está em buscar o pensamento crítico e uma educação mais voltada ao integral do aluno, que ofereça a estes a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da vida de cidadão.

As origens dos Colégios Militares, segundo Bento (1995), remontam ao ano da Proclamação da República quando, por proposta do Ministro da Guerra, senador Thomaz Coelho, foi criado através do Decreto Imperial nº 10.220 de 09 de março de 1889, o então Imperial Colégio Militar, atual Colégio Militar do Rio de Janeiro, o CMRJ, o qual, segundo seu fundador, destinava-se a atender o seguinte propósito estratégico, que era de proporcionar aos filhos de militares ativos, inativos e honorários do Exército e da Marinha e aos civis que desejassem seguir a carreira militar, os meios de receberem instrução que em poucos anos lhes abrissem as portas das Escolas Militares do Império.

Com o passar dos anos, começou a ser configurado o Sistema Colégio Militar do Brasil, com a fundação de outros colégios ao redor da Nação, e dentre estes o Colégio Militar de Porto Alegre.

O Casarão da Várzea e seus ilustres alunos

O prédio em que funciona o Colégio Militar de Porto Alegre, carinhosamente chamado de Casarão da Várzea, constitui um patrimônio histórico não só da cidade de Porto Alegre, mas também de todo o país, pois em suas salas de aula estudaram diversos personagens que participaram de nossa história. Desde o final do século XIX, a sua expressiva arquitetura mudou a fisionomia da várzea da Redenção, criando um espaço onde questões ligadas ao ensino e a vida brasileira foram intensamente vividas por aqueles que circulavam pelas arcadas deste velho prédio.

Várias instituições de ensino funcionaram neste prédio: a Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul (1883-1888), a Escola Militar de Porto Alegre (1889-1905), a Escola de Guerra (1906-1911), o Colégio Militar de Porto Alegre (1912-1939), a Escola Preparatória de Porto Alegre (1939-1962) e, novamente, o Colégio Militar de Porto Alegre, desde 1962.

Dos primórdios da antiga Escola Militar até o ano de 1911, pode-se destacar a atuação de vários personagens desta instituição nas mais diferentes áreas, conforme Medeiros (1992). É notória a participação de João Cezimbra Jaques, instrutor da Escola Militar e um dos fundadores do Centro Gaúcho para o estudo das tradições rio-grandenses, que deu origem ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, do qual o major Cezimbra é o patrono. Na área da educação é impossível deixar de mencionar a atuação de João José Pereira Parobé, professor da Escola Militar, que esteve diretamente ligado à fundação da Escola de Engenharia, hoje integrada à UFRGS, além de ter fundado o Colégio que hoje leva o seu nome. Também deve ser lembrado Otávio Rocha, que foi aluno e professor da Escola Militar e destacou-se na administração pública como intendente de Porto Alegre.

Da fase iniciada com a criação do Colégio Militar de Porto Alegre em 1912 até nossos dias, embasado no levantamento realizado por Pineda (2000), vários são os personagens que nele estudaram e que marcaram a história brasileira. Dentre eles figuram cinco ex-presidentes da República: Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Também se destacaram os ex-alunos Plácido de Castro, conhecido como o Libertador do Acre, Armando Pereira Câmara, ex-reitor da UFRGS e o primeiro reitor da PUCRS, José Carlos Ferraz Henne mann, atual reitor da UFRGS, e, nas artes, o genial poeta Mario Quintana e o escultor Vasco Prado. Nos esportes destacaram-se no futebol El Maestro (Luiz Carvalho), Lagarto (Severino Franco) e o goleiro de várias seleções gaúchas Marne Domenighi, no atletismo os recordistas Carlos Macedo, Jorge Rodrigues Carvalho e Fernando Mazon, na natação os recordistas Bruno Bastian de Carvalho, Paulo Carvalho e Air Chagastelles, no pentatlo moderno Daniel Vargas, representante brasileiro na olimpíada de Atenas, e Roberta Sant'anna, representante brasileira nos Jogos Pan-Americanos, no karate Juliano Silva da Silva, vice-campeão brasileiro e campeão gaúcho, Marina Rosalba Komonski Guterres, tricampeã gaúcha, e Thomas Hyeono Kang, bi-campeão gaúcho.

Naturalmente muitos nomes deixaram de ser destacados neste breve retrospecto.

Todavia esses que aqui aparecem são emblemas do histórico envolvimento deste educandário com a comunidade e testemunham um projeto pedagógico preocupado em desenvolver potenciais nas mais diferentes áreas.

O funcionamento do Colégio Militar de Porto Alegre

O Colégio Militar de Porto Alegre foi criado através do decreto nº 9.397, de 28 de fevereiro de 1912 pelo então Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca. No dia 22 de março de 1912, seu primeiro comandante, Coronel Manoel Farias de Albuquerque, dava por criado o Colégio conforme a Ordem do Dia daquela data, ocasião oportuna que ficou consagrada como aniversário do CMPA. O início das aulas deu-se em 19 de junho, com 275 alunos.

A história do Colégio Militar de Porto Alegre compreende duas etapas. A primeira, compreendida entre os anos de 1912 a 1938, que inicia com a sua criação e encerra-se com o seu fechamento, quando foi substituído pela Escola Preparatória de Cadetes, e a segunda que inicia com sua reabertura em março de 1962 e vai até os nossos dias.

Atualmente estudam no colégio aproximadamente mil alunos distribuídos em dois turnos, funcionando pela manhã da 8ª série do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio e pela tarde da 5ª a 7ª séries do ensino fundamental. O ingresso destes alunos no colégio se faz através de concurso

público, realizado uma vez a cada ano, ou pelo caráter assistencial de amparar filhos de militares transferidos de outras regiões.

O Colégio Militar de Porto Alegre é integrante do Sistema Colégio Militar do Brasil, atualmente composto também pelos colégios militares de Santa Maria, Curitiba, Campo Grande, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Brasília, Salvador, Recife, Fortaleza e Manaus. Estes colégios estão subordinados à Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), de onde emanam as diretrizes que colocam estes colégios em destaque no cenário nacional.

O Colégio é atualmente distribuído em três grandes áreas para atingir seu pleno desenvolvimento e garantir a educação aos alunos, que são a Subdireção de Ensino, o Corpo de Alunos e a Divisão Administrativa.

A Subdireção de Ensino trata de todos os assuntos diretamente ligados ao processo educacional. Podemos citar, particularmente, a Seção Técnica, onde são abordadas as questões relativas aos graus dos alunos e ao planejamento educacional; as Seções de Ensino, onde se encontram os professores; a Seção de Educação Física, onde são tratados os assuntos diretamente ligados aos esportes; a Seção de Orientação Educacional, onde existe um trabalho voltado ao aspecto psicossocial e à orientação vocacional; a Seção de Meios Auxiliares e Publicações, onde é realizado o apoio aos professores no que diz respeito a materiais usados em sala de aula e, por fim, a biblioteca.

O Corpo de Alunos é o responsável por todos os assuntos ligados exclusivamente aos alunos. A ele compete orientar a formação integral dos alunos, realizar o enquadramento militar de acordo com a orientação educacional do Colégio e, ainda, supervisionar, coordenar e controlar as atividades do corpo discente, tudo em integração com os demais setores da escola. Para atender esta destinação o Corpo de Alunos estrutura-se em Companhias de alunos assim divididas: 1ª Companhia, compreendendo as turmas de 5ª, 6ª e 7ª séries do ensino fundamental, 2ª Companhia, compreendendo as turmas da 8ª série do ensino fundamental e 1ª série do ensino médio, e 3ª Companhia compreendendo as turmas de 2ª e 3ª séries do ensino médio. Também fazem parte desta área, a Secretaria do Corpo de Alunos que trata da documentação dos alunos e a Banda de Música.

Por fim, a terceira grande área é a Divisão Administrativa. Ela engloba a Ajudância Geral, que trata da documentação dos militares e do pessoal civil, a Tesouraria que coordena todos os pagamentos, a Seção de Saúde, disponível para todos alunos, militares, professores e funcionários do colégio, a Seção de Aproveitamento, responsável pelas refeições servidas, e a Companhia de Comando e Serviços, encarregada pela segurança e serviço de manutenção e limpeza das instalações.

Além destas divisões também existem no Colégio diversos clubes e grêmios com destaque à Legião de Honra e à Sociedade Esportiva Literária (SEL). A Legião de Honra foi fundada em 27 de junho de 1964, tendo como objetivo cultivar os valores morais e intelectuais, indispensáveis ao desenvolvimento integral do cidadão e por finalidade auxiliar instituições carentes. Os critérios para o ingresso na Legião são o bom rendimento escolar e o exemplar comportamento. A Sociedade Esportiva e Literária, fundada em 1963, é uma entidade de caráter interno, sem fins lucrativos, criada pelo Comando do Colégio e a este subordinada, funcionando como órgão representativo dos estudantes. Ela é mantida e administrada por uma diretoria de alunos, eleita anualmente pelo corpo discente.

A proposta pedagógica do Colégio Militar

O ensino no Colégio Militar tem como meta geral proporcionar a educação integral do aluno, trabalhando não só o aspecto cognitivo, mas também o afetivo e o social. Deve proporcionar aos jovens uma formação necessária ao descobrimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da vida de cidadão, conforme relato descrito na revista Hyloea (1998, p. 16-17):

A educação integral e a era do conhecimento impõem aos Colégios Militares: permitir ao aluno desenvolver atitudes e incorporar valores familiares, patrióticos e sociais que lhe assegurem um futuro de cidadão cômico de seus deveres, direitos e responsabilidades, qualquer que seja o campo profissional de sua preferência;

facilitar ao aluno a pesquisa incessante de informações relevantes; desenvolver-lhe visão crítica dos fenômenos políticos, econômicos, históricos, sociais e científicotecnológicos, ensinar-lhe pois, a aprender para a vida e não mais para fazer provas; capacitar o aluno à absorção de pré-requisitos fundamentais ao prosseguimento dos estudos acadêmicos e não de conhecimentos supérfluos que se encerram em si mesmos; e estimulá-lo ao desenvolvimento físico e à prática habitual do esporte. Ao deixar o Colégio Militar o aluno será consciente de que é responsável por seu aperfeiçoamento e estará preparado para vencer em qualquer atividade profissional que escolher.

Neste contexto os professores atuam como facilitadores da aprendizagem e tornam-se os principais incentivadores da busca do conhecimento por seus alunos. Portanto, é indispensável que estejam plenamente comprometidos e engajados com a proposta pedagógica e sejam cúmplices deste processo de aprendizagem.

Na busca da educação integral em consonância com o mundo atual, o Colégio oferece diversas atividades extras curriculares como o Projeto Interdisciplinar, no qual os alunos aprendem a reconhecer as diversas disciplinas como instrumentos para a compreensão do mundo que os cerca, o Projeto de Desenvolvimento das Potencialidades, o Projeto de Coleta Seletiva de Lixo, a Hora da Arte, entre tantas outras atividades. Fica assim evidente, que a proposta pedagógica do Colégio Militar está em perfeita sintonia com as necessidades educacionais do mundo de hoje.

A Educação Física no CMPA

O Colégio Militar de Porto Alegre na sua primeira etapa de funcionamento, do período de 1912 a 1939, era destinado exclusivamente ao segmento masculino e tinha sua educação ministrada em dois cursos. Um curso chamado de Adaptação, que corresponderia ao ginásio, e outro denominado Secundário (correspondente ao científico). As disciplinas destes cursos encontravam-se distribuídas em matérias do ensino teórico, ministradas no turno da manhã, e matérias do ensino prático, ministradas no turno da tarde.

As atividades do ensino prático se constituíam de atividades físicas e instruções militares, conforme relata Pineda (2003, p.35), *“faziam parte do ensino prático do Curso de Adaptação: ginástica, natação, equitação, velocipedia, recreio, jogos e instrução militar.*

Para o curso Secundário, os conteúdos do ensino prático eram: ginástica, natação, recreios, esgrima e instrução militar”.

Neste período predominava a calistenia e os instrutores do ensino prático não eram professores, mas sim militares de baixa patente (em geral, sargentos) que se responsabilizavam pela instrução militar dos alunos. No entanto, até o momento, ainda não se conseguiu encontrar a forma como essas atividades eram avaliadas.

As atividades do ensino prático eram fundamentais na educação de meninos. Elas reforçavam um conjunto de valores, práticas, representações que eram consideradas fundamentais na construção social. Louro (apud PINEDA, 2003, p. 36), escrevendo a respeito da formação de meninos em uma escola marista do Rio Grande do Sul, aponta a importância e o significado que as atividades físicas assumiam em escolas destinadas a meninos:

Esses meninos – na sua construção como homens – deveriam ter seus corpos adestrados, experimentados e dominados pela ginástica, pela caminhada e pelos esportes competitivos. Aos jogos são atribuídos não apenas resultados de ordem física, como colocar os músculos em movimento, ativar a circulação do sangue, repousar o sistema nervoso, destreza e agilidade, mas também o desenvolvimento de certas qualidades da alma, como a coragem, a lealdade, etc. Espera-se ainda que jogos e ginástica ajudem a reprimir o espírito e os pensamentos maus.

Na primeira etapa do Colégio Militar, o espaço existente destinado a atividades esportivas, compreendia um considerável complexo de instalações, situadas onde hoje se encontra o Parque Farroupilha, composto pelo Estádio Ramiro Souto, quadras esportivas e a piscina. Além destes espaços havia ainda sala de esgrima, baias, picadeiros e local adequado para a guarda de armamentos.

Na tarefa de educar corpos saudáveis, a Educação Física tinha um papel fundamental e era vista como um elemento disciplinador que mantinha corpos e mentes em atividade. Além desta característica, a Educação Física tinha forte inspiração militar, objetivando preparar os alunos para o prosseguimento da carreira das armas. As competições desportivas com outras escolas da capital eram estimuladas e amplamente noticiadas no colégio, principalmente através da revista *Hyloea*, como exemplifica a seguinte notícia publicada no número 6, do ano de 1938 (apud PINEDA, 2003, p. 101), por ocasião das comemorações do Dia do Estudante:

Torneio Estudantil de Foot-Ball

Esse torneio, que transcorreu sob grande entusiasmo, foi disputado no Stadium do Menino Deus entre as equipes dos Ginásios Anchieta, Rosario, Dôres, Colégio Militar, Instituto Porto Alegre e Cruzeiro do Sul.

Comentando a atuação do nosso esquadrão, temos a dizer que o mesmo honrou as tradições do nosso glorioso C.M. Finalizou o torneio com o merecido triunfo da nossa equipe. Aita foi o goleador.

Atualmente o Colégio Militar de Porto Alegre funciona da 5ª série do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio e, desde 1989, passou a receber também estudantes do sexo feminino. As atividades físicas e desportivas no CMPA são coordenadas pela SEF (Seção de Educação Física), que além de atender as atividades curriculares normais do ensino, em caráter obrigatório para todo o corpo discente, possui um constante quadro de treinamento de equipes que representam o colégio nas mais diversas competições locais, regionais e estaduais.

As atividades curriculares de Educação Física do Colégio Militar estão previstas nos Planos de Áreas de Estudo (PLAEST) e nos Planos de Disciplinas (PLADIS), documentos estes que prescrevem os objetivos, assuntos, carga horária e outras informações relativas ao funcionamento das disciplinas.

Nas 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, os alunos trabalham em forma de atividades lúdicas pré-desportivas os diversos esportes, tendo como objetivos principais o aumento de suas vivências motoras e sociabilização, conforme descrito no Plano de Área de Estudo de Educação Física (apud BRASIL, 2002, p. 1), aprovado pelo Boletim Interno do Departamento de Ensino e Pesquisa número 53 de 11 de julho de 2002:

Objetivos particulares da área de estudo das 5ª e 6ª séries:

- a. *Distinguir as diversas modalidades desportivas e suas particularidades;*
- b. *Desenvolver de forma lúdica as habilidades técnicas em cada modalidade desportiva;*
- c. *Desenvolver parâmetros de forma física e habilidade motora por meio da prática do desporto e da preparação física;*
- d. *Desenvolver os seguintes atributos da área afetiva por meio da prática do desporto: honestidade, integridade, lealdade, espírito de corpo, camaradagem, cooperação, criatividade, dedicação, disciplina, disciplina intelectual e responsabilidade.*

A carga horária nestas séries é de quatro tempos letivos, que são ministrados em dois encontros semanais de dois tempos cada. Os desportos desenvolvidos são: atletismo, basquete, esgrima, futebol, futsal, ginástica olímpica, handebol, judô, orientação e voleibol. Da 7ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, os alunos baseados nas experiências obtidas dos anos anteriores, escolhem um desporto base para o desenvolvimento de suas atividades físicas. A importância desta liberdade de escolha está na possibilidade de despertar uma maior motivação no desenvolvimento das aulas de Educação Física e a consequente conscientização da importância da atividade física para uma melhor qualidade de vida e prevenção da saúde. No ensino fundamental os desportos são trabalhados com ênfase nos fundamentos técnicos e no ensino médio são trabalhados, além da parte técnica, a parte tática. Os objetivos particulares da área de estudo da 7ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, segundo o PLAEST de Educação Física (*apud* BRASIL, 2002, p. 57), são:

- a. *Desenvolver parâmetros de forma física e habilidade motora por meio da prática do desporto e da preparação física;*
- b. *Evidenciar o espírito de equipe;*
- c. *Aprimorar as habilidades técnicas em cada modalidade desportiva;*
- d. *Desenvolver os seguintes atributos da área afetiva por meio da prática do desporto: honestidade, integridade, lealdade, espírito de corpo, auto-confiança, camaradagem, competitividade, cooperação, criatividade, dedicação, disciplina, disciplina intelectual, equilíbrio emocional, liderança, resistência e responsabilidade.*

A carga horária para a 7ª e 8ª séries do ensino fundamental é de quatro tempos letivos ministrados em dois encontros semanais de dois tempos cada e para o ensino médio é de dois tempos letivos que são ministrados em apenas um encontro semanal. Os desportos oferecidos para estas séries são: atletismo, basquete, futebol, futsal, handebol e voleibol.

As equipes esportivas funcionam fora do horário escolar, geralmente no contra-turno, possuem caráter voluntário e visam os seguintes objetivos:

- a) Divulgar a prática esportiva valorizando o caráter educativo e social do esporte, fortalecendo vínculos entre professores e alunos;
- b) Promover o esporte resultante das atividades físicas desenvolvidas no colégio;
- c) Oportunizar o surgimento de talentos com a demonstração do aprendizado esportivo obtido nas aulas curriculares de educação física.

Atualmente o Colégio Militar de Porto Alegre conta com as equipes de futebol, futsal, handebol, orientação, voleibol e karate.

O funcionamento do karate no Colégio Militar de Porto Alegre

A disciplina de karate é ministrada no Colégio Militar desde 1992. Atualmente a aula é realizada duas vezes por semana, nas terças e quintas-feiras, das dezoito às vinte horas. A turma é composta por quarenta alunos, sendo aproximadamente quarenta por cento de meninas e sessenta por cento de meninos, pertencentes a turmas variadas que vão da 5ª série do ensino fundamental até a 3ª série do ensino médio. Além destes alunos que têm a frequência obrigatória, também participam das aulas, eventualmente, ex-alunos do colégio que comparecem de acordo com suas disponibilidades de tempo.

A aula de karate é ministrada em uma sala denominada de *dojô*, recoberta por grandes placas de borracha denominadas de *tatames*. Ela inicia e termina com uma saudação e com uma breve meditação, que tem por finalidade a preparação do aluno para fazer um bom aprendizado, concentrando o seu objetivo na aula e desviando assim de outros pensamentos.

A parte prática da aula começa com o treinamento do condicionamento físico, que tem a duração de aproximadamente quarenta minutos, com a finalidade de preparar fisicamente o aluno para poder posteriormente executar a parte técnica com eficiência e perfeição. No condicionamento físico são desenvolvidos exercícios com o objetivo de melhorar a flexibilidade, a força, a resistência aeróbia e anaeróbia, a potência, o equilíbrio e a coordenação, ou seja, é uma aula de ginástica localizada dentro da aula de karate que busca uma melhora cardiopulmonar e neuromuscular dos praticantes. Este aumento de potencial dos diferentes níveis de desenvolvimento muscular do corpo humano é adaptado a qualquer sexo, idade e biotipo dos praticantes.

O treinamento técnico do karate é subdividido em *kihon* (treinamento básico), *kata* (formas), *kumite* (lutas) e outras técnicas extras, que juntos tem a duração de aproximadamente de setenta minutos. No *kihon* o aluno desenvolve de uma forma individualizada os fundamentos técnicos básicos do karate, ou seja, golpes de defesa e ataque, bases e deslocamentos, enfim o **bê-á-bá** do karate.

No *kata* é onde o karateca melhor desenvolve a sua forma técnica através do treinamento de seqüências de lutas imaginárias contra diversos adversários. Existem diversos *katas* que são aprendidos de acordo com a graduação de cada praticante. O *kata* deve ser praticado como uma unidade orgânica e fluência suave e ter vigor ao passar de uma técnica para outra, fazendo com que ao treiná-lo o aluno obtenha em seus movimentos um resultado que expresse postura, concentração, força, ritmo e veracidade nestas formas imaginárias de ataque e defesa. Sua importância é tanta que Tagnin (1973, p. 323) descreve que:

Os katas são o início e o fim desta arte marcial, sendo sem dúvida a sua essência.

As velhas técnicas ensinadas pelos velhos mestres da arte estão contidas nos katas.

Ao estudarmos a fundo estas técnicas que pertencem ao passado e vivem no presente, podemos descobrir uma interminável fonte de recursos que nos dão progresso físico e mental.

No *kumite* são desenvolvidos os treinamentos dois a dois com o objetivo do desenvolvimento do reflexo, noção de espaço e tempo e principalmente o controle dos golpes de karate. Existem variadas formas de *kumite* que vão desde treinamentos de confrontos com golpes pré-estabelecidos até confrontos livres, nos quais a criatividade, técnica e controle dos alunos são postos à prova. Por fim

nas técnicas extras são desenvolvidos outros treinamentos que tenham afinidade com o karate propriamente dito como rolamentos e técnicas de defesa pessoal.

O treinamento teórico do karate é desenvolvido juntamente com a parte técnica e em especial no final da aula, na qual são revisados os conhecimentos treinados durante a aula e, geralmente, lido e comentado um princípio filosófico sobre os quais estão embasadas as artes marciais orientais.

Todas estas etapas da aula de karate são bastante flexíveis e adaptadas aos interesses mais imediatos dos alunos. As aulas podem ser mais leves em épocas de provas escolares e mais rigorosas em épocas de competições ou vésperas de exames de graduação (exame de faixa). O condicionamento físico, geralmente, tem um espaço de tempo maior no início do período letivo e o treinamento técnico passa a dominar a aula a partir do segundo bimestre. A parte teórica dá ênfase aos princípios gerais no primeiro semestre e aos princípios filosóficos no segundo semestre. Desta forma as aulas vão se adaptando aos ritmos de desenvolvimento e aspirações dos alunos.

O karate do Colégio Militar é detentor de diversos títulos estaduais e até nacionais, embora esta preocupação competitiva tenha um caráter secundário, pois a sua premissa básica é a formação integral do aluno, fazendo que este tenha um desenvolvimento físico e espiritual fundamentado nos princípios filosóficos das artes marciais orientais que primam por uma concepção baseada no caráter e na não violência, para que este possa ser um cidadão consciente e cultivador de um mundo de paz e harmonia.

3.6 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Primeiramente foi feito o contato com a direção do Colégio Militar de Porto Alegre para apresentação do projeto de pesquisa e solicitação da colaboração e autorização para a posterior divulgação dos dados. Obtida esta autorização para o desenvolvimento da pesquisa passou-se para os procedimentos de coleta de dados.

As pesquisas qualitativas são, segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), caracteristicamente multimetodológicas, isto é, podem usar uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados.

Para este estudo foi escolhido como principal instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, a qual foi aplicada a doze alunos praticantes de karate no Colégio Militar de Porto Alegre. A entrevista semi-estruturada foi escolhida como instrumento de coleta de dados pelas suas características de flexibilidade e por ser apropriada para aprofundar no problema em questão e na abordagem de estudo de caso. As entrevistas foram gravadas, transcritas e devolvidas aos entrevistados, para poder obter possíveis correções, no intento de conhecer suas concordâncias e discordâncias com as questões propostas, como colocam Lincoln e Guba (*apud* ENGERS, 2000).

Também se adotou, como forma auxiliar na coleta de dados, observações do cotidiano das aulas de karate, realizadas pelo próprio pesquisador. O tipo de observação escolhida foi a não estruturada, na qual os comportamentos a serem observados não são pré-determinados, eles são simplesmente observados e retratados da forma como ocorrem, visando descrever e compreender o que está ocorrendo numa dada situação, conforme referido por Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001).

As observações nesta pesquisa tinham o intuito de vivenciar o cotidiano dos treinamentos e registrar na Ficha de Observações os aspectos relevantes e curiosos relativos ao tema da pesquisa, isto

é, comportamentos e opiniões emitidas sobre agressividade e violência. Estas observações serviram, posteriormente, como complementos valiosos na análise das entrevistas.

3.7 ANÁLISE DOS DADOS

As pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos. Isto se faz, conforme Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Este é um processo complexo, não linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação.

Na presente pesquisa os dados foram estudados utilizando-se Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2004). A sistemática utilizada para a análise passou numa primeira etapa pela leitura e releitura das entrevistas, para a impregnação dos conteúdos e poder compreender as percepções dos entrevistados. Numa segunda etapa foi feita a análise vertical, buscando demarcar aspectos relevantes das falas de cada um dos participantes. Na terceira etapa, foi realizada uma análise horizontal, em que se procurou reunir os aspectos comuns das entrevistas, em conjuntos de cada um dos segmentos, em relação às questões feitas. A quarta etapa efetuada foi a síntese e, finalmente, a definição das categorias e subcategorias que emergiram nos diferentes segmentos.

Na definição das categorias e subcategorias foi possível integrar os resultados das percepções dos entrevistados com as observações realizadas durante os treinamentos. Esse fato é compreensível uma vez que praticamente todas as observações registradas foram falas ou atitudes relacionadas com as percepções sobre agressividade e violência dos entrevistados.

4 VISUALIZANDO AS PERCEPÇÕES DOS KARATECAS

A partir da análise dos dados, ou seja, das percepções dos karatecas, embasadas no referencial teórico do capítulo dois, surgiram as seguintes categorias e subcategorias que passamos a descrever e analisar:

CATEGORIAS e SUBCATEGORIAS

4.1 Percepções sobre agressividade/violência no contexto geral

4.1.1 No mundo

4.1.2 Nas cidades

4.1.3 No lar

4.1.4 Nas escolas

4.1.5 Nos esportes

4.1.6 Na mídia

4.1.7 O estresse, a falta de paciência e controle

4.2 Percepções sobre agressividade/violência no karate

4.2.1 Antes do ingresso no karate

4.2.2 No início da prática do karate

4.2.3 Praticantes com mais de um ano de tempo de treinamento

4.2.4 Influências das competições

4.2.5 Atitudes de agressividade/violência de karatecas

4.3 A motivação para praticar o karate

4.3.1 Gosto pelas artes marciais e sua filosofia

4.3.2 Busca de uma atividade física

4.3.3 Acompanhar um amigo ou parente

4.3.4 Aprender uma luta para brigar

4.4 Influências do karate sobre agressividade/violência

4.4.1 O controle da agressividade

4.4.2 A visão espiritual

A redação deste capítulo está realizada de modo que aparecem as falas dos alunos (que propositalmente estão em itálico e sem aspas), seguidas de minhas interpretações associadas a referências teóricas (que estão com a mesma formatação dos demais capítulos).

4.1 PERCEPÇÕES SOBRE AGRESSIVIDADE/VIOLÊNCIA NO CONTEXTO GERAL

Esta categoria aborda como são percebidas pelos entrevistados as visões sobre agressividade e violência nos mais diversos setores que formam a sociedade, através dos seguintes tópicos:

Percepções sobre agressividade/violência no contexto geral

4.1.1 No mundo

4.1.2 Nas cidades

4.1.3 No lar

4.1.4 Nas escolas

4.1.5 Nos esportes

4.1.6 Na mídia

4.1.7 O estresse, a falta de paciência e controle

4.1.1 NO MUNDO

A percepção de que o *mundo atualmente tá muito violento*, comentada por Teisho, foi compartilhada por todos os demais entrevistados, através de falas bastante semelhantes, que demonstram a magnitude deste problema como uma das maiores inquietações do mundo nos dias atuais.

Falas como: *o mundo tá violento no mundo inteiro* (Gueksai-dai-it); *o mundo tá muito violento* (Suparimpei); *o mundo hoje tá muito violento, tá cada vez pior* (Seisan); *ultimamente o mundo anda muito agressivo* (Saifa); *eu acho que o mundo, hoje em dia, anda violento* (Seienchen); *no contexto geral o mundo anda extremamente violento em todos os sentidos* (Sanchin), são exemplos da uniformidade de pensamento dos entrevistados ao comentarem sobre a violência nos dias atuais.

Devemos lembrar, evidentemente, que a violência não é um fenômeno novo, ela sempre acompanhou o desenvolvimento da humanidade desde as suas mais remotas eras. As suas causas são, segundo Debarbieux (2002), múltiplas, densas, complexas, mas não fatais e variam com o passar do tempo. Na atualidade, a crescente onda de violência decorre, principalmente, da injusta conjuntura

político-sócio-econômica contemporânea e do ritmo frenético e competitivo da sociedade, que geram um clima de medo, desconfiança e insegurança, além do aparecimento da pobreza e exclusão social.

Kururunfa comenta que *o mundo tá muito agressivo hoje em dia e as pessoas tão cada vez mais achando que a violência é a solução para tudo*, o que caracteriza que, para alguns, a violência começa a aparecer como uma parte inevitável da condição humana. Contudo devemos lembrar que a violência não é um atributo natural do ser humano, mas uma relação construída, um dado cultural, e segundo Debarbieux (2002, p. 75), *“se a violência é construída, então ela pode ser desconstruída”*. Assim como encontramos culturas que têm na violência a solução de seus problemas, existem também movimentos e organizações que se desenvolvem para prevenir, limitar e combater a violência e construir culturas de paz.

A correlação de *guerras, violência*, relatada por Seienchen, é retomada por Superimpei, ao comentar que há violência no mundo *em questões de guerras, no Iraque, no Afeganistão*. A guerra com todo seu poderio de destruição sempre foi um dos maiores símbolos da violência na humanidade. Ela é também um fenômeno que permite visualizarmos, com mais clareza, a íntima relação que a violência mantém com o poder, conforme aponta Arendt (1994, p. 38) ao relatar que:

Visto que nas relações internacionais, tanto quanto nos assuntos domésticos, a violência aparece como o último recurso para conservar intacta a estrutura de poder contra contestadores individuais – o inimigo externo, o criminoso nativo -, de fato é como se a violência fosse o pré-requisito do poder, e o poder, nada mais do que a fachada, a luva de pelica que esconde a mão de ferro, ou mostrará ser um tigre de papel.

Para Gueksai-dai-ni *a violência hoje em dia tá ficando na base das armas. O pessoal tá entrando em conflito por questões políticas, não tá mais levando*. Fala esta que demonstra que a diplomacia, muitas vezes, está cedendo ao poder bélico e aos interesses políticos e econômicos para a resolução de conflitos. Portanto, para enfrentarmos estas situações devemos, principalmente através da educação, conscientizar e direcionar caminhos para a superação da violência e promoção de culturas de paz.

4.1.2 NAS CIDADES

Os grandes centros urbanos aparecem para vários entrevistados como pólos centralizadores de tensões e conflitos. Sanseru relata: *eu acho que as cidades que possuem bastante população são mais violentas das que possuem menos. E, geralmente, as pessoas violentas se direcionam nestas cidades, então, onde tem bastante gente, tem mais violência, tem mais criminalidade*.

De fato, na atualidade, as grandes cidades apresentam cada vez mais um ritmo agitado e uma crescente onda de conflitos deixando as pessoas cada vez mais inseguras e estressadas.

Elas também estimulam uma visão competitiva e materialista de vida, tornando o ter mais importante do que o ser. Idéia também presente na cartilha *Por uma Cultura de Paz* (apud RIO GRANDE DO SUL, 2003, p. 4), ao retratar que:

As grandes cidades perderam o sentido fraternal do convívio solidário, e as pessoas, cada vez mais solitárias e individualistas, pensam no que é melhor para si, sem preocupação com os outros. Esse sentimento acaba sendo a causa de uma série de violências, que se multiplicam todos os dias dentro de casa, no trânsito e em outros locais de convívio social.

Como exemplo da violência de uma grande cidade no nosso país, Teisho comenta: *No Brasil*

atualmente, principalmente no Rio de Janeiro, tá ocorrendo muita violência em função do tráfico, do tráfico, fala esta que coloca também os problemas das drogas e do trânsito associados, principalmente, a estes grandes centros urbanos.

Há violência, muita droga, isto tudo influencia para a violência, relata Seisan, evidenciando que o problema das drogas aparece intimamente relacionado ao processo de aumento da violência atual.

As drogas causam medo e insegurança e preocupam, principalmente, o ambiente escolar das grandes cidades, conforme aponta Costas (2005, p. 66):

O tráfico de drogas é apontado pelos professores como o grande desafio da escola. Muitos alunos são usuários e o tráfico age à vontade. O diretor e os professores sabem quem são os traficantes, mas se recusam a delatá-los à polícia por uma questão de sobrevivência.

O trânsito é apontado por diversos entrevistados como outro cenário de violência nas grandes cidades. Sanchin relata que *as pessoas no trânsito se xingam*; Seienchen lembra *se tu paras no trânsito o pessoal já chega buzinando* e para Shisochen *também tem os exemplos dos pais que brigam no trânsito e de qualquer discussão já vira uma baderna*. Como podemos observar, na sociedade atual, a violência no trânsito é decorrente, principalmente, do estresse, da intolerância e falta de tempo.

A banalização da violência no trânsito aparece sendo destaque nos principais meios de comunicação. Este fato, segundo dados da cartilha *Por uma Cultura de Paz (apud RIO GRANDE DO SUL, 2003)*, tem levado o Brasil a ocupar os primeiros lugares no ranking mundial em acidentes de trânsito. Estima-se que 50 mil brasileiros perdem a vida por ano nas vias do país e que o número de lesões permanentes seja, pelo menos, seis vezes maior.

Está muito violento até mesmo nas cidades, nos subúrbios, comenta Suparimpei, caracterizando que nos locais em que há mais injustiças sociais, existem também maiores probabilidades de haver mais violência.

Infelizmente, segundo Gerhardt (2005, p. 51), *“na América Latina, a desigualdade e a injustiça são fontes contínuas de instabilidade social e de violência, criando situações com potencial de danos e destruição semelhante às guerras”*.

Seisan nos fala da *violência entre bairros*, e Teisho caracteriza as grandes cidades *tipo como se em cada lugar se expressasse diferente, mas tem lugares que as pessoas conseguem controlar mais a violência*. Falas estas que mostram como as grandes cidades não são uniformes, mas formadas por diferentes comunidades, que nem sempre compartilham de mesmos ideais, e que têm, algumas vezes, rivalidades entre si geradoras de conflitos violentos.

Portanto, para minimizarmos estas rivalidades precisamos, segundo Gerhardt (2005) desenvolver um pouco mais o sentimento de sermos membros de uma grande família planetária, um pouco além da família comunitária.

4.1.3 NO LAR

Os filhos tão ficando mais fora que dentro de casa. A relação pais e filhos fica abalada e a criança, o adolescente, fica nas ruas convivendo com diversas situações e até com as drogas e violência, relata Suparimpei. Este quadro das famílias na sociedade moderna demonstra que, em

função das diversas tarefas profissionais, muitos pais têm pouco tempo para poder conviver e educar seus filhos, deixando estes, inúmeras vezes, suscetíveis a influências do mundo extra-familiar. Farrington (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002) reforça esta idéia ao dizer que a ausência dos pais pode influenciar no potencial de violência de um indivíduo.

Suparimpei diz ainda que *os pais influenciam muito no despertar da violência dos filhos. O certo seria os pais controlarem seus filhos, cuidarem bem deles*. Fala esta que aponta que, além do pouco convívio, existe também, em muitas famílias, a falta de comprometimento dos pais na educação de seus filhos.

Para Farrington (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002) supervisão parental deficiente, pais agressivos (incluindo disciplina severa e punitiva) e conflito entre os pais, são importantes fatores relacionados ao contexto familiar que confluem para o aparecimento de violência na família, na escola e na sociedade.

No convívio familiar, também é muito importante, que os pais escutem os problemas dos filhos, dêem afeto, limites e atenção, enfim, que contribuam, não só no sustento material, mas principalmente, na construção do ser espiritual. Segundo Burkhardt (2003, p. 3) *“se a família ignorar o sofrimento do estudante, o problema se agravará e terá efeitos na vida adulta”*.

As casas também começam a ficar muito violentas com o estresse do dia-a-dia, comenta Teisho, colocando que o ritmo agitado e competitivo da sociedade moderna também traz o estresse para dentro dos lares.

4.1.4 NAS ESCOLAS

No colégio há muita violência, comenta Seisan, reconhecendo que, hoje em dia, a escola em vez de ser um local seguro e de integração social, de resguardo para a construção integral do indivíduo, se tornou um cenário de ocorrências violentas.

Seisan relata ainda que há violência *no colégio, porque vem muita gente que é de fora do colégio*. Portanto, não devemos nunca isolar a escola de seu contexto comunitário, com suas diversas realidades, fragilidades e aspirações. A sintonia da escola com o seu entorno é um importante fator para diminuir a violência escolar.

Para Cowie (*apud* DEBARBIEUX, 2003, p. 125) *“o fator chave é a relação entre a escola e seu ambiente social. Não levar em conta o ambiente do bairro ao examinar o sucesso ou o fracasso das tentativas de lidar com a violência juvenil seria omitir uma dimensão importante”*.

Para Suparimpei *o convívio com os colegas também influencia bastante na violência*.

A escolha das amizades é um poderoso fator de desenvolvimento de culturas de violência ou de paz no ambiente escolar. Neste período de desenvolvimento do estudante, muitas vezes, os vínculos com os colegas se tornam mais importantes que os vínculos familiares. Por isto é importante a escolha de amizades que evitem conflitos violentos, intimidações e vandalismos.

Farrington (*apud* DEBARBIEUX e BLAYA, 2002) lembra que o fato de ter amigos delinquentes é um irrefutável prenúncio de violência juvenil.

As amizades escolares geram, também, a formação de grupos, que apesar de conviverem no mesmo ambiente, apresentam características distintas e disputam situações de poder com os demais.

Estas disputas podem, em muitos casos, levar a situações de intimidações ou resoluções violentas.

Segundo Smith (apud DEBARBIEUX e BLAYA, 2002, p. 191):

Os comportamentos agressivos e as desigualdades de poder são comuns nos grupos humanos, inclusive nos grupos de colegas nas escolas, de modo que a intimidação pode ser tentadora. A extensão e a natureza da ocorrência de intimidação, contudo, sofre a influência de diversos fatores.

Também devia ter uma educação melhor dos professores para os alunos sobre violência, ter palestras, e influenciar assim os alunos à paz, aponta Seisan em forma de reflexão crítica, na qual percebe que não há o comprometimento com este tema, nem pelas instituições escolares, tampouco pelos educadores, os quais também, na sua maioria, segundo Royer (apud DEBARBIEUX, 2003), não recebem uma formação adequada para evitar e controlar os comportamentos problemáticos ou agressivos dos jovens.

A falta de conhecimento e de habilidades por parte dos professores na resolução de situações de conflito e violência é preocupante. Por isto, para Prina (apud DEBARBIEUX, 2003), os educadores devem conhecer as diferentes pedagogias ativas, a fim de melhor preparar os jovens para se posicionarem na turma e na sociedade, como também, desenvolver atitudes relacionais com respeito à gestão de conflitos, aos processos de negociação e aos modos de tomada de decisões.

4.1.5 NOS ESPORTES

A violência no ambiente esportivo foi lembrada apenas por Seisan ao comentar que: *os esportes onde têm muita violência deviam parar*, demonstrando desta forma que, infelizmente, existem alguns esportes que privilegiam o uso da violência. Estes esportes, se é que podem ser assim chamados, fogem do significado mais nobre da prática desportiva, que é, segundo Mosquera e Stobäus (1984, p. 195), tornar “*o homem mais consciente física, intelectual e moralmente da sua própria pessoa. Sendo mais consciente da sua própria pessoa é provável que seja mais responsável para a construção de um mundo melhor*”.

Nos esportes que cultuam a violência, encontramos algumas lutas que buscam no poder da agressão e da intimidação dos adversários os seus objetivos principais. Estas lutas, geralmente, são desprovidas de qualquer princípio filosófico ou espiritual e, dificilmente, preocupam-se com a integridade física e psicológica de seus praticantes.

Seisan também nos fala da necessidade de *punições mais graves contra isso*, ou seja, de haver uma fiscalização mais severa e controle destes esportes, principalmente quando o que está em jogo é a saúde do ser humano.

Porém, devemos lembrar que mesmo nos esportes que não cultuam a violência, quando destes forem afastados o clima de coleguismo e união, e incentivados acirradamente os aspectos destrutivos da competitividade, poderemos presenciar diversas situações de enfrentamentos violentos.

Destacam Mosquera e Stobäus (1984, p. 122), que:

Não raramente se encontra em grandes equipes apenas desenvolvimento de competição, afastado de um clima de coleguismo. [...] criam climas de ódio e hostilidade, acirrando a desunião e os jogadores ou desportistas se mantêm unidos somente através de uma pseudodisciplina, que radica em normas, direções e nunca em espírito de equipe, companheirismo ou afetividade.

Portanto, o esporte para funcionar, eficientemente, como uma válvula de escape não destrutiva, tanto para quem pratica quanto para quem assiste, deve estar sempre embasado no princípio de usar a agressividade positivamente, na forma de extravasamento de tensões e superação pessoal, e não de enfrentamento e destruição do oponente.

4.1.6 NA MÍDIA

A mídia é relacionada por alguns entrevistados como um instrumento desencadeador de aumento de violência. Para Gueksai-dai-it *a televisão, os programas, eles centram muito a violência em alguns lugares*, mostrando que, na atualidade, os meios de comunicação de massa utilizam muito a violência como matéria prima, como um ingrediente espetacular para atrair a atenção do público e para obter altos índices nas pesquisas de audiência.

A globalidade traz, em tempo real, as mais diversas formas de violência, neste ou naquele ponto do planeta, que brutalizam e martirizam os nossos semelhantes. Os meios de comunicação de massa, geralmente, não se preocupam com a compreensão, reflexão e prevenção das razões e riscos da violência, em razão disto são vistos, diversas vezes, como pólos transmissores de cultura de violência, por apenas transmitirem a violência visando à emoção pública pelo sensacional, e de acordo com Ortega (apud DEBARBIEUX, 2003), em determinadas ocasiões, produzindo tensões e modelos agressivos.

Entretanto, se buscarmos a transformação desta visão sensacionalista, encontraremos nos meios de comunicação um importante aliado para difusão de uma cultura de paz, conforme ressalta Gerhardt (2005, p. 226), ao comentar que:

A influência da mídia na sociedade é inegável. Até agora, a sua contribuição se limita à disseminação de uma cultura da violência, atingindo indiscriminadamente, crianças, adolescentes, adultos e idosos, mulheres e homens. Entretanto, os meios de comunicação têm um potencial ainda inexplorado para difundir uma cultura da não-violência.

Shisochen nos fala da violência nos programas infantis: *Tu podes ver pelos desenhos que as crianças já estão aprendendo logo cedo a serem agressivas*. Comentário este que demonstra a preocupante banalização da violência, a qual mesmo na programação infantil, aceita como natural a solução de conflitos através de atitudes violentas. Felizmente, não são todos os programas destinados as crianças que incitam e banalizam a violência. Portanto, cabe aos responsáveis pela educação das crianças e adolescentes, estimular a audiência de programas não violentos, ou quando muito, desenvolver uma consciência crítica e reflexiva sobre a violência nos demais programas.

4.1.7 O ESTRESSE, A FALTA DE PACIÊNCIA E DE CONTROLE

O estresse, juntamente com a falta de controle, paciência e reflexão, configuram, para diversos entrevistados, como os principais fatores causadores da violência na sociedade atual.

As pessoas tão estressadas, comenta Seienchen, e este estresse, decorrente principalmente do ritmo agitado imposto pela sociedade atual, torna-se causador de muitas enfermidades, e quando associado ao desequilíbrio afetivo-emocional, gera conflitos interpessoais, dificuldades de relacionamento e o surgimento de atitudes intempestivas.

Diversos entrevistados relatam de como a falta de paciência e controle leva a situações de agressividade/violência. Gueksai-dai-ni coloca que as pessoas *não tão mais levando; é um contra o outro, todo mundo pensando em se dar bem e agredindo direto*. Shisochen vê que as pessoas estão

muito agressivas; e que elas não se controlam nunca. Sanchin relata que se tu vais numa festa, qualquer coisa já tem porrada; em supermercado se tu és roubado em algum sentido, já quer briga com o gerente.

E, numa visão mais abrangente, Saifa relata que *as pessoas não têm paciência e brigam por qualquer coisa, e acho que isto é errado. Elas têm que pensar mais um pouco antes de falar, têm que se controlar melhor, porque agressividade não vai levá-las a nada.*

Como podemos perceber, através destas falas, os efeitos da falta de paciência, reflexão e controle são estimuladores para o aparecimento de culturas de violência, e de como, se não forem devidamente trabalhados, podem levar a imprevistas situações de destruição pessoal.

Como as pessoas tão trabalhando, tão tentando conseguir mais dinheiro, elas acabam esquecendo que elas têm que viver mais e ficam mais cansadas e qualquer coisinha assim que acontece, como exemplo do trânsito, elas já saem quebrando tudo. Este relato de Seipai nos aponta que outro fator para o aumento da violência é o da falta de tempo para se viver a vida de uma maneira mais prazerosa e menos estressante.

Mosquera e Stobäus (1984) lembram também que o cansaço de viver, o estresse e os malefícios sutis de uma sociedade poluída espiritual, psíquica e fisicamente podem levar a doenças insidiosas, que se chamam o desespero de viver.

Portanto, o desenvolvimento de atitudes de paciência, reflexão e controle sobre os mais diversos conflitos e dificuldades do nosso dia-a-dia, se fazem fundamentais se quisermos um mundo mais pacífico e uma vida mais plena e feliz.

4.2 PERCEPÇÕES SOBRE AGRESSIVIDADE/VIOLÊNCIA NO KARATE

Esta categoria aborda as percepções dos entrevistados sobre agressividade e violência, especificamente, no karate, através das seguintes subcategorias:

Percepções sobre agressividade/violência no karate

4.2.1 Antes do ingresso no karate

4.2.2 No início da prática do karate

4.2.3 Praticantes com mais de um ano de tempo de treinamento

4.2.4 Influências das competições

4.2.5 Atitudes de agressividade/violência de karatecas

4.2.1 ANTES DO INGRESSO NO KARATE

Eu achava o karate violento. Achava que se baseava em bater nas pessoas e deu, relata Kururunfa demonstrando sua percepção sobre o karate antes de começar a praticá-lo.

A visão do karate como esporte violento, antes de conhecê-lo melhor, foi compartilhada pela maioria dos entrevistados, em diferentes falas, como a de Gueksai-dai-ni, ao comentar que *antes de entrar no karate que vêem mais como um esporte violento e querem sair brigando na rua,* ou a de Suparimpei, na qual lembra que: *considerava o karate violento, tanto que, para me defender de um cara que me batia, eu entrei no karate.*

Este pouco conhecimento que a maioria das pessoas têm das artes marciais, em especial do

karate, contribui para a formação de uma visão pré-conceituosa sobre estes esportes, fazendo com que, segundo Araújo (2005), muita gente ache que a prática das artes marciais estimula a violência e que o praticante de uma luta qualquer é, por certo, uma pessoa violenta ou agressiva. Porém, na verdade, estas modalidades esportivas não têm por objetivos estimular a violência, e sim a busca do controle da agressividade e da resolução de conflitos através de atitudes não violentas.

O pré-conceito das artes marciais aparecerem como lutas violentas se deve, em parte, pela forma como elas são apresentadas nos filmes e na mídia em geral, como também, pelo aparecimento e difusão de outras lutas que, sem se preocuparem com o desenvolvimento dos princípios filosóficos e espirituais das verdadeiras artes marciais, buscam somente a superação e, às vezes, a destruição de seus adversários.

Antes de entrar eu tinha uma visão um pouco diferente, achava que era um pouco mais agressivo, mas não muito. Eu achava mais violento aquele, o jiu-jitsu, comenta Shisochan, lembrando da existência de lutas marciais que são mais violentas.

Porém, Shisochan associa erroneamente o jiu-jitsu a outras lutas ligadas à imagem de porrada, selvageria, formação de gangues e brigas de rua. Pois para quem não sabe, conforme Almeida (2005), o jiu-jitsu significa “caminho suave” e é uma defesa pessoal altamente eficiente, que imobiliza o oponente sem lhe causar danos físicos.

Contudo, atualmente, uma série de novas modalidades, literalmente brigas, está aparecendo para alimentar a violência e denegrir a imagem das artes marciais. As pessoas confundem o espetáculo de barbárie e selvageria a que assistem com a filosofia antiviolência das artes marciais.

Segundo Almeida (2005, p. 11):

Com essas novas modalidades, cresce o nível de violência, alimentando a formação de gangues de jovens que procuram academias para dar uma “técnica” à selvageria que carregam dentro de si, pois reside aí o engano das pessoas que generalizam arte marcial com porrada, já que a violência está dentro de cada um e não nas artes marciais.

Os filmes, os desenhos e a mídia influenciaram diversos entrevistados a terem uma visão do karate como esporte violento, conforme demonstram as seguintes falas:

Considerava o karate um esporte bem violento, porque via na televisão e até em desenhos, que nossa, o karate batia e matava, daí achava o karate violento. Eu achava: agora eu entrei no karate, agora eu vou me defender, ninguém mais vai bater em mim, relata Seisan.

Para Saifa um pouco, mais por causa dos filmes em que eles mostram bastante esse lado que a pessoa vai lá e quebra todo mundo, e mata todo mundo, que o karate parece que é só uma briga mesmo. Daí parece bem violento. Tem filmes que mostram direito o karate, mas tem filmes que mostram só o lado violento.

Sanchin lembra que *antigamente a gente via em filmes o pessoal iah e tal, detonava os outros.*

Pelo que eu via em filmes, entre outras coisas, como, por exemplo, olimpíada, achava ele um pouco violento, comenta Seienchen.

Infelizmente, como podemos observar, a maioria dos filmes e dos desenhos de artes marciais mostra apenas a aplicação de golpes violentos e as perícias técnicas dos lutadores, despreocupando-se, geralmente, dos fundamentos filosóficos e dos princípios de não violência das verdadeiras artes

marciais.

Oliveira Filho (1999, p. 5), lembra que “*não poucas pessoas possuem idéias fantasiosas do karate e outras artes marciais, culpa de muitos filmes sofríveis de pancadaria que proliferaram nas décadas de setenta e oitenta*”.

A visão de violência nos filmes de artes marciais só não foi compartilhada por Seipai, ao relatar que, *nos filmes via eles meditando assim, depois fazendo treino. Eu acho que nunca tinha pensado se era violento ou não*.

Portanto, devemos lembrar que, assim como a maioria dos filmes e desenhos sobre artes marciais explora o lado da violência, existem outros que nos ensinam o verdadeiro caminho, o lado da meditação, da busca do ser mais espiritual e da não violência.

Embora a maioria dos entrevistados tivesse uma visão pré-conceituosa do karate como sendo uma arte marcial violenta antes de conhecê-lo, alguns poucos já percebiam este verdadeiro caminho das artes marciais, relacionado à não violência, mesmo antes de seu ingresso no karate.

Não achava violento, eu achava que era exatamente isso; eu achava que ele podia controlar alguns instintos que eu tinha; e consegui, relata Sanseru, demonstrando que, para ele, o karate era, principalmente, uma alternativa de busca do autocontrole em relação a alguns impulsos agressivos.

Tanto para Gueksai-dai-it ao relatar que: *porque desde pequeno eu já sabia isto aí*, quanto para Seipai: *porque já conhecia o professor e sabia que ele falava sobre as aulas e não parecia ser violento*; a conceituação do karate como esporte não violento se deve, principalmente, por já possuírem alguns esclarecimentos corretos das artes marciais, mesmo antes de seu ingresso nelas.

Apesar de ficar vendo nos filmes luta até que via um esporte bem light. Que falam dos outros esportes marciais que pulam, brigam, batem. Até quando não conhecia o karate achava muito tranquilo, achava muito da paz, comenta Gueksai-dai-ni demonstrando que, embora vendo a violência nos filmes de lutas, tinha para o karate uma visão de tranquilidade e paz mesmo antes de conhecê-lo melhor.

Por fim, Teisho *pensava que ele era só voltado mais para as competições, porque quando olhava no jornal sempre tinha competições de karate, olhava na TV era só competições que a gente via. A gente não pensava que tinha mais alguma coisa além disso*, mostrando que para ela o karate era simplesmente um esporte competitivo, sem levar em consideração se era ou não violento.

Portanto, segundo Oliveira Filho (1999), muitos chegam às academias com a idéia do que viram nos filmes, cheios de fantasias; outros, à procura da defesa pessoal, de mais autoconfiança; outros, ainda, por gostarem das coisas do oriente. Geralmente esses são os casos mais comuns. Mas o que esses grupos logo descobrirão é que o karate os levará a um fim comum: a filosofia do karate-do.

4.2.2 NO INÍCIO DA PRÁTICA DO KARATE

Quando a pessoa entra no karate ela pensa mais em como vai ficar mais forte ou como vai bater mais nas pessoas e depois disso vê que o karate não é isso, relata Teisho, demonstrando que a percepção do karate é, para maioria dos iniciantes, de um esporte mais agressivo e violento, que serve apenas para tornar seus praticantes mais poderosos fisicamente e hábeis lutadores. Porém, com o passar dos treinamentos, percebe-se que o karate é muito mais que simplesmente isto.

A visão, pelos iniciantes, de que o karate somente ensina golpes de luta que podem ser usados para intimidar e agredir os adversários, nas mais diversas situações, é compartilhada por muitos entrevistados conforme podemos perceber nas seguintes falas:

Algumas pessoas entram no karate exatamente pensando que é só agressividade e vão acabar sendo apenas mais fortes, mais ágeis, resistentes, essas coisas. E isso de fato eles acabam se tornando, mas eles aprendem a usar isso da maneira correta, relata Sanseru.

Os iniciantes entram no karate, em sua maioria, já a fim de querer brigar, só querem porrada, só querem brigar e acham os movimentos do karate muito legais assim para usar na rua, diz Suparimpei.

Para Gueksai-dai-it os mais novos têm mais agressividade e até porque eles estão pensando: eu tou fazendo karate, vou bater em todo mundo, um negócio assim.

Os iniciantes já entram pensando, vou bater em todo mundo, se algum assaltante vir vou espancar ele, comenta Sanchin.

Conforme podemos observar, através destas falas, nas primeiras semanas de treinamento, é muito comum a falsa idéia de que o aprendizado do karate pode tornar o indivíduo numa espécie de super herói, num ser temido pelos inimigos e admirado pelos amigos, que pode enfrentar e vencer os mais diversos adversários.

Segundo Oliveira Filho (1993, p. 8) *“o calouro chega à academia já com algumas idéias prontas e tantas outras dúvidas. Por exemplo: acha que logo nas primeiras aulas já levará uma surra e que em pouco tempo transformar-se-á em um super homem”*.

Tanto os relatos de Teisho em que os iniciantes dão mais valor pra luta, pra parte física, pra eu vou fazer tudo bem forte, quanto os de Sanchin em que os iniciantes querem realmente mais aprender a técnica de golpes, colocam a clara visão do karate ser, na sua fase inicial, mais voltado para o desenvolvimento do potencial físico do indivíduo. Nesta fase, geralmente, há um descomprometimento com os aspectos mentais e espirituais, necessários ao desenvolvimento da consciência do verdadeiro karateca. Mas isto não é prejudicial, pois o aspecto físico é que permite, ao iniciante, sua primeira compreensão da arte marcial e, se bem conscientizado, torna-se a base para os estágios posteriores.

Os iniciantes mal entram e já querem aprender vários golpes para sair na rua aplicando. Não tem noção do que tão aprendendo, e pior, na maioria das vezes, eles começam a aprender e já querem aplicar, relata Gueksai-dai-ni, mostrando o desejo que o novato tem de alcançar, de forma imediata, rápidos resultados nas suas performances físicas e técnicas e, principalmente, a ansiedade de tornar-se um hábil lutador reconhecido por todos.

Segundo Sasaki (1978,p. 23) *“é muito comum que o principiante de karate, notando seu rápido progresso, seja levado por uma onda de impetuosidade, sentindo a necessidade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos”*.

No karate, desta forma, observamos que, em muitos casos, o principiante chega na sala de treinamento tomado de curiosidade, apressado em entrar na luta e desejando resultados rápidos, como nos filmes. Em outros casos, segundo Oliveira Filho (1993), o novato chega cheio de medo, inibido, ficando encolhido em seu canto. Diante daquilo que vê, em ambos os casos, podem advir

desânimo, perplexidade ou um forte desejo de ir em frente.

Normalmente os iniciantes vêm com essa ânsia de briga e conforme vão vendo, vão aprendendo que o karate tem essa filosofia e tem toda essa idéia voltada para o interior, para não brigar, vejo que eles se tornam pessoas mais calmas, menos estressadas e que brigam o menos possível, relata Kururunfa mostrando que os karatecas passam por significativas mudanças durante o decorrer do tempo de treinamento.

O iniciante, geralmente, entra com idéias e concepções bastante diferentes do caminho correto do karate. Muitas vezes, procura a prática das artes marciais com propósitos agressivos e de vingança. Mas o mais importante não é o motivo porque começou a praticar o karate, e sim que, conforme vá conhecendo os princípios filosóficos das artes marciais, possa mudar as concepções erradas e direcionar-se para o verdadeiro caminho do karate.

Além do aspecto de uma maior e mais descontrolada agressividade nos iniciantes, alguns entrevistados apontaram também a falta de postura e comprometimento apresentada por alguns karatecas novatos, conforme as seguintes falas:

Logo que a pessoa inicia leva mais na brincadeira. Depende também da pessoa, tem gente que é esforçado e que leva a sério o karate no início, mas a maioria começa a levar mais a sério depois que começa a conhecer melhor, depois de praticar um tempo, aponta Saifa.

Eu vejo por mim, porque antes eu não prestava muita atenção e era bem desleixada, era só fazer assim de qualquer jeito, lembra Shisochen.

4.2.3 PRATICANTES COM MAIS DE UM ANO DE TEMPO DE TREINAMENTO

Não, não considero. Considero que ele é contra a violência e usa o meio da razão para combater a violência comenta Suparimpei ao ser questionado se considera o karate um esporte violento.

Diante deste mesmo questionamento todos os outros entrevistados foram unânimes em afirmar, assim como Suparimpei, que não consideram o karate um esporte violento; inclusive aqueles que no início tinham uma visão pré-conceituosa do karate como uma luta violenta e que só procuraram sua prática para aprender uma luta para agredir e brigar.

Pois bem, como o karate ensina a como ser agressivo, ele não necessariamente ensina como ser violento. Ele consegue passar a quem aprende a só usar agressividade quando for necessária e não a ser agressivo o tempo todo. Ele funciona como um controlador, relata Sanseru, demonstrando que além do karate não ser um esporte violento ele também permite um melhor conhecimento e controle da agressividade.

É importante lembrarmos que a agressividade é necessária para podermos crescer e aprender. Portanto, segundo Freire (1997), o que nós temos é que educar essa agressividade para que ela passe a funcionar como uma mola de produção de vida, de conhecimento e não um instrumento de destruição no sentido da improdutividade.

Sanchin ao conceber se acha o karate violento, comenta: *Considerava antes, mas não considero agora. Agora vi que é mais interiorização, estilo zen-budista, não agressivo.* Desta forma ressalta que, após um determinado tempo de treinamento, a idéia do karate de uma luta violenta e que só

desenvolve aspectos físicos, é substituída pela concepção de uma arte marcial que busca a harmonia do corpo-mente-espírito e a resolução de conflitos por meios não violentos.

Esta nova concepção do karate não violento é também defendida por Kururunfa ao dizer que: *Agora vejo que ele tem uma filosofia e tem todo um contexto atrás. A briga é o que o karate menos tem.*

Comparando o grau de violência do karate com os demais esportes Seienchen e Saifa comentam respectivamente:

Eu acho que o futebol mesmo é, às vezes, mais violento do que o próprio karate. Aqui a gente não luta se batendo, a gente luta com consciência.

Existem esportes muito mais violentos que são muito mais praticados como o futebol, por exemplo, que todo mundo se chuta, ninguém respeita ninguém. No karate existe o respeito com quem está lutando, tu cumprimenta a pessoa e tal.

As colocações de Seienchen e Saifa ajudam a desmistificar a idéia do karate ser um esporte violento e exemplificam, através do futebol, que existem outros esportes que apresentam mais condutas violentas e um maior número de lesões entre seus praticantes.

Lembram também que, no karate, o aparecimento de atitudes violentas e lesões fica extremamente reduzido, principalmente, pelo desenvolvimento de atitudes de respeito ao adversário e pelo controle físico e mental.

Não considero o karate violento porque quando eu saio de lá eu acho que até saio mais calma. Assim tipo se tem no outro dia prova, eu chego em casa e estudo mais, e se chegasse direto, ia estudando e já cansava. Eu sei que tenho menos tempo, mas fico mais preparada, eu acho, com a cabeça mais livre de tudo que eu tava pensando antes de entrar no treinamento; relata Seipai mostrando que, para ela, o karate lhe dá mais calma e concentração, permitindo desta maneira ter, até, um melhor rendimento nos estudos. *Os karatecas mais antigos têm menos agressividade,* comenta Gueksai-dai-it ao comparar os mais veteranos com os iniciantes. Nesta comparação, também, todos entrevistados foram unânimes em afirmar que os karatecas mais antigos apresentam menos atitudes violentas e possuem uma agressividade mais controlada que os iniciantes.

Os mais antigos são mais espirituais, sabem os golpes, não usam muito da violência, sabem os momentos certos para ser usado, tem muito mais controle sobre si mesmo. Com esta reflexão Gueksai-dai-ni aponta que os mais veteranos se encontram num grau de consciência mais elevado, no qual os aspectos mentais e espirituais já preponderam sobre o componente físico.

Diversos outros entrevistados também corroboraram com a idéia de que os praticantes de karate, com o passar do tempo de treinamento, desenvolvem a evolução de suas consciências no sentido do verdadeiro espírito da arte marcial, passando suas prioridades do plano físico para o mental e deste para o espiritual, conforme se observa nas seguintes falas:

Os mais antigos eles pensam assim, pode ter até a parte física, mas também tem o outro lado, que é o lado mais reflexivo, comenta Teisho ressaltando a importância da reflexão, da visão dos dois lados, para o encontro da harmonia e de soluções que busquem culturas de paz.

Sanchin coloca que *os mais antigos realmente buscam mais meditação, interiorização, lutam*

contra si, não contra um adversário, mostrando a importância da meditação, da busca do melhor conhecimento de si mesmo e de que o nosso maior desafio não é enfrentarmos os outros e sim o nosso interior, com todos os nossos medos, receios e fraquezas.

Os mais antigos, eles não simplesmente se preocupam em serem fortes como também se preocupam em melhorar o corpo, a mente e o espírito, relata Sanseru identificando também a necessidade de ter uma educação permanente no karate para tentar chegar mais perto do todo, da utópica, mas necessária, busca da perfeição.

Nesta busca Oliveira Filho (1999) lembra que o verdadeiro graduado saberá que aprendeu muita coisa, mas sempre deverá aperfeiçoar-se e cada vez mais se tornar mais aprendiz, mais atento no ouvir e mais disciplinado no treinar.

Seipai aponta que *aqueles que tão um tempão já sabem que tu tá ali para aprenderes a falar contigo mesmo, para ti concentrar mais no que tu quer*, ou seja, o karateca com o passar do tempo de treinamento desenvolve um maior autoconhecimento que permite uma busca mais consciente dos caminhos que deve percorrer e o enfrentamento das adversidades com atitudes mais reflexivas e menos impulsivas e tempestuosas.

Complementando a visão de não violência dos karatecas mais veteranos Oliveira Filho (1997) coloca que não se admite um faixa preta brigão, vagabundo, pelo contrário, um faixa preta deve ser uma pessoa de respeito, de boa vontade. E por conhecer uma forma de luta jamais deverá utilizá-la covardemente.

4.2.4 INFLUÊNCIAS DAS COMPETIÇÕES SOBRE AGRESSIVIDADE/VIOLÊNCIA

A percepção da influência da competição sobre a agressividade/violência nos karatecas foi o item que mais dividiu as opiniões dos entrevistados. Praticamente a metade considerou a competição como fator influenciador no aumento da agressividade/violência dos praticantes de karate e a outra metade que ela não exercia nenhuma influência.

Eu acho que os que participam de competição tão mais para ganhar nota, para ganhar medalha, e os que não competem eles tão para aprender, para treinar e ter uma consciência maior; comenta Shisochen assinalando que se o karateca tiver seu treinamento muito mais voltado para a competição, pode acabar esquecendo a verdadeira essência do karate e priorizar em demasia a conquista de medalhas, de glórias ilusórias e passageiras e, em razão disto, ficar mais sujeito a atitudes agressivas.

O competir só para ganhar representa, para Mosquera e Stobäus (1984), um elemento altamente nocivo. O ganho, em si, leva a desencadear elementos agressivos de prepotência e poder e não cooperação. Devemos lembrar que nas competições sempre alguém ganha ou perde, esta rotina, segundo Sasaki (1998), é semelhante a vida de um administrador financeiro, onde alguém ganha dinheiro enquanto outra pessoa perde dinheiro. Sendo assim não deve se preocupar somente em treinar para vencer e sim treinar a arte marcial como uma forma de buscar o verdadeiro caminho da razão, de buscar a grande paz.

O karateca de competição realmente é mais agressivo, porque ele busca o ponto, às vezes, enganando o juiz, enfia mesmo uma porrada para machucar o adversário. Eles têm diferença sim, são mais agressivos, buscam mais a medalha. Não seguem o esporte pela interiorização. Relata Sanchin destacando que se o karateca treinar apenas para competir e tornar-se campeão, ele estará

sujeito, inclusive, a usar práticas ilícitas para alcançar a conquista de ser o número um, mesmo que isto represente tomar o sentido contrário do verdadeiro karate.

Conforme Gaertner (1999, p. 60):

Numa cultura que cultua o número um, onde só o primeiro lugar é valorizado, e onde só o resultado interessa, a competição passa a ser nociva e altamente prejudicial. Vira uma grande armadilha para aqueles que treinam só em função do resultado. O treinamento vira apenas um meio para se atingir um objeto a qualquer custo, a medalha de ouro. Tudo o mais passa a ser secundário.

Pelo que eu vejo de algumas outras academias, que são voltadas só pra competição, é um karate muito raso, muito sem filosofia, sem o que o karate realmente precisa, que é a filosofia, que é o karate interior; comenta Kururunfa abordando que se o karate ficar voltado somente para competição ele ficará incompleto, inclusive, podendo esquecer dos seus principais objetivos, que não são os ganhos de medalhas e glórias, e sim a conquista espiritual na transformação de um ser humano melhor.

Nos locais voltados somente para competição existe, atualmente, segundo Sasaki (1978), uma tendência do predomínio das forças brutas, da busca imediata de vitórias promocionais, menosprezando-se cada vez mais a técnica e, principalmente, a formação espiritual, grau ou caráter do indivíduo.

Seisan percebe uma relevante diferença entre os praticantes que competem e os que não competem, comentando que: *o pessoal que tá mais preocupado com competição ele não olha o karate atrás, como é que foi, quem fundou o karate. Só mais preocupado com competição e não dá muito valor atrás. E quem não participa de competição, a maioria, já sabe a historia do karate, tudo o que aconteceu.*

Alguns karatecas que participam de competição não tem tanta filosofia, tanta essência, o karate deles é mais para ganhar medalhas, para competir. Mas é que não dá para generalizar, porque tem muita gente que gosta de participar em competição e não tá lá somente por medalha e tal. Então depende mais da pessoa, relata Saifa, demonstrando que assim como existem karatecas competidores que visam somente a vitória como importante, existem outros que, mesmo competindo, não se desviam do verdadeiro caminho do karate.

Portanto, para os competidores que procuram a essência do verdadeiro karate, o objetivo não é apenas ganhar ou perder. O importante é, segundo Sasaki, (1998, p. 16), *“buscar o equilíbrio entre o consciente e o inconsciente, ver o que é certo e o que é errado, se esforçando sempre para melhorar cada vez mais. Melhorar não apenas o seu golpe (parte física), mas também o seu interior (parte mental)”*.

Assim como Saifa, Teisho também considera que o aumento ou diminuição da agressividade/violência em karatecas competidores *depende muito da pessoa, tem pessoas que entram no karate e já tão com aquele pensamento assim: eu vou ganhar competição, vou pra competição e tem que tirar o primeiro lugar, e têm outros que não, que entram e vão fazendo e aí quando chega perto da hora da competição eles pensam: agora eu vou me voltar mais para competição e aí eles fazem as coisas mais para competição.*

Para outros, como Suparimpei, que é o praticante mais graduado entre os entrevistados, não há

diferença de agressividade/violência entre os karatecas que participam e os que não participam de competições. Suparimpei relata que *os karatecas que visam competição não só visam a competição-competição, eles também não deixam o lado real, filosófico do karate, eles também querem a sua parte. O karate também funciona no controle agressivo com eles.*

Concordando com a visão de Suparimpei, Kururunfa, que é a segunda mais graduada entre os entrevistados, comenta: *Os que eu conheço não noto diferença, porque eles sabem lidar com o karate competição e o karate filosofia.*

Deste modo podemos perceber que com o amadurecimento da consciência do verdadeiro espírito do karate, o significado e os objetivos de competir também evoluem. Nesta evolução, segundo Sasaki (1978) o ganhar ou perder passam a ser apenas o resultado do confronto da dimensão técnica e tem nível secundário, apenas existindo para aferir o estágio de progresso de cada um dos competidores, principalmente, na busca do seu potencial da força interior.

Os karatecas que praticam competição sabem se controlar mais, ficam mais na deles, sabem os golpes a serem usados. Os que fazem e não praticam a luta são um pouco mais empolgados, ficam mais querendo briga, relata Gueksai-dai-ni apontando desta forma que os karatecas que participam de competição tem um menor potencial de violência decorrente, principalmente, do melhor controle que adquirem na aplicação dos golpes.

Os que participam de competições na luta têm mais controle, eles sabem se mover na luta. Sabem se defender melhor; comenta Seienchen reforçando o enfoque de Gueksai-dai-ni.

Seisan, que já foi campeão estadual de *kumite* (luta), também esclarece que ser um excelente competidor não significa ser um bom lutador de rua ao comentar que: *é bem diferente a luta de competição com a luta normal, assim uma luta de rua, é bem diferente também.*

Por fim, devemos conscientizar de que a competição não deve, segundo Mosquera e Stobäus (1984), ser necessariamente o que a sociedade capitalista coloca, isto é, ganho ou perda. A competição deve repousar na compreensão, admiração e aceitação do desempenho do adversário.

Conforme Sasaki (1978, p. 23):

O karate não visa somente a vitória ou derrota em competições, mas, através dos esforços e das experiências físicas e mentais, obter o real brilho do ser humano. [...] O karate tem como objetivo não só a técnica, mas também nos ensina a tirar o máximo proveito da nossa força interna.

4.2.5 ATITUDES DE AGRESSIVIDADE/VIOLENCIA DE KARATECAS

Os entrevistados ao serem questionados se já haviam enfrentado alguma situação usando de agressividade/violência, responderam que: quatro nunca tiveram atitudes agressivas, cinco tiveram atitudes agressivas somente antes de entrar no karate e três tiveram atitudes agressivas antes e após terem entrado no karate.

Kururunfa, que já pratica karate a mais de cinco anos e nunca teve atitudes em que tenha usado de violência, justifica o seu controle com a seguinte fala: *Acho que até por fazer karate eu sempre soube contornar situações que poderia usar violência e falar ao em vez de usar agressividade ou os conhecimentos técnicos que adquirir. Eu aprendi a lidar melhor com situações assim e não precisar brigar nunca.*

Seipai, Saifa e Seienchen simplesmente responderam que nunca tiveram atitudes de agressividade/violência.

Sanseru, que após entrar no karate não teve mais atitudes em que tenha usado de violência, comenta de um caso anterior ao seu ingresso neste esporte: *Não foi grande coisa, acabou rápido. Foi uma briga acidental, eu empurrei e o cara acabou dando de cara na grade, e daí né, deu lá, o cara veio para cima de mim eu fui para cima dele.*

Quando tava no primeiro, segundo e terceiro ano do ensino fundamental eu já era bem violento. E acabei brigando por coisas que o pessoal ficava me sacaneando, por coisas que não precisava, e fui chamado para a diretoria varias vezes. Só batendo nos caras.

Comenta Suparimpei se referindo a suas atitudes antes de ingressar no karate. *Depois que entrei no karate não usei nenhuma violência, não usei de meios agressivos. Depois que entrei no karate nunca mais briguei,* complementa Suparimpei, se referindo aos mais de cinco anos em que já está no karate.

Gueksai-dai-ni, lembrando de antes de seu ingresso no karate, relata: *Já, no colégio. Um guri ficou me perturbando, me estourei e já parti para cima dele. Aí não me controlei e tiveram que me separar.* Em seguida, ao se referir a depois de ingressar no karate, complementa: *Nunca fui por esse lado de briga, violência. Sempre fico na minha. Procuro ficar longe desses negócios, de violência.*

Só quando briginha de colégio assim, daí tinha usado violência, mas não é violênciaviolência, relata Seisan se referindo ao período anterior ao karate. Depois completa: *Não, é até engraçado porque nunca, nunca enfrentei situação usando de violência depois que entrei no karate.*

Uma vez eu fui numa festa e vieram uns caras contra mim, contra o meu grupo de amigos. Ficamos na nossa, ficamos tranqüilos, não aconteceu nada mais eu cheguei a ver os caras com faca e tal, soqueira. O conflito não teve, só troca de olhares. Mas se tivesse ficaria com meus amigos ali firme e forte. Relata Sanchin demonstrando a sua predisposição ao confronto antes de ingressar no karate. *Não, não usei nada de violência. Do contrario tou bem mais calmo, mais tranqüilo,* completa Saifa se referindo ao período posterior ao ingresso no karate.

Nestes cinco últimos casos, em que houve atitudes agressivas ou violentas somente antes de entrar no karate, percebe-se como este esporte, considerado por muitos como um gerador de violência, é na verdade um excelente instrumento para a construção de culturas de paz, principalmente, pelo controle positivo que exerce sobre a agressividade de seus praticantes e pelo aumento do aspecto espiritual, que permite sempre refletir sob os mais diversos olhares antes agir impulsivamente, e assim, encontrar soluções não violentas para a resolução de conflitos.

Na prática das artes marciais, o uso da agressividade é estimulado, porém controlado.

O praticante de artes marciais, segundo Araújo (2005, p. 23), *“conhece melhor a si mesmo, pois entra em contato com o seu corpo, seus medos, limites e potenciais e, portanto, controla melhor seus impulsos agressivos, aprendendo a usar sua agressividade da melhor forma”*.

As artes marciais também proporcionam, conforme Almeida (2005), um crescimento espiritual e o autocontrole pela conscientização de que o uso indevido da técnica pode causar sérias lesões.

Gueksai-dai-it, que é o entrevistado com menos tempo de treinamento no karate, lembrando-se

de uma situação em que usou de violência antes de começar a praticar este esporte, relata: *uma vez que briguei com meus colegas que moravam no meu prédio*. Em seguida, referindo-se ao período posterior ao ingresso no karate, comenta: *Eu não, mas do meu lado já deu briga de colega meu com outros caras do colégio. Aí procurei ajudar meus colegas a bater nos caras*.

Só com o meu irmão a gente brigava. Era briga de irmão, relata Teisho, se referindo as suas atitudes de agressividade/violência tanto antes quanto depois de ingressar no karate.

Para Shisochen antes de entrar no karate *só algumas discussões, mas nada muito sério, tipo, não gostei disso e daí tu brigar com a pessoa*. E depois, se referindo ao período posterior ao ingresso no karate, comenta: *as mesmas coisas de antes, só pequenas discussões. Eu acho até que comecei a evitá-las porque tu pensa que não tem porque brigar por coisas bobas. Eu acho que o karate te faz pensar um pouco mais*.

Observa-se nestes últimos casos em que houve atitudes de agressividade/violência após o ingresso no karate, que o único mais expressivo ocorreu, coincidentemente, com o karateca com menor tempo de treinamento, e que os outros foram pouco relevantes e, até, amenizados pelo melhor controle que o karate começa a manifestar nas atitudes de seus praticantes.

Portanto, segundo Freire (1997, p. 77):

Viver a agressividade é usar a agressividade de modo produtivo. Isso vale dizer: enfrentando os conflitos. O que não é a mesma coisa que dar murro em ponta de faca ou achar que é possível ou conveniente dizer tudo o que se queira a qualquer um, em qualquer lugar. É preciso aprender a reconhecer o que pode e deve ser dito. Agora, o que poderá ser dito daqui a seis meses, o que nunca poderá ser dito, que determinado espaço não nos serve mais e devemos procurar outro se queremos continuar a exercer nossa liberdade.

4.3 A MOTIVAÇÃO PARA PRATICAR O KARATE

Esta categoria discorre sobre os motivos que levaram os entrevistados a iniciar a prática do karate, através das seguintes subcategorias:

A motivação para praticar o karate

4.3.1 Gosto pelas artes marciais e sua filosofia

4.3.2 Busca de uma atividade física

4.3.3 Acompanhar um amigo ou parente

4.3.4 Aprender uma luta para brigar

Contudo, antes de saber o porquê do ingresso no karate pelos entrevistados, é importante lembrar que, na escola pesquisada, o aluno tem a opção de escolher, de acordo com seus gostos e aspirações, a modalidade esportiva que irá freqüentar na disciplina de educação física.

Desta forma, a escolha para fazer aulas de karate é opcional e voluntária, e esta possibilidade me parece de suma importância no contexto escolar, o qual deve proporcionar aos alunos a opção da escolha de atividades de seus interesses, para assim sentirem-se motivados a obterem um melhor desenvolvimento livre de pressões e imposições, tão comuns no nosso universo escolar.

Para Huertas (2001) a motivação é um processo psicológico que determina o planejamento e a atuação do sujeito, e que só se pode aplicá-lo quando nos referimos ao comportamento humano que tenha um grau de voluntariedade e que se dirija para um propósito pessoal mais ou menos

interiorizado.

Portanto motivação é o elo fundamental para podermos cumprir uma das principais tarefas da educação que é o de fazer o aluno interessar-se por aprender, para então posteriormente fazê-lo aprender a aprender e assim tornar o conhecimento construído útil ao longo de toda a sua vida.

A motivação na aprendizagem pode ocorrer de forma extrínseca ou intrínseca. Huertas (2001) define como motivação extrínseca quando a finalidade da ação, a meta, e o propósito tem haver com uma contingência externa, com uma promessa de um benefício tangível e exterior, e como motivação intrínseca quando o que interessa é a própria atividade, que tem um fim em si mesma e não como um meio para outras metas.

A aprendizagem para ser significativa e duradoura necessita que as motivações sejam interiorizadas pelo aluno, de modo que gere um interesse autônomo por aprender, no qual transforme os motivos percebidos fora de si em motivações intrínsecas. Desta forma, Pozo(2002, p. 140) nos relata que “*aprender pela satisfação pessoal de compreender ou dominar algo implica que a meta ou motivo da aprendizagem é precisamente aprender, e não obter algo em troca da aprendizagem*”.

Na construção de culturas de paz devemos lembrar que, segundo Ortega (2002, p. 34), “*a falta de motivação dos estudantes pode ser uma das causas do clima de conflito na escola*”.

4.3.1 GOSTO PELAS ARTES MARCIAIS E SUA FILOSOFIA

Já tinha feito tae-kwon-do quando era pequeno e gostei, assim ao saber que tinha karate no colégio e tinha colega meu fazendo também fui fazer, relata Gueksai-dai-it demonstrando seu apreço desde pequeno pela prática de artes marciais.

Eu sempre me interessei por artes marciais e pela filosofia, comenta Sanseru interligando de forma conclusiva a filosofia oriental às artes marciais.

O karate é um esporte que está totalmente fundamentado em um contexto filosófico, visto que todas as artes marciais japonesas possuem um espírito bem definido e que se mantém vivo até hoje. Desta forma no karate, segundo Oliveira Filho (1997), aprende-se um pouco da filosofia oriental, o zen, a força interior, o pensamento oriental, tudo inserido no dia-a-dia dos treinamentos.

A íntima sintonia do karate com a filosofia oriental aparece desde suas mais remotas origens. A sólida sustentação filosófica do karate, conforme Gaertner (1999, p. 60), “*tem seu início na Índia, sob forte influência budista, chega até à China de carona com o zen-budismo e recebe o impacto do pensamento taoísta e do confucionismo*”.

O pensamento filosófico oriental pode ser bem caracterizado no karate, segundo Sasaki (1978, p. 22), através dos seguintes lemas: “*esforçar-se para a formação do caráter; fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão; criar o intuito do esforço; respeitar acima de tudo; conter o espírito de agressão*”.

Para Shisochen ao comentar: *praticar esporte, fazer alguma coisa diferente e também porque eu gosto muito da arte oriental, como para Saifa em que: um pouco pela filosofia e um pouco também por esporte, como uma atividade esportiva para a pessoa se mexer e não ficar sedentária, a busca da prática do karate teve, além do motivo de conhecer melhor a filosofia oriental das artes marciais, a procura de uma atividade esportiva para sair do sedentarismo.*

Desta forma, na sociedade atual, racional e altamente atribulada, onde corremos atrás do tempo cotidianamente, a prática do karate juntamente com procura da interiorização da filosofia oriental é um excelente contra-ponto para a busca do equilíbrio. Pressuposto também defendido por Gaertner (1999, p. 60) ao comentar que *“movimento e não movimento no corpo e na mente, na mesma dosagem, possibilitam equilíbrio e organização interna”*.

Em todos estes entrevistados podemos observar que já existia uma forte motivação intrínseca nas suas escolhas, ou seja, que as escolhas já estavam interiorizadas como metas significativas e duradouras.

4.3.2 BUSCA DE UMA ATIVIDADE FÍSICA

Para não ficar parado, para manter minha forma, comecei a fazer karate, comenta Gueksai-dai-ni demonstrando que o motivo de sua procura pela prática pelo karate, foi, exclusivamente, pela melhoria de sua performance física.

No nosso mundo atual sabemos que, de acordo com Tagnin (1973), todos devem, de uma maneira ou outra, fazer exercícios físicos, e quando estes são bem dosados e orientados com perfeição, nos levam a uma melhora na qualidade de vida.

O karate, no aspecto de condicionamento físico, apresenta-se como um esporte bastante completo, pois trabalha harmonicamente com todas as partes do corpo humano através exercícios de ginástica geral, que melhoram a resistência, a força, o equilíbrio, a flexibilidade, a velocidade, a potência e a coordenação, e, principalmente, a saúde geral de seus praticantes.

Conforme Silva (1984, p. 11):

No aspecto físico o karate apresenta características no trabalho geral do corpo, aumento da flexibilidade e elasticidade, resistência muscular, explosão, equilíbrio e exercícios momentâneos de rápida ação muscular das contrações e descontrações e a máxima extensão e encurtamento das fibras e tendões.

Tava buscando um esporte, não era nada habilidoso com bola (risos), então vim ver como é que era, gostei, adorei e hoje estou aí praticando, relata Sanchin assinalando que seu ingresso no karate foi devido à procura de uma atividade esportiva na qual tivesse habilidade para praticá-la.

A identidade do ser humano com uma atividade esportiva é um importante instrumento que pode propiciar a este, não apenas um maior desenvolvimento físico, mas também um desenvolvimento psicológico melhor.

Principalmente na adolescência, conforme aponta Mosquera e Stobäus (1984, p. 112), *“o desporto pode ajudar a aceitar as mudanças físicas e dar uma nova imagem ao corpo, possibilitando um conhecimento real do mesmo, assim como da dinâmica da estrutura corpórea a respeito da identidade psicológica”*.

Inicialmente como uma prática física, mas se continuasse sendo só isso eu ia acabar abandonando, comenta Saifa destacando que, embora o seu ingresso no karate tivesse sido decorrente da procura de um melhor condicionamento físico, a sua permanência nele se deu pela descoberta de que, no karate, existem outras coisas muito mais importantes para se aprender.

Importante frisar que, na nossa sociedade atual, mesmo a simples prática de uma atividade física já é, por si só, um elemento importante no auxílio da construção de culturas de paz. Isto porque o

exercício físico, segundo Otta e Bussab (1998), serve para liberar tensões e energias agressivas acumuladas aos poucos dentro de nós, ou seja, o exercício físico representa uma válvula de escape não-destrutiva.

4.3.3 ACOMPANHAR UM AMIGO OU PARENTE

Eu recém tava entrando na escola e um colega meu me falou que ele ia fazer. Eu não tava fazendo nada por fora resolvi entrar para aprender alguma coisa diferente e acabei gostando e fiquei, comenta Seipai colocando que seu motivo inicial para ir treinar karate se deu pelo simples fato de querer acompanhar um amigo.

O mesmo aconteceu com Seienchen conforme podemos observar pelo seu depoimento:

Foi um amigo meu do colégio que me falou que era legal e eu resolvi entrar.

De forma semelhante, o motivo do ingresso no karate para Teisho e Kururunfa, se deu para acompanhar, nestes casos, um parente, conforme as seguintes falas:

Foi porque o meu irmão tinha entrado e aí eu pensei, o karate deve ser um esporte maior, aí eu peguei e entrei. (Teisho)

O meu irmão fazia karate e o meu pai achou que seria bacana, até para parar com a agressividade que eu tinha e funcionou. (Kururunfa)

Desta maneira, podemos observar como o vínculo de amizade ou parentesco representa uma forma de dar maior segurança para o enfrentamento do desconhecido e de como é importante estarmos juntos de grupos que nos possibilitem uma melhor noção de identidade e de pertencimento.

Para estes entrevistados foi apenas uma motivação extrínseca que lhes levou a ingressar no karate, mas sua permanência nele, de forma efetiva, só ocorreu quando começaram a interiorizar os motivos de sua prática, ou seja, quando começaram a sentir prazer e comprometimento com o aprendizado do karate.

4.3.4 APRENDER UMA LUTA PARA BRIGAR

Eu olhei na televisão e achava que era luta, que era violento, e eu gostava destas coisas, mas daí eu entrei e era uma coisa totalmente diferente, comenta Seisan demonstrando que para ele o motivo de aprender karate, era o de aprender uma luta com poderes altamente destrutivos, igual as que aparecem em alguns filmes de artes marciais.

O pré-conceito que o karate carrega faz com que muitos procurem a sua prática, simplesmente, para se transformar em hábeis lutadores, que possam subjugar os seus inimigos com a violência de seus golpes. Portanto, no ensino do karate, para combatermos esta visão pré-conceituosa, devemos transformar a violência em não-violência, promovendo a conscientização das pessoas sobre o problema e desenvolvendo capacidades de manejo adequado das situações de risco de conflitos.

No início tinha um cara que tava me judiando, queria brigar comigo. Aí eu pensei, bom, vou fazer karate para acabar com esse cara. Só que aí eu acabei não brigando com ele, porque o karate me controlou isso. Acabei gostando do karate e tou até hoje. Um tempão já que faço karate. Senão teria dado um pega no guri. Com este relato Superimpei mostra que seu motivo para ir treinar karate foi o de aprender uma luta violenta e destrutiva, e assim, poder vingar-se de seus oponentes.

Segundo Gerhardt (2005), a resposta à violência constitui-se, muitas vezes, de mais violência, com o objetivo de ferir diretamente, visivelmente, o agressor, numa tentativa de amenizar a dor e o sofrimento vivenciados. Assim, para alguns, fazer o agressor sofrer parece dar um significado ao próprio sofrimento.

No karate aprende-se a não descarregar essa frustração em outras pessoas, aprende-se através do autocontrole a manejar os conflitos, sejam internos da pessoa, sejam externos, entre ela e outros ou entre ela e seu meio.

O sujeito que quer nos agredir não deve ser visto como um inimigo a ser destruído.

Deve, segundo Gerhardt (2005, p. 61), “*ser visto como uma pessoa que não conhece ou não tem os instrumentos para lidar adequadamente com os seus sentimentos e sua agressividade, isto é, que não consegue controlar os seus impulsos destrutivos*”.

O treinamento do karate não visa a destruição dos adversários ou o orgulho pessoal e sim um melhor estado físico, uma vida cotidiana mais satisfatória e a preparação para enfrentar qualquer problema sem o uso da agressão.

Conforme Gerhardt (2005, p. 223):

O primeiro passo para reduzir as violências que nos ferem, assustam e enraivecem deve ser dado pela própria pessoa, ninguém pode fazer isso por ela. É pela reflexão que se chega à consciência de si mesmo e do outro, indissociáveis, e aí pode nascer o compromisso de cuidar de si mesmo em sua totalidade.

4.4 INFLUÊNCIAS DO KARATE SOBRE A AGRESSIVIDADE/VIOLÊNCIA

Esta categoria coloca como a prática do karate pode influenciar sobre a agressividade/violência, através dos seguintes tópicos:

Influências do karate sobre agressividade/violência

4.4.1 O controle da agressividade

4.4.2 A visão espiritual

4.4.1 O CONTROLE DA AGRESSIVIDADE

O karate controla a violência na pessoa. Tem gente que nasce já com uma agressividade e o karate controla essa aí. Também controla a concentração. Situações que normalmente você ia perder a cabeça, ia partir para a agressividade, você controla, você usa o meio oral para resolver seus problemas, não o meio físico agressivo, relata Suparimpei demonstrando como o controle que se adquire no karate é importante para a construção de um ser humano menos violento e que conviva melhor com seus semelhantes.

Seienchen, colaborando com o pensamento de Suparimpei, comenta: *Eu acho que o karate ajuda a se controlar. Se tu vais pensar em fazer alguma coisa agressiva, o karate te ajuda a não fazer aquela coisa.*

A agressividade é um atributo natural do homem. Ela é necessária para a sobrevivência e o desenvolvimento do ser humano, mas também é responsável pelas manifestações de violência e destruição. Portanto, segundo Freire (1997), devemos educar a agressividade para que ela passe a funcionar como uma mola de produção de vida, de conhecimento e não um instrumento de destruição

no sentido da improdutividade.

A prática do karate e das artes marciais em geral envolve agressividade, mas também envolve algo que, para o leigo, é mais difícil de ser observado que é o controle da agressividade. Desta forma, no karate, a agressividade controlada para fins úteis passa a caminhar no sentido oposto da violência.

Portanto, conforme Araújo (2005, p. 23):

Violência e artes marciais não combinam. O artista marcial treina o bom uso da agressividade, treina a não violência. Através da prática correta da arte marcial, torna-se uma pessoa mais equilibrada, determinada, paciente e preparada para os desafios da sociedade moderna. É uma pessoa capaz de reagir de forma efetiva e objetiva a situações adversas sem perder o controle.

Comecei a fazer karate e nunca mais tive desentendimento, nada, em colégio nada.

Foi, para mim, a melhor coisa ter entrado no karate. Ele ajudou um monte no controle da agressividade, relata Seisan constatando, através de sua fala, que o controle da agressividade influencia também na melhoria do convívio social, em especial no meio escolar.

Na sociedade atual vivemos inúmeros conflitos geradores de desentendimentos que dificultam o convívio entre as pessoas. Segundo Sasaki (1998), muitos quando são agredidos ou ofendidos não conseguem suportar o estado de medo, e acabam partindo para um ato de ignorância como bater ou puxar uma arma, jogando fora a preciosa qualidade de viver ou deixar os outros viverem. Desta forma não conseguem controlar o grau de agressividade que todo o ser humano possui e pior, acabam se transformando em pessoas covardes, que podem até fazer o uso de uma técnica de defesa para atacar uma pessoa frágil.

No convívio social a agressividade positiva permite que possamos construir nossa identidade, liberdade e autonomia. Uma pessoa precisa de agressividade para construir seu pensamento próprio, divergir, questionar e não ser passiva ou omissa diante das dificuldades.

Para Freire (1997, p. 78) “*autonomia não é dada; liberdade não se ganha. É preciso conquistá-las, lutar por elas. A agressividade é que me permite rebelar-me contra o autoritarismo. Por isso eu repito que não existe ato mais agressivo contra o outro do que o silêncio omissivo*”.

Controlar positivamente a agressividade não significa ser passivo ou deixar a raiva acumular dentro de nós mesmos. Conforme Otta e Bussab (1998), a cada problema que se apresenta, em vez de engolir sapo e não dizer nada se deve manifestar realisticamente o sentimento de desagrado, na medida certa. Ao agir dessa forma a pessoa está sendo assertiva, em lugar de agressiva, dando oportunidade ao outro de reconsiderar a sua forma de agir.

Eu acho que, no geral, diminui um pouco a agressividade assim quando a pessoa começa a conhecer melhor o karate, a filosofia, percebe que a violência não vai levar a nada, que a pessoa tem que se controlar. De acordo com este relato de Saifa, percebe-se que o controle da agressividade começa de maneira significativa quando o karateca começa a conhecer melhor a filosofia das artes marciais.

O karate através de seus treinamentos ajuda o aluno a desenvolver muitas habilidades e através de seus princípios filosóficos a desenvolver importantes qualidades. Por isso é fundamental que os dois andem juntos para que, com o tempo, o praticante domine um sistema poderoso de defesa

pessoal, sem se tornar agressivo ou violento.

Apesar do karate ficar fazendo movimentos de ataque e defesa, acredito que o karate iniba o aluno de agredir um ao outro. Deixa mais tranqüilo, percebe que precisa controlar movimentos, ter mais paz para dentro de si. Comenta Gueksai-dai-ni colocando que o karate, além de controlar a agressividade e não permitir que ela seja usada para fins destrutivos, também torna seus praticantes pessoas mais calmas e tranqüilas.

Consoante a este posicionamento Kururunfa relata: *Eu acho que é um esporte que, pelo contrário, alivia o estresse e a violência das pessoas. Eu coloco a agressividade nos treinos e me tornei uma pessoa bem mais calma.*

Na estressante e agitada sociedade atual, é fundamental encontrarmos meios, como as artes marciais orientais, que tornem as pessoas mais calmas e tranqüilas para viverem com menos tensões e angustias o seu dia-a-dia. A calma também permite que possamos, diante de uma situação de conflito, refletir mais sabiamente e, desta forma, encontrar com mais facilidade soluções não violentas na sua resolução.

Shisochen diz: *o karate me aumentou responsabilidade, concentração, e força.* Fala esta que destaca a importância de sermos mais responsáveis para tornarmos melhores nossas relações com os outros.

A responsabilidade tem que estar sempre presente junto do controle para podermos melhor definir os limites. E, segundo Gaertner (1999), a diminuição de violência está intimamente associada à melhoria da noção de limites.

Como já vimos, o controle da agressividade é obtido, principalmente, pela educação da agressividade. Dito isto, devemos refletir que cabe, não somente as artes marciais, mas a todos os educadores a tarefa de proporcionar esta educação, conforme nos aponta Freire (1997, p. 80), ao dizer que:

A função do educador é promover espaços para que a agressividade de seus alunos gere a rebeldia produtiva de que eles precisam para poder construir seu conhecimento, para aprender. Um dos movimentos essenciais do educador no sentido de promover essa educação da agressividade é criar na sala de aula um espaço de interação onde as diferenças e os conflitos possam ser vividos. O professor não pode escamotear as diferenças e os conflitos. Não pode fingir que não está vendo. As diferenças e os conflitos têm de ser falados se queremos educar a agressividade.

4.4.2 A VISÃO ESPIRITUAL

O karate quando é mal praticado, quando a pessoa não sente a essência do karate, ele pode gerar um pouco de agressividade na pessoa, porque não deixa de ser uma luta. Agora se ele é praticado com sua essência, com toda a filosofia que o engloba, automaticamente a pessoa fica menos agressiva, porque ela percebe que, brigar ou não, não vai levar a nada.

Comenta Saifa destacando que, na construção de um karate não violento, é fundamental o conhecimento dos seus princípios filosóficos, principalmente, da sua essência mais espiritualista de mundo.

Com esta idéia colabora Sanseru ao relatar: *existem aqueles que seguem bastante a filosofia e não praticam a violência.*

Ao contrário do que se pensa, em decorrência das idéias pré-conceituosas sobre a violência das artes marciais, o karate, desde o início, não procura como fim maior a formação de um hábil lutador ou o desenvolvimento das ganâncias materiais, e sim, a elevação da consciência e o crescimento harmônico dos aspectos físicos, mentais e espirituais.

Conforme Oliveira Filho (1999), o karate é a arte que procura encontrar o “vazio” através do desenvolvimento do controle mental e espiritual, e da constante busca pela harmonização, abrangendo a alma, o corpo e a mente de seus praticantes.

Se buscamos a paz, devemos procurar esta harmonia não somente como seres individuais, mas segundo Schaefer (2003, p. 12), *“num mundo no qual o corpo/mente/espírito estejam conectados, possibilitando captarmos nossa sintonia com a totalidade e sentirmos que somos chamados ao ser pleno e, não, ao pedaço de ser”*.

A concepção de totalidade, como busca o pensamento das artes marciais orientais, é de extrema importância para a construção de um ser humano melhor que viva em harmonia com os outros e com o mundo. Infelizmente, segundo Mosquera e Stobäus (1984), em muitos esportes, em especial no desporto profissional e competitivo, algo que parece não ser levado em conta são, exatamente, os aspectos intelectuais, emocionais e espirituais.

Por outro lado, as artes marciais orientais têm, desde as suas origens, o pensamento da totalidade e do ser humano integrado as energias do universo. Mesmo nos tempos dos samurais, em que os confrontos mortais eram uma constância, o respeito à vida e à morte e o pensamento de não agressão já se faziam presentes. A visão dos samurais é bem colocada por Sasaki (1998, p. 8) no seguinte relato:

Não mate e nem seja morto. Eduque o bandido transformando-o numa pessoa boa, útil à sociedade. Em última instância, caso não tenha mais esperanças, extermine-o e assim o morto se transformará em vazio ou universo, salvando-se de uma vida infernal. É através do respeito e agradecimento pela vida que se conseguirá vencer as tentações da ira, do desejo infinito da ganância e da ignorância.

Tem que entender que o karate não é para violência, é para ti se entender melhor, conseguir se concentrar mais no que tu queres, ter mais paciência, tranqüilidade, nos diz Seipai, demonstrando que somente nos conhecendo teremos um melhor controle sobre nossas ações e mais tranqüilidade na resolução de inquietações e conflitos.

A busca do autoconhecimento no karate começa pela dimensão física ou exterior, no momento em que se passa a conhecer e dominar melhor as potencialidades de cada parte de nosso corpo e de nossas atitudes. Mas este autoconhecimento só se torna mais significativo quando iniciarmos a compreensão de nosso eu interior.

Porém esta busca da compreensão de quem somos não é uma tarefa fácil de ser realizada. Segundo Chug (1999, p. 114), *“as pessoas são constantemente iludidas por seu ambiente, suas mentes impuras e aversões passadas, o que as impede de dominar-se como gostariam. Todos nós deveríamos compreender quem somos, fazer o melhor possível nossos papéis e ser nossos próprios mestres”*.

A busca do melhor conhecimento de nosso interior repercutirá em mudanças significativas, tanto no desenvolvimento do nosso eu pessoal quanto na relação com o meio que nos cerca. Desta forma

Gerhardt (2005, p. 234), nos traz os ensinamentos do Tenzin Gyatso, o décimo quarto Dalai Lama, líder espiritual do Tibete:

Se você quer transformar o mundo, experimente primeiro promover o seu aperfeiçoamento pessoal e realizar inovações no seu próprio interior. Estas atitudes se refletirão em mudanças positivas no seu ambiente familiar. Deste ponto em diante, as mudanças se expandirão em proporções cada vez maiores. Tudo o que fazemos produz efeito, causa algum impacto.

No karate, através do desenvolvimento do autoconhecimento, é possível ultrapassar a dimensão dos conflitos humanos, principalmente estes interiores ao ser humano, quando encontramos o vazio. Mas devemos lembrar que, segundo Sasaki (1978), vazio não quer dizer insensibilidade ou apatia e sim convivência com todas as “cores” (alegria, ansiedade, ira, adoração, pesar, medo e ódio), sem se escravizar por nenhuma delas.

Depois o pessoal vê que o karate é exatamente interno, mais para ti, é contra você, não é contra o mundo, comenta Sanchin lembrando que no karate a luta não é contra os outros, a luta é contra nós mesmos.

Portanto, quando desenvolvemos o nosso eu interior, o eu espiritual, reconhecemos que existe uma razão específica para nossa presença nesse planeta e que não precisamos enfrentar e competir com nossos semelhantes.

A violência eu acho que diminui um pouco, porque tu ficas com uma consciência um pouco mais aberta. Que tu saber lutar não quer dizer que tu tenhas que lutar e demonstrar violência. Com esta fala Shisohen aponta que para o karateca buscar comportamentos e atitudes contra a violência, fundamentalmente, deve seguir o seu desenvolvimento na espiral da consciência das artes marciais, conforme já abordado no capítulo dois.

Na espiral da consciência das artes marciais o karateca passa por diversos estágios, nos quais desenvolve aspectos corporais, mentais, emocionais e espirituais, para tentar chegar, ao todo, a sintonia plena com o universo, mesmo que este intento seja impossível na forma plena.

Uma consciência ampliada permite, segundo Schaefer (2003), a possibilidade de estabelecer as conexões com o mundo e uns com os outros, o que traz para a vida alegria, significado e desejo de transcender, ir além, atravessar a “zona de conforto”, responsável pela acomodação e pelo imobilismo.

Quanto aos conflitos exteriores ao ser humano pode ser dito, segundo Sasaki (1978), que o verdadeiro propósito do karate é treinar de tal forma que possibilite ao praticante viver de maneira agradável e digna, sem criar problemas a outros, sem temer o forte ou poderoso, sem se humilhar ante o homem de influência e sem se tornar cego pelas riquezas terrestres.

Conhecendo melhor o karate a gente percebe que não é só luta, que tem uma essência, toda uma filosofia de vida, até muito bonita, complementa Saifa.

Se quisermos construir um futuro melhor, em que o ser humano passe a ser mais pacífico, equilibrado e feliz, devemos procurar caminhos de transformação, sobretudo na esfera espiritual. Dentre estes caminhos, encontramos como opção a prática das verdadeiras artes marciais orientais embasadas em seus princípios filosóficos e espirituais.

Portanto, segundo Araújo (2005, p. 23), *“quanto mais se conhece sobre arte marcial, mais se percebe que estas artes de guerra são na verdade artes da paz e para a paz”*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma longa jornada começa com um único passo. (Lao-Tsé, escrito chinês)

Este pensamento de Lao-Tsé conduz a reflexão de que ao chegarmos nesta etapa da pesquisa não podemos considerar como terminada a jornada, mas como tendo sido dado o primeiro e importante passo na busca de uma verdadeira caminhada. Evidentemente, chega-se neste intento aliviado, por estar concluindo uma difícil embora prazerosa etapa, mas também com o espírito ávido em dar continuidade às inquietações e reflexões que a presente pesquisa trouxe.

Após trilharmos por estas páginas que discorrem sobre: o karate visto como uma arte marcial espiritual embasada na cultura oriental, as conceituações e relacionamentos da agressividade e violência no meio escolar e nos esportes e as dimensões emergentes das análises das percepções dos entrevistados juntamente com a discussão teórica sobre agressividade e violência, podemos acreditar que existem caminhos para a construção de um ser humano mais integral e que consiga viver em harmonia com seus semelhantes.

A partir da construção desta Dissertação, isto é, das falas e de nossas reflexões e do uso de autores em que nos fundamentamos, podemos vislumbrar novos horizontes a serem conscientizados, refletidos e percorridos a partir das seguintes conclusões levantadas:

- A crescente onda de violência que somos submetidos diariamente decorre, principalmente, do estresse causado pelo ritmo agitado do mundo moderno, da pouca tolerância e controle para enfrentarmos situações de conflito, da visão materialista e competitiva que a sociedade nos impõe e das mais diversas formas de injustiça. A violência é, portanto, uma das mais inquietantes preocupações que precisamos enfrentar para construirmos um ambiente no qual o ser humano possa conviver e prosperar com harmonia e felicidade.

- A escola, como parte integrante da sociedade, também deixou de ser um local seguro e de integração social e vem se transformando num ambiente de constantes ocorrências violentas. Portanto, para se mudar esta situação e encontrarmos caminhos para a construção de culturas de paz no atual meio escolar, devemos buscar medidas tais como: a criação de uma conscientização do fenômeno da violência e suas conseqüências, a melhora do diálogo entre professores e alunos, o despertar de uma maior motivação e a implantação de uma visão mais espiritualizada no ambiente escolar.

- Contrapondo a violência atual, diversos movimentos, entidades e até indivíduos começam a procurar meios para combater ou diminuir este mal. Os esportes e as artes marciais, em particular, são excelentes opções de caminhos para atingirmos estes objetivos. E, dentre as artes marciais, a pesquisa elegeu o karate para conduzir as percepções dos entrevistados e vislumbrar as influências que este pode conduzir na construção de culturas de paz, busca de uma melhor saúde e construção de um ser mais harmônico e integral.

- O karate é uma arte marcial que busca uma simbiose da cultura oriental com a cultura ocidental, com destaque, principalmente, na conscientização da busca de uma visão mais espiritualista para contrapor com a nossa cultura extremamente materialista. A importância do conhecimento e da

compreensão da visão do oriente em consonância com a visão do ocidente, não deveria ficar restrita a setores como o karate, mas ser difundida em toda a nossa sociedade, como um valioso meio de busca de uma maior valorização do “ser” em relação ao “ter”.

- A busca da simbiose revela que não devemos importar ou impor medidas tão diferentes de nossa cultura, mas abriremos nossas mentes para outras culturas, respeitando seus contextos e adaptando-os as nossas realidades, para então formarmos uma nova concepção para nossas vidas. Assim como é feito no karate, que embora baseado na cultura oriental, sua prática aqui no ocidente busca uma sintonia com a nossa cultura, não o imitando conforme acontece no Japão, mas adaptando-o de forma que se respeite e valorize as diferenças.

- Infelizmente o karate é visto por muitos com uma imagem pré-conceituosa de um esporte violento e agressivo, principalmente, como decorrência da falsa imagem transmitida pelos filmes e pela mídia em geral e pelo aparecimento de outras lutas que, diferente das verdadeiras artes marciais, são totalmente destituídas de princípios filosóficos.

- A diferença de concepção e atitudes de agressividade e violência entre os karatecas iniciantes e os mais veteranos é, segundo os entrevistados, bastante grande, o que nos leva a deduzir que durante o tempo de treinamento estes evoluem suas consciências, percorrendo uma espiral como a descrita no capítulo dois.

- O desenvolvimento da consciência obtido durante os anos de treinamento do verdadeiro karate melhora o conhecimento e domínio de seus praticantes. A escalada do aumento de consciência no karate percorre diversos estágios, levando seus praticantes a desenvolverem potencialidades nos aspectos físicos, mentais, emocionais e, principalmente, espirituais.

- No aspecto físico o karate possibilita, além de um melhor condicionamento e saúde, a possibilidade de conhecermos melhor o nosso corpo para então dominá-lo. O treinamento físico também possibilita descarregar mais eficientemente as agressividades e tensões acumuladas no dia-a-dia.

- O karate leva, com o decorrer dos anos de treinamento, a se ter o controle mental sobre o físico e o emocional, proporcionando fazermos reflexões antes de agir diante dos mais diversos conflitos. A preocupação de enfrentarmos e vencermos os outros passa para uma disputa e superação interior, de combate contra nossas próprias fraquezas, medos e receios.

- Quando chega no estágio espiritual o karate busca desenvolver a meditação, a reflexão de uma visão descomprometida com os extremos na qual nunca existe uma única verdade e a noção do ser humano vivendo em paz e sintonia com o universo e fazendo parte de uma totalidade energética. Nesta fase o karate possibilita, geralmente, que possamos, diante das mais diversas situações de conflito, refletir, respeitar e compreender os pontos de vista divergentes do nosso, para então conduzir a soluções não violentas a resolução de problemas.

- Quando conhecemos melhor nossos potenciais e aprendemos a controlá-los, começamos a desenvolver condutas não agressivas, porque, muitas vezes, somos violentos simplesmente por sermos inseguros e não conhecermos nossas capacidades e nossos autocontroles.

O desconhecido nos dá medo e ao medo, geralmente, se reage com violência.

- O desenvolvimento de condutas não violentas em karatecas é extremamente significativo,

porque diferente de outras práticas como o tai-chi-chuan ou a yoga, em que as pessoas já as procuram com uma visão antiviolença, no karate, muitas vezes, ocorre o contrário. No início muitos buscam o karate como uma forma de vingança, de proteção ou para aprender uma luta violenta, para ser usada contra seus opositores. Mas, com o passar do tempo e de treinamento, conforme retratado pelos entrevistados, estas práticas desenvolvem suas consciências e mudam estas concepções, tornando então o karate num instrumento de não violência.

- O karate desenvolve em seus praticantes uma melhora na auto-estima positiva, permitindo a eles ter uma visão mais realista de suas possibilidades, defeitos e virtudes, como também uma maior confiança para enfrentar medos e angustias. Desta forma, o melhor autoconhecimento também contribui como um fator inibidor da violência.

- O treinamento do karate também desenvolve o sentido de cortesia, principalmente, pelo respeito e valorização dos outros e de todo o universo.

- A influência da parte competitiva do karate sobre o aumento ou não da agressividade e violência foi o item que mais dividiu a opinião dos entrevistados. Mas, buscando as opiniões dos dois karatecas mais antigos, pode-se perceber que com o amadurecimento da consciência do verdadeiro espírito do karate, o significado e os objetivos de competir também evoluem. Desta forma, o ganhar ou perder passam a ter um significado secundário, pois o que realmente interessa é a busca de entendimento e mesmo superação de seu potencial de força interior. Portanto, um karateca pode competir sem deixar de lado os princípios filosóficos, que são a essência do verdadeiro karate.

Por isto, através dos levantamentos desta pesquisa podemos considerar que o karate é, de uma forma significativa, um excelente instrumento na Educação para a Paz e na Educação para a Saúde.

Na Educação para a Saúde pelo desenvolvimento do condicionamento físico em geral, por funcionar como uma espécie de válvula de escape psicológica, para o alívio de tensões e estresses causadores de diversas enfermidades e, principalmente, por se preocupar com o desenvolvimento harmonioso do indivíduo, levando em conta não somente o aspecto físico, mas também o mental, o emocional e o espiritual.

Na Educação para a Paz principalmente pelo controle da agressividade e pela procura de uma maior espiritualidade que levam seus praticantes a tomarem atitudes não violentas, perante situações em que tenham de resolver conflitos.

Desta forma, vejo também a necessidade de que, na atualidade, mais instituições escolares, políticas ou sociais busquem Projetos como os descritos no capítulo dois, nos quais práticas esportivas saudáveis levam a construção de culturas de paz e culturas de saúde.

Por fim, levando em conta todas estas considerações, este singelo estudo aqui apresentado tem por meta plantar uma pequena semente, mostrando que podemos, através de práticas como a do ensino do karate, auxiliar a construir seres humanos mais harmoniosos e integrados com seus semelhantes e com todas energias do universo, tornando o mundo mais humano, justo e menos violento.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ALMEIDA, Eduardo. Arte marcial não é porrada. **Fighter Magazine**, São Paulo: Escala, n. 5, p. 10-11, 2005.

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- ARAÚJO, Eliezer Magno Diógenes de. Agressividade X Violência. **Fighter Magazine**, São Paulo: Escala, n. 5, p. 23, 2005.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BECKER JUNIOR, Benno. La influencia de la educación física y del deporte en los niveles de ansiedad y de agresividad de alumnos adolescentes. **Medicina del ejercicio**, v. 10, n. 1, p 21-28, ene./jun. 1995.
- _____. A violência e a agressão no esporte. **Revista estudos**, Novo Hamburgo, v. 3, n. 1, p.30-32, 1980.
- BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª Região Militar**. Porto Alegre: Comando da 3ªRegião Militar, 1995.
- BERTRAND, Jean Paul; NICOLESCU, Basarab; LELOUP, Jean-Yves (ET ALL Groupe 21). **O homem do futuro: um ser em construção**. São Paulo: Triom, 2002.
- BITTENCOURT, Aline Duran da S. de. Agressividade: fatores que influenciam negativamente a conduta da criança. **Revista do professor**, v. 20, n. 77, p. 45-47, jan./mar.2004.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA DEFESA. Exército Brasileiro. Departamento de Ensino e Pesquisa. **Plano de Área de Estudo (PLAEST)**. Brasília, 2002.
- BURKHARDT, Fabiano. Proteja seu filho do bullying. **ZH Escola**, Zero Hora, Porto Alegre, n. 84, p. 1-3, 13 out. 2003.
- CAPEZ, Fernando. **Consentimento do ofendido e violência desportiva**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- CHUG, Tsai Chih. **Zen em quadrinhos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- COSTAS, Ruth. Com medo dos alunos. **Revista Veja**, n. 1904, p. 62-66, mai. 2005.
- CRATTY, Bryan. **Psicologia no esporte**. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1989.
- DEBARBIEUX, Eric. **Desafios e alternativas: violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003.
- DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- _____. **Violência nas escolas: dez abordagens européias**. Brasília: UNESCO, 2002.
- D'ELIA, Ricardo. O importante é competir. **Revista Karate**, São Paulo, n. 1, p. 66, 1987.
- DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC; UNESCO, 2003.
- E.F. – EDUCAÇÃO FÍSICA. Artes Marciais. **E.F. – Educação Física**, CONFEF, Rio de Janeiro, ano I, n. 23, p. 3-9, jun. 2002.
- ENCICLOPÉDIA ARTES MARCIAIS**. Rio de Janeiro: Século Futuro, 1986.
- ENGERS, Maria Emília. A pesquisa no contexto da universidade: um olhar para a realidade da PUCRS. **Educação brasileira**, Brasília, v.22, n. 44, p. 131-154, jan./jun. 2000.
- FERNANDEZ, Alicia. Agressividade: qual o teu papel na aprendizagem? In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (org.). **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FREIRE, Madalena. Agressividade. **Revista do GEEMPA**, n. 5, p. 74- 81, mar. 1997.

FREUD, Anna. Comments on aggression. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 53, p.163- 171, 1972.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2002.

GAERTNER, Gilberto. Muito além da competição. **Revista Kiai**, São Paulo: Sport Press, p.60-61, 1999.

GEEN, Russell; QUANTY, M. The catharsis of aggression: an analysis of a hypothesis. In: BERKOWITZ, Leonard. **Advances in experimental social psychology**. New York: Academic Press, v. 10, 1977.

GERHARDT, Luiza Maria. **Educação para a paz na educação em saúde: testemunhos de professor enfermeiro da área da saúde da criança e do adolescente**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da PUC, Porto Alegre.

GUERGUEN NETO, Francisco. Psicologia e artes marciais. **Revista Artes Marciais do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 2, p. 11, 1995.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **A educação para a paz na crise da metafísica: sentidos, tensões e dilemas**. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre.

HUERTAS, Juan Antonio. **Motivación. Querer aprender**. Buenos Aires: Aiqué, 2001.

HUERTAS, Juan Antonio; ARDURA, Arancha. Socialización y Desarrollo de los motivos: Una perspectiva sociocultural. **Revista Educação**, Ano XXVII, n. 1, p. 11-37, jan/abr. 2004.

HYLOEA. A proposta pedagógica do Sistema Colégio Militar do Brasil. **Hyloea**, CMPA, Porto Alegre, v. 73, n. 73, p. 16-17, 1998.

JESUS, Saul Neves de; SANTOS, Joana Conduto Vieira. Desenvolvimento profissional e motivação dos professores. **Revista Educação**, Ano XXVII, n. 1, p. 39-58, jan/abr. 2004.

MEDEIROS, Laudelino. **Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911: significado cultural**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 1992.

MILLER, Don Ethan. Estado de graça. **Seleções do Reader's Digest**, p. 41-44, set. 1980.

MORA, Francisco. **Contínuum: como funciona o cérebro?** Porto Alegre: Artemed, 2004.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. **Psicologia do desporto**. Porto Alegre: Universidade, UFRGS, 1984.

NAGAMINE, Kazuo. O karate no treinamento desportivo de atletas de elite. **Revista Âmbito Medicina Desportiva**, n. 3, p 27-32, 1995.

OLIVEIRA FILHO, Arthur Xavier. **A educação no karate**. Porto Alegre: Independente, 1993.

_____. **Karate o caminho**. Porto Alegre: Independente, 1997.

_____. **Karate arte e luta**. Porto Alegre: Opção 2, 1999.

ORTEGA, Rosário; DEL REY, Rosário. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília: UNESCO, 2002.

OTTA, Emma; BUSSAB, Vera Silvia Raad. **Vai encarar? Lidando com a agressividade**. São Paulo: Moderna, 1998.

PEREIRA, Fausto. Escola Maria Anita: amor e alegria no fazer pedagógico. **TV escola**, Ministério da Educação, Brasília, n. 34/35, p. 32-37, mar./jun. 2004.

PINEDA, Silvana Schuler. **Hyloea: o feminino na revista dos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre (1922-1938)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da

UFRGS, Porto Alegre.

_____. O Casarão da Várzea e sua história. **Hyloea**, CMPA, Porto Alegre, v. 73, n. 73, p. 6-11, 2000.

POZO, Juan Ignácio. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem** Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIO GRANDE DO SUL. **Por uma cultura da paz**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa, 2003.

SASAKI, Yasuyuki. **Karate-do**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1978.

_____. **1ª Clínica de karate-do tradicional: karate-do como instrumento de educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, 1998.

SCHAEFER, Andréa. **Inteligência espiritual ampliada e prática docente bem sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a educação**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da PUC, Porto Alegre.

SILVA, Antonio Felipe da. **Karate: esporte ou arte?** Cascavel: Tuicial, 1984.

SOLIDÁRIO. Auto-estima e inclusão social através do judô. **Solidário**, Porto Alegre, ano X, n. 428, p. 1-7, out. 2004.

STORR, Anthony. **A agressão humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

TAGNIN, Antonio Carlos Gotuzzo. **O verdadeiro caminho do karate**. São Paulo: Edigraf, 1973.

TRAIN, Alan. **Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis**. Campinas: Papirus, 1997.

WILBER, Ken. **Uma teoria de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2003.

WINNICOTT, Donald. **Privação e delinqüência**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WOLFGANG, Charles. **Como ajudar a los preescolares pasivos y agresivos mediante el juego**. Buenos Aires: Paidós, 1979.



Praticantes de Kalaripayattu (sistema procedente de Kerala, Índia), executando o ritual de iniciação à arte; a energia ki canaliza-se através dos braços e das mãos e dirige-se ao altar situado no canto.

Ki
A energia psicofísica, conhecida como ki, é de importância fundamental para as artes marciais. Desenvolvendo-a por meio da respiração e da concentração e dirigindo-a por meio da vontade, pode-se atuar não apenas sobre o interior do próprio corpo, como também sobre objetos situados à distância.

O mestre Lew executa um exercício de respiração do sistema "Palma de Ferro", destinado a carregar as mãos de energia. Utilizando esta técnica, um praticante experiente pode, como facilidade, quebrar um ladrilho com uma palmada. Um verdadeiro mestre é capaz de golpear a parte superior de uma pilha de ladrilhos e quebrar apenas um que tenha sido escolhido antecipadamente.



Quando o ki adquire um grande desenvolvimento, pode ser utilizado por todas as zonas do corpo e de formas muito variadas. Pode ser utilizado para tornar a mão numa arma de poder contínuo ou para curar feridas e enfermidades. Uma de suas aplicações, mais espetaculares, consiste em utilizá-lo como escudo protetor. Um mestre de ki pode aguentar golpes sobre qualquer parte do corpo sem que isto lhe provoque qualquer tipo de sofrimento. Pode servir inclusive como proteção contra armas afiadas, na foto da dança *bolero* - na qual os participantes entram em trauze - pode apreciar-se como o iniciado cria a um ki, perfeitamente afiado sobre o braço sem que se produza nem um arranhão.



O ki não tem qualquer relação com a força muscular normal. Do ponto de vista ocidental, a foto do agente ao título de *Mister Universo* e a de *Woody Allen* são perfectos exemplos de força e de defedidade físicas. Contudo, a potência do ki não requer nenhum esforço e não tem nada a ver com músculos, rjos e valvulas; assim o demonstra O-Sensei Ueshiba, que permanece imóvel e descontraído, enquanto seu oponente tenta fazê-lo perder o equilíbrio.



No *kiu* (literalmente, "união de energias") a energia de todo o corpo e do espírito concentra-se num grão. Este grão pode por si mesmo provocar a perda de conhecimento ou até mesmo a morte; também pode ser utilizado para recuperar a consciência de outrem. Nas artes marciais, costuma utilizar-se para reunir todo o poder de um indivíduo e fazer com que o oponente perca momentaneamente a concentração. A foto capta o momento em que o oponente tem perdido a concentração.



entrevista, e que a sua decisão não implicará prejuízo ou desconforto pessoal.

Todas as informações serão tratadas de modo confidencial e anônimo. Os dados poderão ser divulgados para fins de estudo, mantendo-se o cuidado de assegurar o anonimato do participante.

Agradeço sua participação e informo o meu telefone para contato: (51) 91519490, no caso de desejar algum esclarecimento.

Por meio deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que recebi explicações sobre os objetivos do presente estudo, bem como de seus procedimentos, benefícios e possíveis riscos.

Afirmo, também, que fui esclarecido sobre a garantia de privacidade e do anonimato das informações que forneci; que receberei uma cópia para conferir os dados; e que haverá a destruição posterior da fita utilizada para registrar a minha entrevista; bem como os dados recolhidos servirão apenas para estudo e divulgação com fins científicos.

Eu, _____, abaixo assinado, autorizo a utilização de meus dados para a elaboração e a divulgação do estudo proposto.

Porto Alegre, ____/____/____

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Nome do pesquisador: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B214p Bandeira, Helio Riche

Percepções de alunos de karatê sobre agressividade / violência: aplicações educacionais no ensino de artes marciais. – Porto Alegre, 2006.

129 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Clauss Dieter Stobäus.

1. Educação Física. 2. Artes Marciais.

3. Karatê. 4. Agressividade. 5. Espiritualidade.

6. Educação para a Paz. I. Título.

• CDD 796.8153

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437